

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Rino Curti

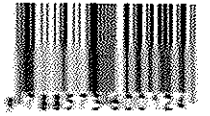
A mediunidade é faculdade de comunicação comum a todas as pessoas, embora por médium se entenda aquele que a apresenta de forma característica. E a apresenta assim para o exercício da tarefa mediúnica, em consequência de certas disposições psíquicas, acentuadas por processos a que se submeteu no Plano Espiritual, em função de ter assumido o compromisso de exercer a tarefa que lhe foi programada cuja característica aqui se revela de forma semelhante a dos diferentes talentos como o da música, do esporte, das atividades em geral.

O que se evidencia, neste livro, é que a mediunidade, a semelhança de qualquer outro talento, para o exercício, não prescinde da aquisição de certas técnicas de utilização e da compreensão de suas finalidades.

Isto implica em estudo, submissão a certas disciplinas de comportamento, normas de conduta, que a Doutrina Espírita esclarece, cuja realização denomina de "Desenvolvimento Mediúnico", e cujo resultado é a realização do "médium espírita".

LAKE

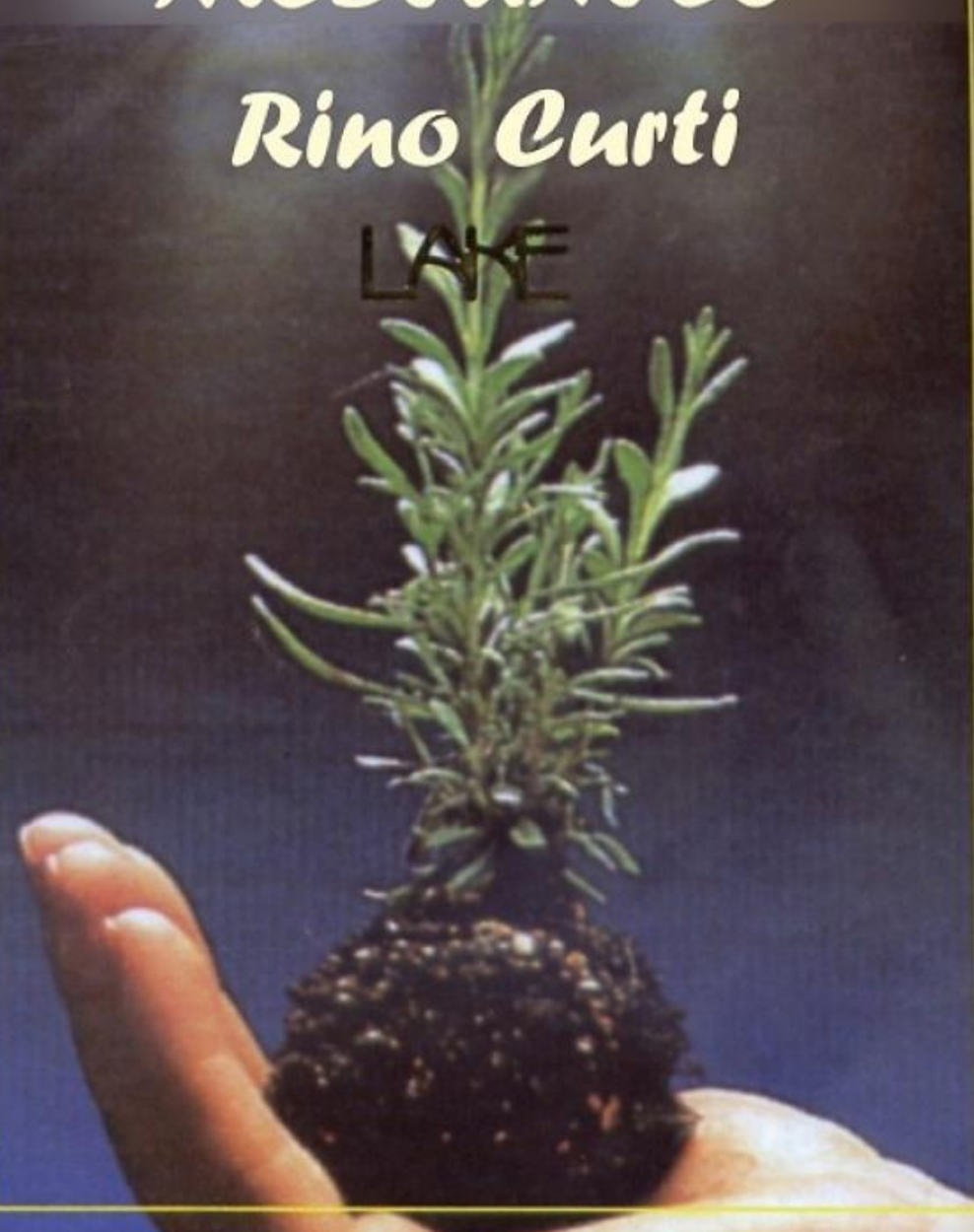
ISBN 85-7360-012-8



DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Rino Curti

LAKE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ESCOLA DE EDUCAÇÃO EVANGÉLICA ESPÍRITA

TOMO 2

VOL. 2

PROF. RINO CURTI

(Presidente da Coligação Espírita Progressista)

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

LAKE - Livraria Allan Kardec Editora (Instituição Filantrópica)
rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
Tel.: 011-229.1227 • 229.0526 • 227-1396
FAX: 229.0935 • 227-5714
São Paulo - BRASIL

3ª Edição - Do 11º ao 20º milhares

Janeiro - 1997

Nota: A LAKE é uma entidade sem fins lucrativos, cuja diretoria não possui remuneração.

Capa: Rob

ISBN: 85-7360-012-8

LAKE - Livraria Allan Kardec Editora

(Instituição Filantrópica)

rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020

Tel.: 011-229.1227 • 229.0526 • 227-1396

FAX: 229.0935 • 227-5714

São Paulo - BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curti, Rino, 1922 -

Desenvolvimento mediúnico/ Escola de Educação Mediúnica/
Rino Curti. 3ª edição - São Paulo: LAKE, 1997. - (Escola de edu-
cação mediúnica; t.2, v..2)

Bibliografia.

1. Espiritismo 2. Médiuns I. Série

89-0397

CDD-133.91

-133.9

Índices para Catálogo Sistemático:

- | | |
|-----------------------------|--------|
| 1. Espiritismo | 133.9 |
| 2. Mediunidade: Espiritismo | 133.91 |

LIVROS DAS ESCOLAS

— **CURSO BÁSICO**

Vol. 1 — Espiritismo e Reforma Íntima

Vol. 2 — Espiritismo e Evolução

— **CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA ESPÍRITA**

1.º Ano — Tomo I

Vol. 1 — Cristianismo

Vol. 2 — Mediunato

2.º Ano — Tomo II

Vol. 1 — Dor e Destino

Vol. 2 — Desenvolvimento Mediúnico

3.º Ano — Tomo III

Vol. 1 — Mediunidade em Ação

Vol. 2 — Mediunidade: Instrumentação da Vida

4.º Ano — Tomo IV

Vol. 1 — O Passe (Imposição de Mãos)

Vol. 2 — Espiritismo e Obsessão

— **CURSO DE EDUCAÇÃO EVANGÉLICA ESPÍRITA**

1.º Ano — Tomo I

Vol. 1 — Monoteísmo e Jesus

Vol. 2 — Homem Novo

2.º Ano — Tomo II

Vol. 1 — Do Calvário ao Consolador

Vol. 2 — Bem-Aventuranças e Parábolas

3.º Ano — Tomo III

Vol. 1 — As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João
(Segundo o Espiritismo)

Vol. 2 — Espiritismo e Questão Social

4.º Ano — Tomo IV

Vol. 1 — Espiritismo e Sexualidade

Vol. 2 — Espiritismo e Liberdade

— CURSOS DO DIVULGADOR E EXPOSITOR ESPÍRITA

1.º Ano — O Divulgador Espírita

Vol. I — 1.ª parte

Vol. II — 2.ª parte

2.º Ano — O Divulgador Espírita

Vol. III — 3.ª e 4.ª partes

— CURSO DO DIVULGADOR ESPÍRITA

3.º e 4.º Anos — Em elaboração

— CURSO DO EXPOSITOR ESPÍRITA

3.º e 4.º Anos — Em elaboração

ÍNDICE

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO E NÃO SALVAÇÃO

| | |
|--|----|
| 1. Dor e Salvação | 11 |
| 2. Nova conceituação evolucionista | 14 |
| 3. Dor-Expição | 16 |
| 4. Aprendizado e Evolução | 18 |
| 5. Dor-Evolução e Dor-Auxílio | 19 |
| a. Bibliografia | 21 |
| b. Leituras Complementares | 21 |
| c. Perguntas | 22 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 22 |
| e. Aula Prática | 22 |

CAPÍTULO II

DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

| | |
|---|----|
| 1. Crescimento espiritual | 23 |
| 2. Preparação para o trabalho mediúnico | 24 |
| 3. A epífise ou glândula pineal | 28 |
| a. Bibliografia | 33 |
| b. Leituras Complementares | 33 |
| c. Perguntas | 33 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 34 |
| e. Aula Prática | 34 |

CAPÍTULO III

PARASITISMO E BACIOS PSÍQUICOS

| | |
|----------------------------------|----|
| 1. Talento | 35 |
| 2. Dotes mediúnicos | 36 |
| 3. Alguns casos | 38 |
| 4. O Vampirismo | 40 |
| 5. Influenciação | 42 |
| 6. Revelação Estarrecedora | 44 |
| a. Bibliografia | 46 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| b. Leituras Complementares | 46 |
| c. Perguntas | 46 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 46 |
| e. Aula Prática | 46 |

CAPÍTULO IV

DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

| | |
|--|----|
| 1. O Estágio ainda inferior do homem | 49 |
| 2. A natureza à espera da compreensão do homem | 51 |
| 3. O fim dos tempos | 53 |
| 4. Vampiros | 55 |
| 5. Oração — O maior antídoto contra o vampirismo | 57 |
| a. Bibliografia | 59 |
| b. Leituras Complementares | 60 |
| c. Perguntas | 60 |
| d. Práticas de Renovação Íntima | 60 |
| e. Aula Prática | 60 |

CAPÍTULO V

REFLEXOS

| | |
|---|----|
| 1. Atividades reflexas | 63 |
| 2. A inteligência | 65 |
| 3. Hereditariedade | 65 |
| 4. Reflexos congênitos | 67 |
| 5. Reflexos condicionados | 69 |
| 6. Reflexos condicionados psíquicos | 70 |
| 7. Sugestão | 71 |
| 8. A tirania dos fracos | 73 |
| a. Bibliografia | 74 |
| b. Leituras Complementares | 75 |
| c. Perguntas | 75 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 75 |
| e. Aula Prática | 75 |

CAPÍTULO VI

SUGESTÃO E PASSIVIDADE

| | |
|---|----|
| 1. Educação e comunicação | 77 |
| 2. O hipnotismo | 80 |
| 3. Idéias — Tipo e reflexos individuais | 83 |
| 4. Hipnose e telementação | 84 |
| 5. Sugestão e afinidade | 84 |
| a. Bibliografia | 88 |
| b. Leituras Complementares | 88 |
| c. Perguntas | 88 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 88 |
| e. Aula Prática | 88 |

CAPÍTULO VII

O MEDIUM E SUAS DIFICULDADES

| | |
|--|-----|
| 1. Capacidade receptiva | 91 |
| 2. O tratar com médiuns | 93 |
| 3. Animismo | 95 |
| 4. Embaraços da tarefa mediúnica | 97 |
| 5. Os fatores do sucesso na tarefa mediúnica | 100 |
| a. Bibliografia | 102 |
| b. Leituras Complementares | 102 |
| c. Perguntas | 102 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 102 |
| e. Aula Prática | 103 |

CAPÍTULO VIII

PSICOFONIA CONSCIENTE

| | |
|--------------------------------------|-----|
| 1. Simbiose prejudicial | 105 |
| 2. MEDIUM consciente | 107 |
| 3. Observação | 110 |
| 4. Doutrinação | 111 |
| 5. Projeção das lembranças | 113 |
| a. Bibliografia | 115 |
| b. Leituras Complementares | 115 |
| c. Perguntas | 115 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 116 |
| e. Aula Prática | 116 |

CAPÍTULO IX

PSICOFONIA SONAMBÚLICA

| | |
|--------------------------------------|-----|
| 1. Atendimento espiritual | 117 |
| 2. A riqueza | 119 |
| 3. A comunicação | 124 |
| a. Bibliografia | 128 |
| b. Leituras Complementares | 128 |
| c. Perguntas | 128 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 129 |
| e. Aula Prática | 129 |

CAPÍTULO X

A PASSIVIDADE EM PROCESSOS REEDUCATIVOS

| | |
|---|-----|
| 1. Diferentes graus de passividade | 131 |
| 2. Religião: Cura e desenvolvimento do espírito | 134 |
| 3. O problema da eutanásia | 136 |
| 4. Epilepsia | 138 |
| a. Bibliografia | 143 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| b. Leituras Complementares | 143 |
| c. Perguntas | 143 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 143 |
| e. Aula Prática | 143 |

CAPITULO XI

MEDIUNIDADE DE PROVAÇÃO

| | |
|--------------------------------------|-----|
| 1. Sustentação na tarefa | 145 |
| 2. Possessão | 146 |
| 3. Sonambulismo torturado | 151 |
| a. Bibliografia | 155 |
| b. Leituras Complementares | 155 |
| c. Perguntas | 155 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 155 |
| e. Aula Prática | 155 |

CAPITULO XII

HIPNOSE E MEDIUNIDADE

| | |
|---|-----|
| 1. As diversas passividades | 159 |
| 2. O fenômeno hipnótico | 160 |
| 3. Hipnoterapia | 162 |
| 4. Objetos e reflexos específicos | 162 |
| 5. O transe mediúnico | 165 |
| 6. Quem são os médiuns | 166 |
| a. Bibliografia | 169 |
| b. Leituras Complementares | 169 |
| c. Perguntas | 169 |
| d. Prática de Renovação Íntima | 170 |
| e. Aula Prática | 170 |

APRESENTAÇÃO

A mediunidade é uma faculdade do ser humano, e como qualquer outra, está na íntima dependência da personalidade e do equilíbrio físico e mental do indivíduo.

Neste volume mostra-se que ela, na essência, é a faculdade de apassivação, possível em diversos graus: a atenção, a concentração, a hipnose, a letargia, a epilepsia, o sonambulismo, o êxtase, nos quais uma mente se torna receptiva aos estímulos de outra, e entregue ao seu comando de forma crescente, segundo esse grau.

A atenção já é uma forma passiva da mente, de receptividade e assimilação de valores de outra; a concentração num assunto emite idéias e recebe outras, no fenômeno da indução mental; as outras formas já estabelecem um comando de uma pessoa sobre outra.

As atitudes que se enquadram na falta de educação e grosseria, já constituem, de "per si", abertura a possíveis infecções fluídicas, que podem conduzir a mente a desequilíbrios e quedas penosas. O espírito que adquire culpas, pelo remorso e pelo arrependimento, abre as portas da própria passividade aos credores, que reclamam reajustes, em situações nas quais ninguém está livre de incorrer, desde que se abandone à invigilân-

cia e à indisciplina. Neste caso, esta faculdade passa a denominar-se mediunidade de prova e, por estar sendo exercitada, amplia-se.

Nestas condições, os espíritos, ao readquirirem o equilíbrio, estão de posse de uma forma de mediunidade construtiva, pela qual podem servir de intermediários ao Plano Maior, para as tarefas concernentes ao bem geral.

Embora não seja este o único caminho pelo qual despontam médiuns, há muitos que provêm dele, e o desenvolvimento mediúnico passa a ser fase final de tratamento, antes de que possam adquirir responsabilidade definida no mediunato.

De qualquer forma, o desenvolvimento mediúnico, acompanhado de reforma íntima, é a exercitação do médium para adquirir o melhor do seu estado espiritual, assim como o treinamento, dentro de um padrão de vida perfeitamente regrado, é a exercitação para um esportista atingir o seu melhor estado atlético.

E isto é, essencialmente, aquilo de que trata este volume, ressaltando-se, mais uma vez, que a evangelização é o fundamento de qualquer intermediação de alto teor, “não havendo bom médium se não houver homem bom”.

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO E NÃO SALVAÇÃO

1 — DOR E SALVAÇÃO

O problema da dor sempre constituiu a principal preocupação dos homens, uma questão para a qual as Religiões sempre deram resposta, diferente em cada uma quanto à origem e à razão de ser, mas essencialmente idênticas quanto às causas e à solução, todas indicando um único caminho: o da prática do bem e das virtudes. Diferentes quanto às concepções humanas acerca da Divindade, da Criação, do Destino; idênticas quanto ao conteúdo das revelações emanadas do Plano Maior.

Fixando-nos apenas nas duas correntes principais temos que:

— Para os PANTEÍSTAS, a dor é conseqüência dos desejos que a alma alimenta em relação à matéria. Isto a separa da Divindade e a envolve no ciclo das reencarnações, submetendo-a à lei do Karma, no que está insito o processo da dor. O subtrair-se a ele consiste em anular os desejos relativos à matéria, na prática da renúncia, do bem, das virtudes, em conseqüência do que a alma voltará a reintegrar-se com Deus, assim como a gota d'água se integra na massa do oceano, ([1], Cap. 11);

— Para os TEÍSTAS, o homem, criado por Deus e destinado a viver no Éden uma vida beatífica e feliz, foi dali expulso e condenado a viver esta vida, com sua descendência, por castigo. Desta forma a dor é punição e castigo, resultado desse pecado original e de outros, que também constituem um desrespeito à Autoridade Divina.

— Para os CRISTÃOS, Jesus é o Salvador, no sentido de que Ele veio ressarcir a dívida da humanidade para com o Criador, restaurando a possibilidade dos homens poderem voltar a desfrutar do convívio com a Divindade, na eternidade.

Jesus, para eles, é o próprio Deus encarnado: a segunda pessoa — o Filho. A ofensa dirigida a Deus e que pesa sobre os homens é a do pecado original, proporcional à Sua Grandeza, infinita portanto, não estando nas suas possibilidades ressarcí-la. Por isto o Altíssimo fez-se homem na pessoa do Filho para, com o sacrifício na cruz, resgatar a dívida, liberando o homem desse ônus que ele não poderia eliminar. Mas este, em vida, para poder beneficiar-se desta liberação, tem que filiar-se à Igreja, receber o batismo, submeter-se aos diferentes sacramentos, não cometer mais pecados e receber a absolvição final, através dos representantes da Igreja. Mas, acima de tudo, praticar o bem, as virtudes cristãs: a caridade, a humildade, brandura, a justiça, a bondade. . . Morto, sobrevive-lhe a alma que terá de aguardar a Ressurreição no fim dos tempos, o juízo final, oportunidade em que a alma retomará o próprio corpo, reconstituindo a pessoa integral, após o que será reconduzido à convivência com Deus, ou condenado às penas eternas. Isto porque a alma, segundo esta concepção, não constitui uma pessoa; a alma não pode exercer, separada do corpo, todas as funções de um ser comple-

to: não tem sensações vive apenas a vida racional. E que a ressurreição existe, dizem, prova-o a ressurreição do Cristo, acontecida três dias após a sua morte, na qual, retomando o próprio corpo, subiu aos céus para a sua glória eterna.

Esta é a razão pela qual se designa Jesus de Salvador.

Estas concepções correspondem ao estágio evolutivo de uma época em que o conhecimento do homem era ainda muito incipiente, fundamentado em parcos recursos, estruturado na simbologia mitológica.

Diz-se que a Filosofia é a mãe de todas as ciências, porque o saber, de uma maneira geral, iniciou-se com ela. As ciências se originaram dela sempre que se conseguiu isolar um aspecto da realidade e estudá-lo isoladamente, com método particularizado, mas compatível, concorde com o mais geral da construção do conhecimento estabelecido pela primeira.

Ciência e Filosofia constituem hoje dois ramos do saber com finalidades próprias, mas compatíveis, coerentes, mutuamente apoiados, uma servindo-se da outra, para as edificações próprias. Mas, antes da Filosofia, a Religião, filha da Revelação, constituía o reduto do conhecimento em geral. Dela é que, isolando um aspecto do Conhecimento Integral, formou-se a Filosofia e desta as Ciências, permanecendo, porém, entre elas, um liame comum que as compatibiliza, as conjuga num único fim, que é a edificação do Conhecimento Integral.

A discordância existente em nossos dias, entre Religião, Ciência e Filosofia, é apenas aparente; é muito mais devida a posições irredutíveis dos dogmá-

ticos que elegeram a Metafísica como o único conhecimento desejável, e a crença cega como forma absoluta de fundamentar o saber, relegando a plano desprezível toda outra forma, e incapacitando-se a avaliar as novas revelações que adentraram no Conhecimento via Ciência — porta de acesso tão legítima —, para a Revelação, quanto as outras.

O que o Espiritismo realiza é a reconstituição da concordância. Redescobrem os liames que unem Ciência, Filosofia e Religião, reestabelecendo a unidade, e o reconhecimento de que, para o desenvolvimento da Verdade, hoje a base é o saber científico, cujas descobertas se compõem em inesgotáveis mananciais de informações; descortinam um mundo ampliado em todos os aspectos, decomponível ao infinito no macro e no microcosmo, dando sentido às expressões infinitamente grande e infinitamente pequeno que, em seu significado, exprimem o profundo mistério com que se depara a inteligência humana em ambos os sentidos.

2 — NOVA CONCEITUAÇÃO EVOLUCIONISTA

O problema da dor, no Espiritismo, recebe conotação diferente, fundamentada nos fatos, e compatibilizada com o saber científico.

O espírito evolui através de todos os reinos. Na vida orgânica inicia como ser unicelular. Possuidor de força criadora, desenvolve faculdades para cuja estruturação e exercício elabora recursos, um organismo — o corpo espiritual — que molda o corpo físico, segundo as leis naturais e sob a égide dos trabalhadores espirituais.

Isto é comprovado pela Ciência. Aliás o Espiritismo se serve de seus dados, como Ciência que é também, para a elaboração ou comprovação de suas teorias, como o fazem todos os ramos do saber. A Medicina, por exemplo, tem seu campo de pesquisa próprio, mas se serve da Física, da Química, da Genética, da Biologia, da Metafísica, da Estatística, etc. . . ., com os resultados que estas apresentam, sem discutí-los, pois sendo eles resultados científicos, contêm a verdade.

O Espiritismo procede identicamente. Apenas não se filia ao materialismo, para o qual o mundo, embora se estruture em obediência a leis naturais, tem seu desenvolvimento iniciado pelo acaso, continuando sem um fim determinado. O Espiritismo é uma doutrina espiritualista e, como toda doutrina desse tipo, entende que este desenvolvimento, embora subordinado a leis naturais, é conduzido por ações inteligentes, por Deus e os seres inteligentes por Ele criados, no sentido de que Deus cria e os seres co-criam.

Atingida a fase humana, o ser, no plano físico, é um espírito encarnado, dotado de corpo espiritual e corpo físico. Qualquer sua manifestação provém do Espírito que atua em sua organização e no meio que o circunda, pela mente. Esta comanda os recursos que o Espírito construiu, retendo no subconsciente o controle das conquistas efetuadas; no superconsciente, os meios de captação e elaboração de diretrizes orientadoras do seu desenvolvimento; no consciente, o comando das realizações que efetivam as conquistas.

O Espírito, o ser desencarnado, o que corresponde à alma para os teístas, é o ser completo. O corpo é mera veste, um instrumento para as suas manifestações no campo físico. É nele que residem os recursos

para as sensações; é nele que se manifestam, com maior intensidade os desequilíbrios da criatura.

3 — DOR-EXPIAÇÃO

Os desequilíbrios, instituídos, constituem as doenças do Espírito. Basta observar a manifestação dos Espíritos sofredores, como diz o Irmão X em ([2], n.º 25). E são muito mais desoladoras que as do físico.

Quando a criatura se fixa no subconsciente, pelo ócio, pela irreflexão, pelo entregar-se às tendências de sua inferioridade, limita a manifestação do seu consciente à satisfação imoderada dos apelos de sua impulsividade, sem a continência e a sublimação oriunda de um direcionamento indicado pelo ideal, pela concepção de valores mais altos; envolvendo-se nas conseqüências oriundas da intemperança, luxúria, desregramento, incontinência, avidez, dissipação, devassidão, mesquinhez, usura, cupidez, perversidade, improbidade, brutalidade, descomedimento, ultraje, delinquência.

Tais conseqüências constituem a dor, o sofrimento, que, iniciando no plano físico, se prolonga no plano espiritual, acarretando em seguida, reencarnações de reajuste e expiação. É o que André Luiz denomina de **dor-expiação**, ([3], Cap. XIX), "...que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, por regenerá-la perante a justiça..." Mas não é eterna.

A Natureza, assim como no plano físico propicia recursos medicinais para a cura das doenças, o reforçamento dos decaídos em suas energias, nos locais

de montanha, no campo, na praia, no plano extra-físico dispõe de muitos maiores recursos para o atendimento dos espíritos doentes, incursos em processos de desarmonia com a Lei.

O que sucede é que nós podemos interferir para o bem de nós mesmos, a fim de minorar ainda mais a penúria, a necessidade e o sofrimento. Assim como no plano físico, pelas campanhas sanitárias podemos evitar surtos epidêmicos, infecções, a propagação de moléstias, salvaguardando a saúde de todos, da mesma maneira, identicamente, podemos minorar o mal, criando para nós um mundo mais próspero e mais feliz. E isto é válido, seja para o campo material como para o campo moral.

Da mesma maneira que um campo produzirá muito mais se obrarmos no sentido de fertilizá-lo, libertá-lo de ervas daninhas, animais predadores, pântanos pestilenciais, analogamente nós diminuiremos a ignorância, a doença, a perturbação, a penúria, se ensinarmos, curarmos, elevarmos o necessitado, ampararmos o desesperado, edificando um mundo de paz e de alegria.

Isto, era o que Jesus afirmava.

Sem dúvida Jesus veio para nos salvar, para resolver o problema da dor; mas indicando como fazê-lo. Explicou e exemplificou. E em base a isto exortou-nos a seguir-lhe as instruções.

"Ide, pregai, curai, ensinai, expulsai os demônios", eram as exortações.

O mundo foi construído de modo a compensar todas as nossas necessidades, e para que possamos desfrutar nele, paz e felicidade. O procedimento é o indi-

cado no Evangelho, resumido no novo mandamento que nos deixou: o de que nos amássemos como Ele nos amou. Amar obrando; realizar as obras do amor, isto é, exercer a caridade.

Este é o caminho da salvação, ou melhor, da evolução expresso sinteticamente pelo Espiritismo no aforismo “Fora da Caridade não há salvação”.

4 — APRENDIZADO E EVOLUÇÃO

Assim sendo, a criatura, para o seu desenvolvimento, tem um procedimento a seguir:

1.º — Conhecer-se a si mesmo. Saber das próprias qualidades, das deficiências, das necessidades, perfeitamente reconhecíveis pelas manifestações do subconsciente, das tendências.

2.º — Estabelecer-se metas de sublimação para as tendências indesejáveis, de aprimoramento para as próprias aptidões e grau de conhecimento, de ampliação e conquista de virtudes em função dos valores que conduzem a ação na produção do bem geral; isto é, guiar-se pelo superconsciente.

3.º — Agir no sentido de efetuar as conquistas estabelecidas pelas metas colimadas, isto é, situar o consciente nas necessidades do inconsciente, guiado pelo superconsciente. Sem a ação, sem as obras, não há aquisição, progresso, adiantamento.

Permanecendo exclusivamente na zona do superconsciente, ([4], Cap. VI), incorremos na situação de permanecermos na contemplação sem as obras, na posição de quem não erra, porque nada faz.

Um aperfeiçoamento se processa pelas leis do aprendizado, cuja atuação pode ser exemplificada na maneira de como se aprende a guiar um automóvel:

Primeiro: nós fixamos o objetivo e procuramos apreender mentalmente o que fazer;

Segundo: dirigimos nossa impulsividade no sentido de dirigir.

O resultado não corresponderá ao desejado, na primeira tentativa. Mas, com a repetição, as correções e as adaptações sucessivas, nosso corpo terminará por obedecer, e o resultado final é a automatização da resposta aos comandos da mente. Isto alcançado, automatizado o comportamento segundo o mentalizado, está efetuada nova aquisição, estão aperfeiçoadas as respostas do nosso subconsciente em mais um aspecto: temos mais uma aptidão.

O conhecimento não basta — não basta saber o que fazer; é preciso transformá-lo em comportamento, em correto agir — o saber guiar, no caso, se adquire após adaptar a impulsividade aos comandos da mente.

É neste sentido que Emmanuel diz que a Sabedoria e o Amor — o Conhecimento e a Ação para o Bem — são as duas asas que conduzirão o homem aos cimos espirituais. E é neste sentido também que devemos entender a afirmação de André Luiz, quando diz que cessará para o espírito o ciclo das reencarnações humanas, ingressando em outro mais avançado, quando ~~tema~~ ele automatizado o comportamento evangélico.

5 — DOR-EVOLUÇÃO E DOR-AUXÍLIO

A respeito da dor, André Luiz, em (3, Cap. XIX), ainda classifica a dor-evolução e a dor-auxílio.

Na **dor-expição** estão associados o remorso, o sentimento de culpa, o arrependimento, as lesões perispiríticas, o desequilíbrio, que representam disposições "... para com essa ou aquela enfermidade no corpo terrestre; zonas de atração magnética que dizem de nossas dívidas, diante das Leis Eternas, exteriorizando-nos as deficiências do espírito." ([3], idem), capazes de conduzir o espírito aos mais graves padecimentos, embora ele carregue consigo as faculdades de superá-los e vencê-los.

Na **dor-evolução** estão insitos o esforço, a tensão que solicita o ser a adaptar-se a novas situações, as pressões oferecidas pela resistência do meio, o desgano dos insucessos, o estíolar dos envoltórios, das cristalizações que nos retardam o progresso.

"O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a **dor-evolução** que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso."

É sensação resultante da ação das forças que, atuando sobre o espírito, o induzem à expansão, ao crescimento, através das disposições que lhe são próprias, as quais impedem-no de refrear o impulso que o conduz para cima, da mesma maneira quando o pássaro pressente que as asas lhe permitirão alçar o vôo, sustentando-se no ar.

E, da mesma maneira que este sofre os primeiros fracassos ao tentar o vôo, por ter necessidade de desenvolver a aptidão, fortalecer músculos, assim o homem, nas tentativas de elevar-se, sofre desilusões, as reações agressivas do meio, onde se desenvolve. Por

isto torna por contingências detestáveis as correções com que se defronta; considera o processo incômodo, encara-o como castigo divino, ignorando que, sob a ação das leis estabelecidas, está a realizar a metamorfose animal em anjo. Não entendendo-a nega-lhe o valor educativo, a importância do aperfeiçoamento espiritual.

E ainda temos a **dor-auxílio**.

"Em muitas ocasiões, no decurso da luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo, olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais freqüentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica, constituem, por vezes, **dores-auxílio**, para que a alma se recupere de certos enganos, em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual." ([3], Cap. XIX).

* — Bibliografia:

- (1) Rino Curti: **Espiritismo e Evolução.**
- (2) Irineu X: **Luz Acima.**
- (3) André Luiz: **Ação e Reação.**
- (4) FEESP: **Dor e Destino.**

b — Leituras Complementares:

As dos capítulos das obras citadas no texto

c — Perguntas:

- 1.ª) Qual é a noção de dor para os pantefistas e os teístas?
- 2.ª) Qual é a idéia de salvação para os teístas?
- 3.ª) O que significa dizer que a alma não constitue uma pessoa?
- 4.ª) Por que Jesus é denominado "O Salvador"?
- 5.ª) Qual a razão da discordância, em nossos dias, entre Ciência e Filosofia de um lado, e Religião do outro?
- 6.ª) O espírito desencarnado é o ser completo. Explique.
- 7.ª) O que é dor-expição? É eterna?
- 8.ª) Em que sentido devemos entender Jesus como Salvador?
- 9.ª) Como se efetuam as conquistas?
- 10.ª) O que é dor-evolução?
- 11.ª) O que é dor-auxílio?

d — Prática de Renovação Íntima:

André Luiz — Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 22.

c — AULA PRÁTICA

TÍTULO: O PODER DO AMOR.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A1: Recomendações para a aula (2 min.).

O maior mandamento (Ev. Seg. o Esp., Cap. XI: n.º 1 a 4).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos (Mediunato, Cap. I) (18 min).

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

O impulso sexual é tido, por alguns, como a aspiração ao prazer. Mas as formas de prazer são muitas, e toda ascensão espiritual apresenta as suas.

Há o prazer de ajudar, descobrir, aprender, construir, etc..

Naturalmente o mais atrasado desconhece os prazeres do superior e os ridiculariza até.

O estacionamento nas formas mais rudimentares relacionadas aos sentidos, provoca estados sintetizados por (Jesus) — em João, 8:10, 11 —
"— Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: — Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: — Nem Eu também te condeno; vai-te, e não peques mais".

Não se trata de um preceito religioso, mas de prática preservadora da saúde, contra a loucura, o suicídio, a obsessão enquistada, enfermidades nervosas de variada espécie, provocando desajustes a exigir longos anos de reparação...

Mas a oportunidade sempre se renova, tendo por base de toda reconstrução, o amor. Não há conhecimento que o substitua. Por isso, Jesus afirmava que só o amor cobre a multidão dos pecados, amor que, posto em ação, se constitui na Caridade.

CAPÍTULO II

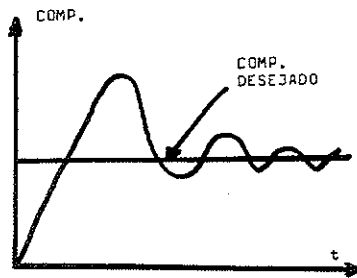
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

1 — CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Dissemos que o comportamento humano depende da fixação da mente nas zonas do subconsciente, consciente e superconsciente. E que o desenvolvimento harmônico do indivíduo se efetua quando, conhecendo-se a si próprio, avaliando a própria personalidade e as tendências, na zona do subconsciente, se fixa objetivos altos, pela elevação dos pensamentos, pelo estudo, a meditação, a reflexão, a oração, enfim pela fixação da mente no próprio superconsciente, e transforma em conquistas, pela ação, as metas colimadas, automatizando-as no comportamento.

A conquista assim se efetua: na intimidade elegemos os interesses que nos despertam a emotividade e que se transformam em desejos, pelos quais se manifestam as nossas tendências, ([1], Cap. 4.º). Pela vontade frenamos a impulsividade que elas despertam e, no interregno, damos margem à reflexão, que põe em jogo todas as faculdades de espírito: a intuição, a reflexão, a associação de idéias... com o que elaboramos as concepções sobre as quais assentamos a ação. A

seguir, pela vontade agimos e provocamos efeitos, influências, em nosso derredor, que avaliamos.



Como no aprendizado para guiar um carro. Mentalizamos uma ação, a efetuamos e obtemos um resultado. Se não adequado, estimamos o erro e repetimos o processo; efetuamos nova ação, que sempre avaliamos, assim procedendo, até que o nosso proceder se torne o desejado, o que convém à nossa adaptação, às novas circunstâncias. Na figura damos a imagem de como o processo tende ao que se pretende.

Uma vez a meta alcançada, nosso ser automatiza o comportamento, ([1], Cap. 4.º); está efetuada a conquista, e fica a mente liberada para a realização de outra.

É assim que, revelando as tendências, nos tornamos comerciantes, industriários, artesões, artistas, profissionais, cientistas, filósofos, sacerdotes, etc.. Acrisolando nossas faculdades no esforço, na disciplina, no aprendizado, na adaptação prolongada até alcançarmos o que nos propomos, é que crescemos, progredimos espiritualmente.

2 — PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO MEDIÚNICO

É notório que a preocupação constante com o sexo, a bebida ingerida com freqüência, o excesso de alimentação, de comodidades, enfraquecem-nos para o

trabalho, para as atividades físicas e mentais. Um almoço lauto, regado a bebidas alcoólicas, num dia de trabalho quase nos inutiliza para a tarde. A bebida diária embota a mente. Os prazeres continuados aniquilam as energias, produzindo cansaço e fastio, qualquer que seja nosso mister, nossa profissão. Um cirurgião fica com as mãos a tremer, um compositor rompe a ligação com a musa, o estudioso é vencido pela sonolência.

O médium não é diferente dos outros. Ele possui uma sensibilidade mais aguçada em determinado campo de percepções, que não são obtidas através dos sentidos.

Para que possamos entender melhor o assunto, estudemos o que conta André Luiz, em ([2], Cap. 1 e 2). Ele narra de uma reunião mediúnica em que o número maior de pessoas presentes era constituído de desencarnados: muitos sofredores.

O trabalho era disciplinado e a entrada controlada.

Os desencarnados permaneciam em "concentração do pensamento, elevado a objetivos altos e puros". Isto é, a mente fixada ou atuando no superconsciente.

"Cada qual emitia raios luminosos... (que) estabeleciam uma corrente de força... (corrente esta) que despejava elementos vitais... benéficos para os infelizes..."

Havia "...seis comunicantes prováveis... mas apenas um médium em condições de atender... (este) somente receberá o que se relaciona com o interesse coletivo..."

...Nos serviços mediúnicos preponderam os fatores morais... o médium necessita clareza e serenidade, como o espelho cristalino de um lago... as ondas de inquietude perturbariam a projeção de nossa espiritualidade sobre a materialidade terrena."

O médium não é um simples aparelho. Tem livre-arbítrio. Para o intercâmbio deve entregar-se voluntariamente, com espírito de renúncia "...abnegação e humildade..."

"...calar para que outros falem; dar de si próprio, para que outros recebam..." sem o que "...não poderia atender aos propósitos edificantes." Assim como o artista que, para tocar, deve dobrar o próprio físico de modo a poder conduzi-lo para esse fim.

Certamente que "...é responsável pela manutenção dos recursos interiores: a tolerância, a humildade, a disposição fraterna, a paciência, o amor cristão...", assim como o jogador de xadrez precisa manter a concentração, a habilidade de arquitetar jogadas, a persistência, a paciência. Apenas, no relacionamento com o plano espiritual, o médium recebe cooperação mais intensa dos espíritos, para sustentar-se.

O caso em questão era a psicografia. "A transmissão da mensagem não será simplesmente tomar a mão. Há processos intrincados, complexos."

Examinando o corpo do intermediário, verificou principalmente a iluminação das glândulas, do sistema nervoso pelo qual circulavam "...energias recônditas e imponderáveis..." e "... a epífise emitia raios azulados e intensos."

Da mesma maneira que para transmitir mensagens pelo rádio demanda toda uma organização e tra-

balhos especializados, analogamente — "Transmitir mensagens de uma esfera para outra, no serviço de edificação humana... demanda esforço, boa vontade, cooperação e propósito consistente... o serviço não é automático..."

Primeiro, o **intermediário**: necessita de preparação espiritual incessante. Segundo, a atividade do plano espiritual, cuja "**cooperação magnética é fundamental.**"

No intermediário, o papel da epífise: "através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão e recepção de raios peculiares..." à esfera extrafísica.

"...na epífise... reside o sentido novo dos homens... (que) ...na grande maioria... dorme embrionário."

No plano espiritual as providências antecipadas: "...antes da reunião, o servidor é objeto de... atenção... para que os pensamentos grosseiros não lhe pesem no íntimo."

No caso, o servidor foi ambientado, assistido, fortalecido no sistema nervoso para o não comprometimento da saúde, com providências para atender o dispêndio de reservas nervosas.

Após a preparação, uma entidade foi autorizada a comunicar-se, com a recomendação de evitar particularismos pessoais. Postando-se ao lado do médium, as irradiações mentais de ambos se entrelaçaram. O orientador, atuando sobre os lobos frontais do médium ~~utilizou~~ a condição adequada e a psicografia pôde ~~iniciar~~.

3 — A EPÍFISE OU GLÂNDULA PINEAL

Enquanto isso, André Luiz passou a observar melhor o médium, cuja epífise começou a apresentar luz crescente.

“A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante... Sobre o núcleo... caíam luzes suaves, de mais Alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas.”

Surpreendera-se André Luiz porque, como médico na Terra, a epífise deveria ter atribuições circunscritas ao controle sexual, no período infantil. Após isto, seria sucedida pelas glândulas genitais.

Aliás, só há pouco tempo sabe-se da importância do cérebro; e o que dele se conhece, hoje, ([3], Cap. III), ainda é muito pouco.

Pela literatura científica reconhece-se que a glândula pineal, corpo pineal ou epífise é “um órgão cônico... de 8 por 5 mm... localiza-se... acima do teto do diencéfalo...”

“...Apesar da grande quantidade de literatura... seu papel como órgão endócrino é ainda controvertido... agiria sobre algumas funções hormonais...”

Estudos mais recentes... sugerem que a pineal não é uma glândula no sentido tradicional, mas... converte um impulso neural em descarga hormonal.” ([4], Cap. 20).

Um estudo situando o conhecimento atual sobre a pineal foi apresentado, em ([5], Julho de 1981).

Alexandre, ([2], Cap. 20), esclarece a André Luiz que a epífise “...é a glândula da vida mental. ...acor-

da na puberdade as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre.”

Apenas, ainda não é bem conhecida nos meios terrenos.

“...no período do desenvolvimento infantil... parece constituir o freio às manifestações do sexo...”

Aos catorze anos... recomeça a funcionar no homem reencarnado... é fonte criadora e válvula de escape... reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos.”

E reexaminar, não é ver o desenrolar-se de um filme, mas é viver novamente as emoções e impulsos associados ao conteúdo, acarretando manifestações de comportamento. Daí a importância da educação e da responsabilidade do meio familiar. Se nesses momentos a criatura não tiver reconstruído valores, se fortalecido para a renovação dos embates, na orientação e no exemplo dos pais, falirá.

Como em tudo, vemos, no homem, sempre a recapitulação de suas fases anteriores. Ao reencarnar, recapitula a evolução das espécies; na infância, desde o nascimento, a vida mental das primitivas reencarnações até à atual; a partir dos catorze, as experiências são em relação à sexualidade. E esta é uma observação de mais alta importância, quando se queira examinar a problemática sexual da juventude, que não pode ser caracterizada apenas em termos de virtude ou pecado, mas requer o concurso da compreensão profun-

da acerca do subconsciente, em que o psicólogo, o psiquiatra, o neurologista, têm um imenso território a desvendar.

A epífise “preside aos fenômenos nervosos da emotividade... Desata os laços... que ligam as existências umas às outras...”, isto é, afrouxa o determinismo das conseqüências que os automatismos sustentam na nossa personalidade “... e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras...” Controla “as glândulas genitais... demasiadamente mecânicas”. É manancial de forças magnéticas de “unidades de força...” que poderíamos chamar de “hormônios psíquicos”. Por segregar energias psíquicas como canal direto de comunicação entre o corpo espiritual e o físico, “... conserva ascendência em todo o sistema endócrino...”, o sistema químico de controle, ([3], Cap. V). “Ligada à mente... comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade”.

Já dissemos que, submetidos aos estímulos, se nos manifesta a impulsividade que, pela vontade, é frenada para dar margem à reflexão. Digamos que as ordens da vontade se transmitem através dela.

Pelas redes nervosas comanda “...os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos... suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. Entretanto a viciamos, agora ou no pretérito, pela veiculação de forças aviltadas nos desregramentos emocionais, a serviço do prazer inferior, que nos atrela a recapitular experiências lamentáveis e a resgatar compromissos. Em lugar de podermos expandir nossas faculdades criadoras, para a obtenção de aquisições

“abençoadas e puras” permanecemos atrelados a “dolorosos fenômenos de hereditariedade fisiológica” destinados a reestabelecer o reajuste de nossa personalidade. E uma vez viciada, mesmo que a mente busque a elevação, se apresenta como um órgão doente, incapaz de responder de imediato ao comando de uma ~~in~~fluência mais nobre. Canais de controle, de comunicação, de comando, se empobrecidos, seja do corpo espiritual, seja do corpo físico, exigem um tempo de ~~reabilitação~~, por vezes, demorado e penoso.

Esta é uma das razões pelas quais não nos libertamos dos vícios e maus hábitos tão facilmente. É significativa a imagem dada pelo Irmão X: pagamos a varejo o que compramos por atacado. E no capítulo de nossas experiências anteriores, recomeçamos a edificar a partir do ponto em que ficamos: triste ou venturoso. Daí a importância, novamente da educação bem conduzida e a enorme responsabilidade dos pais.

“A perversão do nosso plano mental consciente...” responsável por nossas ações infelizes, “... determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas...” porque ~~redesperta~~ ou sustenta forças íntimas de caráter perverso, responsáveis por novas quedas e reincidências no monoidéismo.

“A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras...”, porque em vez de ~~frear~~ impulsos para submetê-los à burilada do discernimento, visando a sublimação perseguida pelo superconsciente, os deixa prosseguir para uma manifestação ~~incontrolada~~.

“Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interesse pelas aquisições eternas nos

domínios do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feições religiosas. São providências de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. . . Centros vitais desequilibrados obrigarão a alma à permanência nas situações de desequilíbrio. . .

. . . pela primeira vez, ouvia comentários sobre consciência, virtude e santificação, dentro de conceitos estritamente lógicos e científicos no campo da razão”.

A epífise é um órgão que, sob o comando da mente, produz “unidades-força” ou substâncias, portadoras de potenciais eletroquímicos, benéficas, se aproveitadas para o “serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade”; tóxicas, se retida nos “desvios de natureza animal, qual imã relaxado entre as sensações inferiores de natureza animal.”

Na mediunidade, desde que as forças estejam equilibradas “intensifica o poder de emissão e recepção de raios” da esfera dos encarnados. Daí ser “indispensável cuidar atentamente da economia de forças, em todo o serviço honesto de desenvolvimento das faculdades superiores.” Como ela produz forças que não podem ser acumuladas, alguns fomentam a prática do esporte, como meio valioso para a preservação dos valores orgânicos, da saúde. Mas trata-se de medida incompleta e defeituosa pois, às vezes, é providência para a expansão de paixões menos dignas.

Poucos entendem “a necessidade de preservação das energias psíquicas para o engrandecimento do Espírito eterno. . . esquecidos de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma. . .” Daí o valor da renúncia, pois ela se assenta na “lei da elevação pelo sacrifício. . .”

A sangria estimula a produção de células vitais, na medula óssea; a poda oferece beleza, novidade e abundância nas árvores. O homem que pratica verdadeiramente o bem, vive no seio de vibrações construtivas e santificantes da gratidão, da felicidade, da alegria. Não é fazer teoria de esperança. É princípio científico, sem cuja aplicação, na esfera comum, não se liberta a alma. . .”

Compreendia André Luiz a influenciação da epífise “no sexo. . . e a longa tragédia sexual da Humanidade. . . o porque dos dramas. . . as aflições. . . as ansiedades. . . o cipoal do sofrimento. . .

. . . E o homem. . . sempre inclinado a contrair novos débitos, mas dificilmente decidido a retificar ou pagar.”

Não que não se deva atender aos reclamos naturais do corpo, em particular do sexo; mas “distinguir entre harmonia e desequilíbrio, evitando o estacionamento em desfiladeiros fatais.”

a — Bibliografia:

- [1] Rino Corti: **Espiritismo e Evolução.**
- [2] André Luiz: **Missionários da Luz.**
- [3] FEESP: **Dor e Destino.**
- [4] Junqueira e Carneiro: **Histologia Básica.**
- [5] Mariana R.S. Nobre: **Folha Espírita.**

b — Leituras Complementares:

As dez capitulos das obras citadas no texto.

c — Perguntas:

- 1.º De que maneira efetuamos as conquistas?
- 2.º Qual a posição do médium, na comunicação?
- 3.º Quais os fatores que preponderam nos serviços mediúnicos?
- 4.º O que significa dizer que o transmitir mensagens de uma esfera a outra, não é serviço automático?
- 5.º Qual a importância da epífise?

- 6.º) O que é a epífise, realmente?
- 7.º) O que, o encarnado, começa a recapitular a partir dos 14 anos?
- 8.º) Qual a responsabilidade do núcleo familiar em relação a essa recapitulação?
- 9.º) O que a epífise governa?
- 10.º) De que forma a viciamos?
- 11.º) Canais empobrecidos exigem um tempo de reabilitação por vezes demorado e penoso. Esta é a causa da dor. Explique.
- 12.º) Qual o caráter dos preceitos morais?
- 13.º) O que a epífise produz?
- 14.º) Qual a importância da preservação das energias psíquicas?

d — Prática de Renovação Íntima:
André Luiz — Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 23.

e — Aula Prática:

TÍTULO: A SALVAÇÃO.

1.ª PARTE — ABERTURA (20 min.).

A₁: Recomendações para a aula (2 min.).

CRISTO (Ev. Seg. o Esp., Cap. I: n.º 3).

A₁, A₂, A₃, permanecem os mesmos (18 min.).

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

A noção de dor é muito importante no Espiritismo, mesmo porque ela é o ponto central de todas as religiões.

O que é preciso entender é que o espírito adocece, em consequência dos desvios por ele mesmo provocados, e que nele estão os recursos da reabilitação, secundados pela ação das leis que sempre concorrem para ela, e dos espíritos, que sempre atuam para nos curar.

A prevenção da doença é tarefa de caráter educativo.

Devemos buscar no superconsciente o guia de nosso destino, sempre no sentido de sublimar tendências, aperfeiçoar nossa maneira de ser. E buscar as realizações, entendendo que o progresso reside nelas dirigidas para o bem comum.

E quanto à dor, há que encará-la como ela é: um meio pelo qual, uma vez nela incursos, devemos enfrentar, sem lamentações, para abreviá-la e na certeza de que ela opera o nosso reajuste.

CAPÍTULO III

PARASITISMO E BACILOS PSÍQUICOS

1 — TALENTO

No ~~mediunismo~~ é posta em jogo uma sensibilidade ~~de mais aguçada~~, sob algum aspecto e em certas pessoas, responsável por sensações e percepções que não ~~se utilizam~~ das vias sensoriais, dos sentidos. Em função ~~dessa~~, alguns a batizaram de sexto sentido e, a grande ~~razão~~, ainda relaciona o significado a alguma via ~~incluída~~, especial, diferente, puramente imaginativa, ~~mas que admite~~ em especial nos médiuns e não nos outros: algo que possa ser ligado ou desligado como o ~~casamento~~ de uma lâmpada, ao bel prazer de quem o ~~quiser usar~~.

Em termos de analogia diríamos que a mediunidade é uma disposição, semelhante àquela que faz de uma pessoa um campeão de pedestrianismo, um astro do futebol ou um cantor lírico excepcional.

Todos podemos correr, jogar a bola, cantar. Mas ~~há~~ a nos destacarmos, vai uma distância, que só pode ~~ser atribuída~~ a uma qualidade diferente da nossa, algo que não sabemos definir, mas existe. A este respeito

nós já definimos a mediunidade em ([1], Cap. V, VII, X).

Mas um corredor, um jogador, um cantor, não tem órgãos especiais que não tenhamos. Um campeão dos cem metros não tem três pernas. Ele é dono de um talento que, para evidenciar-se, exige o concurso de todas as potencialidades do espírito e do corpo, dirigidas aos fins do esporte, o que ele consegue após intenso treinamento, cuidados com a alimentação, com a utilização equilibrada de suas energias, higiene, saúde. Após obrigar-se a viver com método, disciplina, continência, a aprender técnicas de postura e movimento corporal e, acima de tudo, ter fixado a mente no seu maior objetivo: o de atingir o estrelato, empenhando-se com toda a vontade e determinação.

Sem talento, e ele existe nas pessoas com graduações diferentes, não alcançará sucesso. Com ele o poderá, desde que consiga harmonizar e satisfazer a todos os requisitos necessários, com tempo, muito preparo e grande dedicação. Um campeão não se faz em um dia, nem um músico, nem um cantor, ou quem quer que seja que manifeste alguma habilidade.

Em tudo é assim. Nascemos para exercer diferentes atividades e em todas alcançaremos destaque, na medida do talento de que formos possuidores. E em todas há sempre um objetivo maior: o nosso desenvolvimento, o nosso progresso.

2 — DOTES MEDIÚNICOS

Com a mediunidade não é diferente. Ela existe nos indivíduos em maior ou menor grau, sob diferentes aspectos, para a qual se prepararam antes de reen-

contrar, mas, a semelhança de um talento, ela se constitui de uma sensibilidade para cuja manifestação plena, exige-se o concurso de todas as potencialidades do espírito e do corpo.

Requer:

— **subconsciente equilibrado**: nenhuma forma maníaco-depressiva ou de fixação, nos apelos da gula, do sexo, da insensibilidade, da irresponsabilidade, da cupidez, da irracionalidade, do ódio, da fúria, da grosseria... Qualquer desequilíbrio neste sentido, requer correção, re-
formulação interior de atitudes. (Nem um atleta poderia ter hábitos perniciosos se quisesse enfrentar competições com sucesso. Teria de conduzir-se dentro de certas padrões de comportamento, bem definidos e in-
transigíveis.);

— **superconsciente operante**: elevação de metas, cultivo de ideais, disciplina mental, aspirações de beleza, sabedoria e virtude, que também crescem e se desenvolvem com as realizações e as conquistas;

— **consciente estribado** em uma vontade firme, firmeza fortalecida nos embates da sublimação do inconsciente, segundo os moldes oferecidos pelo superconsciente.

Desenvolvimento mediúnico é sensibilidade acri-
scada, suportada pela adequação integral da personalidade a uma tarefa que requer ascensão a percepções
altíssimas. E assim como o músico talentoso necessita de vários anos de esforço, para aguçar a perceptividade nos domínios da inspiração maior, assim o médium com amplas possibilidades de percepção, necessita de ampla preparação, de trabalho, de auto-educação, sistematizada e perseverante.

3 — ALGUNS CASOS

Conta André Luiz de observações em sessão de desenvolvimento mediúnico, feitas com alguns aspirantes à intermediação: um rapaz e um senhor, candidatos à psicografia; uma senhora, pretendente à incorporação.

Primeiramente o conceito que eles tinham de mediunidade, o de que se passava realmente com eles: "...quase todos confundem poderes psíquicos com funções fisiológicas..." (fruto do ensino dogmático milenar de que as sensações são do corpo e não da alma), "...esquecidos de que toda edificação da alma requer disciplina, educação, esforço e perseverança... Sem a preparação necessária a excursão dos que ingressam no reino invisível é, quase sempre, uma viagem nos círculos de sombra..." ([2], Cap. 3). De fato a comunicação exige afinidade e os bons afinam-se com os bons, os maus com os maus. ([3], Cap. XX)

A seguir as condições psicofísicas: o rapaz — "...os núcleos glandulares emitiam pálidas irradiações; a epífise... semelhavam-se a reduzida semente luminosa...", característica de fixação na zona do subconsciente e eventual estado monoideísta em impulsos inferiores.

Era o aparelho genital. "...glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade, que parecia abafada por aluviões de corpúsculos negros... de espantosa mobilidade... Lutavam com as células genitais aniquilando-as." O que, aliás, dificulta a procriação, ou a realiza para entidades de baixo estofo.

Não se tratava de bactérias identificáveis no plano material.

"São bacilos psíquicos de tortura sexual, produzidos pela sede febril de prazeres inferiores... Chamemo-los de larvas... Têm sido cultivadas por este companheiro, não só pela incontinência... através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato com entidades grosseiras que se afinam com as predileções dele..."

É que ele "...admite que o sexo nada tem que ver com a espiritualidade...". É o conceito materialista. O sexo, dizem, é como a fome: um apetite que exige satisfação, uma necessidade física; não uma expressão de forças criadoras do espírito, destinada, pelo uso equilibrado e guiado pelo superconsciente, a corroborar na elevação do espírito.

"Supõe a alma absolutamente separada do corpo..."; as sensações são deste, não do espírito, pensava.

Quanto ao senhor, "Semelhava-se-lhe o corpo a um tonel... de cujo interior escapavam... vapores leves... com dificuldade para sustentar o pensamento com relativa calma... Usava alcoólicos em quantidade regular. O aparelho gastro-intestinal... totalmente ensopado em aguardente... fígado enorme..."

...Os alcoólicos aniquilavam-no vagarosamente... completamente desviado em seus centros de equilíbrio vital... o sistema endócrino atingido... Larvas destruidoras exterminam as células hepáticas..."

Tantas são as alterações que "...não fossem as glândulas sudoríparas, tornar-se-ia talvez impossível a continuação na vida física."

Quanto à senhora, fraquíssima luz emanava de sua organização mental. Estômago, intestinos, o fígado

do, o aparelho digestivo todo com anomalias de vulto. Parecia "... vasto alambique, cheio de pastas de carne e caldos gordurosos, cheirando a vinagre... Ventre superlotado de alimentação... muitos parasitos conhecidos, mas, além deles, lesmas voracíssimas..." atacavam os sucos nutritivos.

Tratava-se de "... pobre amiga desviada nos excessos de alimentação... glândulas e centros nervosos trabalham para atender... o sistema digestivo. Descuidada... caiu na glutoneria crassa, tornando-se presa de seres de baixa condição.

Mediunidade é percepção... Não bastará perceber. É imprescindível santificar essa faculdade... no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento... não se dispõe aos serviços preliminares da limpeza do vaso receptivo. Dividem a matéria e o espírito..." incôscios de que "... os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres da sombra, não é fácil desenvolver percepções avançadas.

Mas tais criaturas não eram rebeldes e más; apenas estavam "espiritualmente desorientadas e enfermas... Gradativamente compreenderão que a mediunidade elevada ou percepção edificante... é conquista do Espírito..." (Todas as citações feitas até aqui são de [2], Cap. 3)

4 — O VAMPIRISMO

O insucesso nas reuniões, entretanto, era apenas aparente. Elas eram proveitosas "... pela assistência

aos encarnados e a longas filas de sofredores... contra o vampirismo...", a existência de bacilos psíquicos de natureza psíquica terrivelmente destrutivos para os elementos vitais do corpo físico. Tratava-se de uma noção nova que André Luiz desconhecia: "... bacilos desconhecidos na microbiologia mais avançada..." Entretanto formavam também colônias densas e terríveis.

Em primeiro lugar, Alexandre, o Instrutor, explicou que "vampiro era considerada toda entidade que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias... desde que encontrem guarida no estojo de carne dos homens".

Assim como cada micróbio tem "... o seu ambiente preferido: o pneumococo... nos pulmões; o bacilo de Eberth... nos intestinos produz a febre tifóide...", no mundo dos desencarnados as afecções produzem-se muito mais deploráveis, e por semelhante mecanismo. A cólera, a intemperança, os desvarios do sexo, as viciações de vários matizes, formam criações inferiores que afetam profundamente a vida íntima...", a doença física se tornando conseqüência da mente.

Várias perguntas afloravam à mente. Como surgem estes bacilos? Haveria contágio na esfera das almas? É a viciação das almas que os produz ou são estes que atacam a personalidade e a enfernizam?

As respostas eram claras. Nós somos como um campo. Quer se trate de plantas benéficas ou de ervas daninhas, ambas crescem onde haja terreno propício. E onde ele seja bastante fértil, possibilita o vicejar de uma como o de outra. Ambas nascem melhor e mais fortes onde haja mais riqueza de condições. Nós pro-

duzimos o ambiente pelos desejos, sentimentos, forças que emitimos, ações com que nos manifestamos. Com eles influenciemos, geramos as condições que criam as conseqüências pelas quais o meio nos responde.

“A cólera, a desesperação, o ódio, o vício, oferecem campo a perigosos germens psíquicos na esfera da alma... O contágio... é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleçam ambiente propício, entre companheiros de mesmo nível... Cada viciação particular... produz as formas sombrias que lhe são conseqüentes,” ([2], Cap. 4); e estas se espalham como a tiririca, onde não haja vigilância e defesa.

Os pais, eles mesmos com problemas de outras reencarnações, são os primeiros a agir em prejuízo dos filhos, que crescem despreparados. Abusos do sexo e da alimentação desenvolvem tendências inferiores, causas de moléstias do corpo e degenerescência psíquica.

Não faltam recursos e auxílios nos dois planos, mas a grande ignorância reinante, sustenta considerável expressão para o vampirismo.

5 — INFLUENCIAÇÃO

Continuando as observações, constatou André Luiz que, em geral, mesmo que as pessoas compareçam à reunião sem a devida preparação, elas são beneficiadas “... contra o vampirismo venenoso e destruidor”.

Mas não é só este que há a registrar. Tem-se ainda as entidades infelizes que lhes aguardam o regresso, lá fora, voltando-lhes ao convívio, por não conseguirem

“... manter a resolução na aplicação da luz viva que recebem.” ([2], Cap. 4).

Havia uma diferença marcante entre os dois ambientes: lá fora, o ar pesado pelas emanções grosseiras; dentro, a atmosfera purificada pela “prece, meditação elevada, o pensamento edificante”.

“... A rua é aventalhado repositório de vibrações antagônicas em meio de sombrios materiais psíquicos e perigosas bactérias de variada procedência, porque os transeuntes lançam colônias imensas de micróbios e maus pensamentos de toda ordem.”

Aliás, em ([4], Cap. 40), André Luiz descreve observações, enquanto volitava sobre a rua. Manchas escuras na rua constituídas de “... nuvens de bactérias variadas... em grupos compactos...”

Certas edificações e certas regiões apresentavam-se cobertos de sombra, por “... grandes núcleos paracentos ou completamente escuros... zonas de matéria mental inferior, matéria... expelida por certa classe de pessoas... e monstros que se arrastam nos passos das criaturas, atraídos por elas mesmas...”

Observação importante! Não somos vítimas de espíritos inferiores, mas companheiros: sua aproximação verifica-se porque os atraímos com os nossos envoltórios no monoideísmo.

Há bactérias do corpo e outro da alma: enfermidades para ambos; mas, estas, piores; porque delas decorrem as primeiras e, sua cura, depende da cura do espírito.

Por isto há necessidade de fé religiosa. Porque, até agora, podemos efetuar e desenvolver tratamento para

o corpo; mas, em termos de cura real, esta pertence ao espírito.

Dia virá em que "... a medicina da alma absorverá a medicina do corpo." Mas, por enquanto, o tratamento do espírito ainda pertence à esfera religiosa, às suas diretrizes de comportamento. Certamente, não desta ou daquela religião, mas da Religião no seu sentido mais amplo; religião reconduzida às suas bases, escoimada das adulterações produzidas pelas paixões do sectarismo, dos desvios provocados pelo Dogmatismo, que lhe abalaram o edifício. E integrada à Ciência e à Filosofia, indispensáveis à construção de suas bases, diante da complexidade com que o mundo, hoje, se nos apresenta, segundo o modelo iniciado e instaurado por Allan Kardec.

6 — REVELAÇÃO ESTARRECEDORA

A fim de nos protegermos contra as manifestações do astral inferior, "... todos precisamos saber emitir e saber receber... toda queda prejudica a realização, e todo esforço nobre ajuda sempre...

... não fôra o poder da luz solar, casada ao magnetismo terrestre, poder esse que destrói intensivamente para selecionar as manifestações da vida, na esfera da Crosta, a flora microbiana de ordem inferior não teria permitido a existência de um só homem na superfície do globo. Por esta razão, o solo e as plantas estão cheios de princípios curativos e transformadores... Nada obstante... enquanto os homens cultivam o campo inferior da vida, haverá também criações inferiores... para a batalha sem tréguas em que devem ganhar os valores legítimos da evolução." ([4], Cap. 40).

E, continuando, observa, em ([4], Cap. 41), que "... o campo, em qualquer condição, no círculo dos encarnados é o reservatório mais abundante e vigoroso dos princípios vitais... Não a floresta, em que o ar é elemento asfixiante, pelo excesso de emissões dos reinos inferiores da Natureza..."

E o mar também. Diz André Luiz, em ([5], Cap. V): "... o oceano é miraculoso reservatório de forças... Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanações do planeta, converte-se em precioso alimento da nossa organização espiritual, principalmente quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa."

Isto nos faz compreender melhor o porque do prejuízo, para a educação das crianças e a retidão dos homens, a permanência excessiva nos agrupamentos ociosos da rua e a propriedade do adágio de que a rua é má conselheira.

A ignorância ainda é muito grande e, em geral, a morte colhe a criatura quase sempre em terrível condição parasitária. "Absolutamente sem preparo e tendo vivido muito mais de sensações animalizadas que de sentimentos puros, as criaturas humanas, além do estímulo, em muitíssimos casos prosseguem imantados aos ambientes domésticos que lhes alimentavam o campo emocional", em promiscuidade com os encarnados indiferentes à Lei Divina.

"Aos infelizes que caíram em semelhante condição de parasitismo, as larvas... servem de alimentação espiritual... bastará ao desencarnado agarrar-se aos companheiros de ignorância, ainda encarnados,

qual erva daninha aos galhos das árvores, e sugar-lhes a substância vital.”

A revelação era de estarrecer.

a — **Bibliografia:**

- [1] FEESP: **Mediunato.**
- [2] André Luiz: **Missionários da Luz.**
- [3] Allan Kardec: **O Livro dos Médiuns.**
- [4] André Luiz: **Os Mensageiros.**
- [5] André Luiz: **Entre a Terra e o Céu.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — **Perguntas:**

- 1.º) A mediunidade pode ser comparada a um talento. Explique a analogia.
- 2.º) O que requer a mediunidade equilibrada e eficaz?
- 3.º) O que requer toda edificação da alma?
- 4.º) O que são larvas? Observa bem: “cultivadas pela incontinência através de experiências variadas e também pelo contato com entidades grosseiras. São duas as causas ou mais? Comente.
- 5.º) Por que se pensa que o sexo nada tem a ver com a espiritualidade?
- 6.º) Qual o efeito do uso de alcoólicos, mesmo em quantidade regular?
- 7.º) Qual o efeito da glotoneria?
- 8.º) O que é Vampirismo?
- 9.º) Há contágio na esfera dos males psíquicos? Explique.
- 10.º) O que constitui a rua do ponto de vista psíquico?
- 11.º) Por que há necessidade da fé religiosa?
- 12.º) Todos precisamos saber emitir e saber receber. Explique.
- 13.º) O que representam o campo e o mar para o encarnado?
- 14.º) Por que a rua é má conselheira?

d — **Prática de Renovação Intima:**

André Luiz — **Respostas da Vida.**
Estudar e pôr em prática o Cap. 24.

e — **AULA PRÁTICA:**

TÍTULO: DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO.

1.ª PARTE: Abertura (20 min).

A1: Recomendações para a aula (2 min.).

Deixai vir a mim os pequeninos (Ev. Seg. o Esp., Cap. VIII, n.º 1, 2, 3).

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

O crescimento, o progresso espiritual das pessoas, efetua-se a partir das próprias tendências, sublimando-as pela ação constante na devoção ao bem geral e segundo os padrões que constituem os ideais.

A atuação deve ser concomitante nas três zonas do nosso sistema nervoso: o consciente, o subconsciente e o superconsciente.

E, isto, também é assim em relação ao desenvolvimento mediúnico. Não há intermediação com o Plano Maior sem crescimento moral e senso de responsabilidade.

O médium não é um aparelho.

E a elevação do médium traduz-se pela luminosidade da epífise, glândula da vida mental, que acorda, na puberdade, as forças criadoras, continuando a funcionar daí por diante.

É com o seu funcionamento que a criatura recapitula a sexualidade, examinando o inventário de suas paixões. Preside aos fenômenos da emotividade e afrouxa o determinismo das conseqüências que os automatismos sustentam na nossa personalidade, abrindo caminho para as forças criadoras operarem na nossa personalidade, abrindo caminho para as forças criadoras operarem as sublimações, comandando as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade.

Quando não o consigamos, é porque a viciamos. E sempre que empobrecemos canais de comando, há que reabilitá-los, o que pode ser demorado e penoso.

Aí está a razão pela qual não nos libertamos facilmente dos vícios. Disso decorre também a necessidade de regras morais: para evitar as quedas e a permanência no desequilíbrio, na dor e no sofrimento.

CAPÍTULO IV

DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

1 — O ESTÁGIO AINDA INFERIOR DO HOMEM

A revelação de que as entidades, em posição pueril, no vampirismo, se alimentavam das larvas, que se desenvolvem nos encarnados envolvidos em situações de natureza inferior, assim como miasmas e pestilências aparecem nos monturos de lixo, chocou profundamente a André Luiz. ([1], Cap. 4).

Antes de tudo temos que entender que a alimentação é, antes de tudo, “permuta de substâncias com transformação de energia”, e dela depende a ação. Portanto, como agimos nos dois planos, em ambos estamos sujeitos às leis das transformações de energia, para cuja possibilidade, nos alimentamos.

É o que ele diz, em ([2], 2.^a Parte, Cap. I). E acrescenta que o desencarnado, profundamente arraigado às sensações terrestres, tem a “. . . necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar . . . provoca os fenômenos de sim-

biose psíquica que o levam a conviver temporariamente no hato vital daqueles encarnados com os quais se afina; quando não promove a obsessão espetacular”.

Mas, prosseguindo nas observações e diante do estarcimento demonstrado, recebe de Alexandre a explicação de que não há motivos para tanta surpresa. Afinal os encarnados se sustentam, em grande maioria, à custa das vísceras, do sangue, dos ossos dos animais, seres que, em lugar de extermínio, nos demandam roteiros de progresso e valores educativos.

Oprimimo-los, não lhes guardamos o menor respeito, tratamo-los com fúria e ingratidão. Infligimo-lhes doenças, só para satisfazer ao paladar. Engordamos suínos à custa de resíduos; hipertrofiamos o fígado de gansos, a fim de obter patês famosos. Sustentamos indústrias da morte sem o menor condoimento, devastando-lhes a vida, num constante desrespeito às leis pelas quais inferiores e superiores devem exercer a co-criação, através da colaboração e do amor, para a evolução do todo.

Conta o Irmão X, em ([3], n.º 28), o apólogo d’“O Homem e o Boi”, no qual um anjo encontrou um homem e um boi. Nas pupilas do homem descobriu a inquietação da maldade; nos do boi, calma e paz. Concluiu que o boi era superior ao homem.

Induzindo-os ao trabalho, fê-lo o animal com humildade e perfeição, enquanto o bípede vociferou, estalou um chicote, ferindo o colaborador de quatro patas.

Examinando-lhe o comportamento com uma vaca, novamente notou o racional a ferroar, esbordoar, ferir, enquanto esta prosseguia firme na atitude de quem sabia sacrificar-se.

O anjo, encontrando um gênio sublime da hierarquia terrena, declarou-lhe estar satisfeito com a elevação sentimental das criaturas superiores do planeta. Apenas não concordava que os mais nobres se movimentassem sobre os quatro pés, enquanto certo animal levantava o fêmur em dois.

Desapontado, o protetor da Terra esclareceu que, não é que era o Rei da Inteligência, sendo o boi apenas um candidato ao raciocínio.

O anjo assombrado achou o problema muito pior. Não apresentaria solicitação ao Criador. Não se sabe, entretanto, se pediu que o boi levantasse as pernas dianteiras ou que os homens descessem as mãos para andar de quatro.

2 — A NATUREZA À ESPERA DA COMPREENSÃO DO HOMEM

Os animais temem-nos mais que as intempéries, com exceção dos domésticos que, confiando em nós, quando encaminhados ao matadouro, o fazem “com lágrimas de aflição, incapazes de discernir onde começa a nossa perversidade e onde termina a nossa compreensão”. ([1], Cap. 4). Vide ainda ([4], Cap. XXXIX).

Em ([5], Cap. 42), exaltando as forças da Natureza, Aniceto faz o seguinte comentário do Cap. 8, vers. 19, 20, 21 da Epístola aos romanos, que transcrevemos:

“19 — Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. 20 — Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, 21 — na espe-

rança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”

Isto é, a Natureza espera a compreensão do homem... vive em eterna expectativa, aguardando o entendimento e o auxílio dos Espíritos encarnados na Terra, mais propriamente considerados filhos de Deus... Entretanto, as forças naturais continuam sofrendo a opressão de todas as vaidades humanas. Isto ocorre porque também o Senhor tem esperança na libertação dos seres escravizados na Crosta, para que se verifique a liberdade na glória do Homem.”

Os homens ainda permanecem, em grande maioria, em estágio de grande atraso evolutivo. Da mesma maneira que permanecem cristalizados ainda nas formas mitológicas do pensamento das épocas primitivas, assim sustentam os velhos hábitos em que, selvagens, não lhes ocorria, senão na caça e na depredação, a realização do próprio sustento. Com o crescimento do poderio tecnológico, viciados nos sentimentos e nos excessos de alimentação, “...oprimem as criaturas inferiores, ferem as forças benfeitoras da vida, são ingratos para com as fontes do bem...”

Desconhecendo as leis que regem o espírito, acalentam propósitos de vaidade, de prazer, de ambição de ganhar, fazendo das prerrogativas que a oportunidade lhes concede — o poder, a força, o patronato, a influência, a competência, a chefia, o cargo, a magistratura, a abastança, a fartura, a opulência, a intelectualidade, o talento, a habilidade, armas para destruir a Natureza, combater o semelhante, subjugar os mais fracos, incôscios de que tudo que nos é dado usufruir, o é para edificar e não para destruir, tornando-se eles próprios vítimas de paixões desvairadas.

“Traçam programas de riqueza mentirosa, que lhes conduzem a ruína; escrevem tratados de política econômica que redundam em guerras destruidoras; desenvolvem o comércio do ganho indêbito; dominam os mais fracos e os exploram, acordando, porém, mais tarde, entre os monstros do ódio.” ([5], Cap. 42).

5 — O FIM DOS TEMPOS

Conta Nêo Lúcio, em [4], n.º XXXI), lenda em que, nos primórdios da natureza humana ninguém se animava a trabalhar. “Homens e mulheres comiam frutos, perseguiam animais para devorá-los e dormiam sob grandes árvores”.

Após refletir, o Senhor criou o dinheiro e, em breve, o progresso na inteligência e nas coisas se fez rápida.

Os homens trabalhavam sem descanso em busca do dinheiro, perseguiam-no e guerreavam pela sua posse.

Considerou o Senhor, satisfeito: “Meus filhos não poderiam servir por amor; todavia o dinheiro estabeleceu competições... em benefício da obra geral...” Assim, cada um prestar-me-á contas, na morte. E isto assim será até que “...aprendam a servir por amor à humanidade geral, livres do grilhão que a posse institui”.

Continua Aniceto dizendo que toda esta desolação não a produzimos a pretexto de obter proteínas e gorduras quando, pela nossa inteligência, poderíamos encontrá-la em novos elementos; isto é, a pretexto de obter Nitrogênio, essencial à vida, uma vez que não podemos absorvê-lo espontaneamente do ar. Só as plan-

tas conseguem retirá-lo do solo, retendo-o. "Todas as indústrias agropecuárias não representam na essência, senão a procura organizada e metódica do precioso elemento da vida... E o homem... transforma a procura de Nitrogênio em movimento de paixões desvairadas, ferindo e sendo ferido, ofendendo e sendo ofendido, escravizando e tornando-se cativo, segregado em densas trevas."

Somos transgressores da "Lei de auxílios mútuos... A missão do superior é a de amparar o inferior e educá-lo". ([1], Cap. IV).

Mas a nova era aí está. Nela "os homens cultivarão a Terra por amor e utilizar-lhe-ão os animais com respeito, educação e entendimento... ([1], Cap. IV), sem os recursos do extermínio. Era em que se saberá "...que a vida não é roubo incessante, em que a planta lesa o solo, o animal extermina a planta e o homem assassina o animal; mas um movimento de permuta divina, da cooperação generosa que nunca perturbaremos, sem grave dano à própria condição de criaturas responsáveis e evolutivas". ([5], n.º 42).

E da proteção aos inferiores advirá a proteção dos superiores, pois que não auxiliando os que dependem de nós, não poderemos pretender o que não damos.

"É por força da animalidade que conservamos, que caímos em situações enfermigas pelo vampirismo das entidades que nos são afins na esfera invisível". ([1], Cap. IV).

Em quase toda a literatura religiosa existe a imagem do fim dos tempos, imagem mitológica ainda persistente nas concepções tradicionais.

Mas, o mundo é governado por leis naturais que o submetem a um processo evolutivo. Tudo, no Uni-

verso, nasce, desenvolve-se e morre para renascer, mesmo os planetas, as estrelas, as galáxias, mesmo o Universo, em diferentes escalas. Haverá sim o fim dos tempos: o tempo em que "...o matadouro será convertido em local de cooperação, onde o homem atenderá aos seres inferiores e onde estes atenderão às necessidades do homem; a indústria glorificará o bem, impetrando o atendimento, a boa vontade e a veneração às leis divinas".

O tempo em que o homem, em vez de fazer de suas faculdades, de suas prerrogativas, armas para perturbar a ordem, as utilizará como meio de atuação para a realização do progresso geral.

* — VAMPIROS

Voluntário ao momento em que as pessoas da reunião retornavam à rua, do capítulo anterior, diz André Luiz ([1], Cap. 5), que aí estavam agrupamentos de entidades infelizes e inquietas, a conversação demorada e imprópria, aguardando os encarnados, impetuosos que eles são de penetrar em "...sessão especializada para o socorro dos amigos contra o vampirismo".

Todos os que haviam-se beneficiado na reunião, estavam agradecidos, cheios de gratidão e louvor por tudo que ali se passara, demonstrando "...as melhores disposições na fé, na confiança, no futuro.

Mas o problema não é de entusiasmo e sim de estímulos persistentes. ... Poucos guardam a uniformidade de emoção, idealismo...

... Nas horas calmas, grandes louvores. Nos momentos difíceis, deserções a pretexto da incompreensão alheia."

Sob a influência das irradiações recebidas, emanavam raios de espiritualidade surpreendentes. “Se conseguissem manter semelhante estado mental, pondo em prática as regras de perfeição que aprendem, comentam e ensinam, fácil lhes seria atingir o nível superior de vida”.

Mas os hábitos indignos são forças reflexas, do nosso automatismo, que não se anulam com facilidade. Basta pensar na dificuldade da diminuição de um vício. Cada um “funciona qual entidade viva, no universo de cada um de nós, compelindo-nos às regiões perturbadas e oferecendo elementos com os infelizes que se encontram em nível inferior”. ([1], Cap. 5).

Com a aproximação de entidades, modificou-se o estado vibratório do moço e da senhora. O primeiro passou a lamentar-se de ser vítima de tentações descabidas, de atração para ambientes malignos, “. . . apesar de ser casado há pouco e do devotamento da esposa. . .”, conseqüência da aproximação de dois companheiros adquiridos no meretrício.

O orientador, influenciando-lhe a irmã de 16 anos, fê-la sugerir: “. . . Neste caso o desenvolvimento mediúnico deva ser a última solução, pois antes de enfrentar os inimigos, os filhos da ignorância, deveremos armar o coração com a luz do amor e da sabedoria. Como beneficiar perseguidores sem a necessária preparação espiritual?”

Isto é, antes o equilíbrio do subconsciente para, a seguir, sustentar-se no superconsciente. (Ao aspirante a atleta que tivesse vida desregrada, antes de tudo ser-lhe-ia pedido reconsideração de atitudes. Antes o tratamento, depois o exercício).

“Antes de cogitar de um desenvolvimento psíquico, procurar a elevação de nossas idéias e pensamentos. . . para sermos úteis no reino do Espírito, cabe-nos, em primeiro lugar, a viver espiritualmente.”

A resposta era endereçada também à senhora, a mãe de ambos, o rapaz e a menina, que se achava influenciada pelo marido desencarnado, criatura cuja vida havia-se desenvolvido em tremendo egoísmo doméstico.

Causou profunda contrariedade.

O orientador esclarecia que ninguém, a não ser eles mesmos, poderia romper as algemas. Nem poderia retirar os vampiros, pois “. . . os interessados forçaram a volta deles. . .” (Quantas vezes os filhos se envolvem em más companhias, sem que os pais consigam dissuadí-los. É o mesmo fenômeno). A companheira declarar-se-ia saudosa, e o rapaz abrigaria temores de não ser mais tão viril.

Pode-se, sim, auxiliar as entidades. Mas isto requer tempo. A assistência não falta. Entretanto “. . . são fracos e ignorantes. Colhem o que semeiam”.

5 — ORAÇÃO — O MAIOR ANTÍDOTO CONTRA O VAMPIRISMO

O que surpreendia, nisso tudo, era verificar com a menina tanta facilidade de comunicação e na rua; enquanto, lá dentro, com toda a proteção, vibrações favoráveis, tanta dificuldade na psicografia.

Sucedem que a transmissão mental é simples e livre. “Desencarnados e encarnados vivem a mais ampla permuta de idéias. Cada mente é um receptor e um transmissor atraindo as que se lhe assemelham. . .

Temos o fenômeno intuitivo, comum a todas as criaturas... mãe e filho... presas de ignorância e enfermidade... Falam sob a determinação direta dos vampiros infelizes... A menina, ao contrário, consegue receber nossos pensamentos e traduzi-los em linguagem edificante... Conserva-se pura... Os órgãos vocais não foram viciados pela maledicência, pela revolta, pela hipocrisia... seus centros de sensibilidade não sofreram desvios... seu sistema nervoso goza de harmonia invejável; seu coração, envolvido em bons sentimentos, comunga com a beleza das verdades eternas...

Estas são as condições a que deve chegar todo médium antes de poder estabelecer intercâmbio com as esferas benfeitoras.

“Quase a totalidade de sofrimentos nas zonas inferiores” se deve ao vampirismo.

“Criaturas desviadas da verdade e do bem... reúnem-se... para as permutas magnéticas de baixa classe. Os criminosos de vários matizes, os fracos da vontade, os aleijados do caráter, os doentes voluntários... integram comunidades de sofredores e penitentes do mesmo padrão... Todos eles segregam forças de-testáveis, criam formas horripilantes...”

Certamente que não faltam “...processos saneadores e curativos...”...no plano espiritual. Entretanto cada um deve ser “...o médico de si mesmo...”

E para lhe dar uma demonstração prática, Alexandre conduziu André Luiz ao lar do rapaz. As entidades, contrafeitas, não conseguiram entrar. A esposa cultivava a prece e “...a prece traça fronteiras vibratórias”. ([1], Cap. VI). Garantia a casa tranqüila,

“...pela abundância e permanente emissão de forças purificadoras e luminosas de que o seu Espírito se nutre”.

Já deitada, durante o sono aguardava o marido que se deitou e dormiu. Nisto, Cecília, a esposa, acariciando-o, revelou-se em fervorosa prece, transformando-se-lhe “o coração... num foco ardente de luz, do qual saíam inúmeras partículas resplandecentes, projetando-se sobre o corpo e sobre a alma do esposo... particularmente na zona do sexo... destruindo as pequenas formas escuras e horripilantes do vampirismo devorador.”

Era isto que Alexandre queria fazer observar a André Luiz, completando que “A oração é o mais eficiente antídoto do vampirismo... pode emitir raios de espantoso poder”.

E explicando, considerava que tudo se alimenta de raios: cósmicos, solares, caloríficos, luminosos; expressões emitidas pela água, pelos metais, vegetais, irracionais e os próprios semelhantes. Recebemos e emitimos forças que atuam. Os raios emitidos pela oração convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma, e iluminação da consciência.

Mas não basta. E, no caso, “...o rapaz deve dedicar-se ao aperfeiçoamento das bênçãos que recebe, porque toda cooperação exterior pode ser cortada e cada um é herdeiro de possibilidades sublimes e deve funcionar como médico vigilante de si mesmo.”

a — Bibliografia:

[1] André Luiz: *Missionários da Luz*.

[2] André Luiz: *Evolução em Dois Mundos*.

- [3] Irmão X: **Luz Acima.**
 [4] Néio Lúcio: **Alvorada Cristã.**
 [5] André Luiz: **Os Mensageiros.**

b — Leituras Complementares:

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — Perguntas:

- 1.º) O que é a alimentação, em essência?
- 2.º) Como é encarada a alimentação animal pelos espíritos?
- 3.º) Os homens, mentalmente, continuam arraigados às formas míticas; nos hábitos permanecem depredadores e opressores. Explique.
- 4.º) O que é a "Lei de auxílios mútuos"?
- 5.º) O que se deve entender por nova era?
- 6.º) Por que caímos facilmente em situações enfermigas pelo vampirismo das entidades inferiores?
- 7.º) Por que as entidades vampirizantes voltam a aproximar-se das criaturas, na rua, mesmo após trabalhos espirituais?
- 8.º) Como atuam os hábitos indignos?
- 9.º) Qual a razão das queixas do rapaz? E da senhora, sua mãe?
- 10.º) Por que, no caso deles, é melhor evitar o desenvolvimento mediúnico? O que se recomenda, antes?
- 11.º) Por que o plano espiritual não podia retirar os vampiros?
- 12.º) Por que a menina comunicava facilmente com o plano espiritual?
- 13.º) A oração é o mais poderoso antídoto contra o vampirismo. Explique.

d — Prática de Renovação Íntima:

André Luiz — **Respostas da Vida.**
 Ler e esudar o Cap. 25.

e — AULA PRÁTICA:

TÍTULO: PARASITISMO E BACILOS PSÍQUICOS.

1.ª PARTE: Abertura (20 min).

A₁: **Recomendações para a aula (2 min.).**

Pecado por pensamento e adultério (Ev. Seg. o Esp., Cap. VIII, n.º 5, 6, 7).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO

A mediunidade pode ser posta em analogia com os talentos.

Como eles, será desenvolvida com o concurso de todas as potencialidades do espírito e do corpo, o que exige:

subconsciente equilibrado, sem desequilíbrio de qualquer espécie;
 superconsciente operante e ideais bem definidos;
 consciente suportado por uma vontade firme e vigorosa.

Desenvolvimento mediúnico não é obra do acaso nem improvisada; requer, porém, ampla preparação no domínio da auto-sugestão e auto-aperfeiçoamento.

Abusos do sexo, de excitantes, de alimentação, excitam as tendências subconscientes, em lugar de sublimá-las, retendo os médiuns na improdutividade e no estacionamento, quando não os conduza a perturbações graves.

As sensações são do espírito e sempre que damos vazão à impulsividade, sem submetê-la ao crivo do discernimento com elevação de propósitos, desencadeamos forças de baixo estofo, que depois se torna difícil abafar, a prejuízo de outras capazes de desenvolver percepções avançadas.

Acresce que a sintonia com vibrações de baixo estofo é comparável à convivência com o monturo, a falta de higiene; gera bacilos, miasmas, capazes de provocar-nos doenças físicas. Assim a incontinência psíquica nos põe em contato com larvas que afetam profundamente a vida íntima e nos associa a desencarnados infelizes que delas se alimentam.

E ninguém, que não mantenha vigilância, está livre disso; mesmo porque o terreno muito fértil para a boa plantação, também oferece campo dos mais propícios à tiririca. A vigilância é como a higiene: não se pode descuidar dela. Daí os perigos da rua. A cólera, a desesperação, o ódio, o vício... oferecem campo a perigosos germens psíquicos da alma e o contágio é um fato. Onde a necessidade da fé religiosa.

CAPÍTULO V

REFLEXOS

1 — ATIVIDADES REFLEXAS

A lei da evolução faz-nos entender que o espírito, no seu desenvolvimento, nas realizações que efetua, plasma, inclusive, seu próprio veículo de exteriorização, no sentido de que idealiza os recursos de que necessita para efetuar determinada manifestação, e os estrutura para aquela especialização. Por eles, assegura a manutenção dos atos relativos às conquistas já feitas, de forma automática, de modo a poder continuar a expandir-se, sem entraves, rumo a possibilidades mais amplas de progresso e realização.

Com as células vivas (seres inferiores de natureza física e espiritual), postas à sua dependência, garante primeiramente o “automatismo fisiológico, pelo qual executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida”. ([1], Cap. IV).

A seguir, incorpora todos os patrimônios relativos à inteligência e à mentalização, automatizando as conquistas já feitas, naquilo que denominamos atividades reflexas do inconsciente.

O procedimento pelo qual isto se realiza, encontra analogia com o que nos sucede quando aprendemos a guiar um automóvel. As operações que se fazem necessárias são poucas, e são entendidas de pronto. Efetuá-las, realmente, é que exige tempo.

A compreensão precede a aquisição do comportamento, mas este, para ser adquirido, exige exercício, repetição constante e contínua de atos, pela qual coordenamos movimento de pernas, braços, olhos, de modo a superar as inibições, até que tudo em nós se torne espontâneo, natural e automático.

Todos os atos para guiar, do consciente passam para o inconsciente, e nosso comportamento ao volante constitui-se, em quase a sua totalidade, de atos reflexos.

De maneira análoga o espírito, pela incessante repetição dos atos indispensáveis ao seu desenvolvimento, nos ciclos de seus estágios nos dois planos, incorpora todos os atos da inteligência e da mentalização nas atividades reflexas do inconsciente.

À fundamentação do transformismo temos:

— o **reflexo** a instituir-se na automatização de atos elementares;

— o **instinto**, na conjugação de atos elementares, para o automatismo de uma unidade complexa de comportamento;

— a **atividade refletida**, na adaptação incessante, a que nosso comportamento deve satisfazer, às condições que as leis da vida nos impõem, atividade refletida esta "... que é a base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e trans-

missão incessante, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a manutenção sublimada no campo evangélico." ([1], Cap. IV).

2 — A INTELIGÊNCIA

Ultrapassando, pela reflexão automática, os mais rudes crivos da adaptação e seleção, "... assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria", ([1]), Cap. 3), o ser penetra as vias da inteligência mais completa, pelas quais, já com a manifestação do pensamento, principia a entender, a captar mentalmente, o significado da vida e das leis que o regem.

A inteligência manifesta-se, primeiro, como capacidade de captação, de sintonia, estabelecida em função das conquistas já feitas; depois, como a razão que se constitui na atividade refletida que organiza, seleciona, estrutura suas aquisições na determinação do seu agir; a seguir, ainda, como responsabilidade pela qual, constatados os efeitos de sua ação, o Espírito, espontaneamente, passa a distinguir os valores segundo os quais deve condicionar o seu agir.

3 — HEREDITARIEDADE

Através dos estágios nos dois planos, pelo nascimento e renascimento, a vida fica circunscrita à forma

em que se externa, segundo um complexo de leis que denominamos hereditariedade e transmitida pelos genes ou fatores de hereditariedade, estudado na Genética.

Pela herança e por intermédio das experiências infinitamente recapituladas, o ser evolue através das formas (cuja elaboração foi guiada pelos Semeadores Divinos, no dizer de André Luiz), até à do ser humano, para o qual "...o corpo espiritual à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos diante das reações do sistema nervoso, eleito para sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados." ([1], Cap. VII)

Dito de outro modo, elementos para a reprodução nós os formamos continuamente, sob os impulsos da mente, que neles imprime características dependentes de seus estados. Por isso, numa encarnação programada, os espíritos efetuam a escolha do elemento masculino que deve fecundar o elemento feminino.

A semelhança, certas disposições físicas, são os reflexos da atuação das mentes dos genitores na formação dos recursos da reprodução.

Neste caso a herança resultaria um complexo de leis pelas quais:

1.º — Condicionado aos princípios de seqüência, o indivíduo é compelido a renascer segundo a forma estabelecida pela herança e entre seus semelhantes, com os quais, a base de esforço, aprende a conduzir-se na prática do bem, o que lhe assegura equilíbrio e poder sobre os fatores ambientais, "...a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição." ([1], Cap. VII).

2.º — Adquire uma série de características impressas pela mente dos genitores, traduzidas em aspectos de forma, aparência, saúde...

3.º — Ele mesmo, porém, é o construtor de sua forma psíquica, segundo seu molde mental, com seus automatismos, tendências e valores, e todas as conquistas que efetuou ao longo de suas experiências milenares.

De modo que o aparelho fisiológico, embora seja o retrato da mente que o governa, tem algumas características que resultam daqueles que concorreram para a sua existência no plano físico. Mas até a própria convivência produz semelhanças. Marido e mulher, com o tempo, pela convivência íntima, tornam-se parecidos.

Mas, embora conduzida a renascer entre seus semelhantes, a criatura tem certa possibilidade de escolha, dentro dos limites possíveis estabelecidos pela hereditariedade. Pela afinidade, situa-se entre mentes que se ajustam à sua, herdando deles corpo talhado para as suas necessidades, antes estudado, programado e guiado em sua formação, por disposições do Plano Espiritual (Vide [2], Cap. XIII).

Por sua conduta feliz ou infeliz, entretanto, influirá sobre o corpo com os estados da mente, enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal.

4 — REFLEXOS CONGÊNITOS

Pelo pensamento, o homem determina os impulsos que não de gerir todo seu cosmo biológico, ao mesmo

tempo que estabelece as possibilidades de comunicação com o seu semelhante. Quando meditamos, quando nos fixamos no exame das idéias ou motivos que povoam nossa consciência, quando refletimos, enfim, sintonizamos com as mentes envolvidas na mesma ordem de pensamentos, independentemente da distância, trocando com elas os valores a eles relativos, conforme a simpatia, a insistência e a adaptação da onda que emitimos, pelo esforço de nossa vontade.

É neste fenômeno que encontramos os princípios de muitos outros que nos governam a vida psíquica, tais como o aprendizado, a sugestão, a criatividade, etc.. Para explicá-los, recorramos à analogia com os reflexos.

Como se sabe, além dos sentidos, pelos quais captamos estímulos causadores de sensações, o corpo possui vários órgãos receptores sensitivos que, transformando uma ação mecânica em sinal elétrico (impulso nervoso) enviam mensagens através da medula que podem ou não atingir o córtex cerebral e que, avaliadas, determinam resposta.

Dentre as respostas, distinguimos reflexos congênitos ou incondicionados e reflexos adquiridos ou condicionados.

Denominam-se reflexos congênitos ou incondicionados, respostas inconscientes, ações instintivas e involuntárias que se instituem sem a intervenção do córtex, por vias próprias, hauridas da espécie, seguras, estáveis, mecanismos do sistema nervoso central, com uma via sensitiva de entrada e uma motora de saídas próprias, envolvendo não mais do que a medula espinhal e o tronco cerebral.

São exemplos: a retirada da mão de algo quente, quando tocado inadvertidamente; o piscar do olho ao

ser atingido por um cisco; e outros chamados protetores, posturais, alimentares e sexuais.

5 — REFLEXOS CONDICIONADOS

Denominam-se reflexos adquiridos ou condicionados certos outros construídos pelo indivíduo, ao longo de sua existência, sobre os congênitos, à maneira de construções emocionais, por vezes instáveis, que se utilizam do córtex cerebral, como órgão avaliador das mensagens, a partir do qual é estruturada a resposta.

Para melhor compreendê-los recorreremos a célebre experiência de Pavlov. Embora as primeiras idéias sobre as ações reflexas se devam a Descartes, que as considerou como as unidades de ação do sistema nervoso, deve-se a Pavlov (1903) a sistematização do estudo científico dos reflexos a partir dos estímulos, descobrindo os reflexos condicionados, com a Psicologia já Ciência Experimental e não Metafísica, como o era até pouco tempo antes.

Pavlov separou cães recém-nascidos do convívio materno e os sustentou com aleitamento artificial. Crescendo, estes revelaram os reflexos congênitos, tais como o patelar (o reflexo provocado por uma batida no joelho) e outros. Entretanto, quando se lhes mostrou carne, ou se lhe deu a cheirar, não segregaram saliva; e, isto, diante de um alimento tradicional para a espécie.

A secreção só se manifestou quando a saborearam, quando a carne lhes foi colocada na boca. A partir disso, passaram a salivar mesmo quando somente a viam. O estímulo dos receptores sensitivos próprios (a carne na boca), provocou um reflexo condicionado (o

gostar de carne), que passou a utilizar uma das vias do reflexo congênito; isto é, provocou o desencadear da salivação não mais como consequência da excitação dos órgãos receptores sensitivos próprios, mas por um estímulo captado pelo olfato ou pela visão, e que, levado ao córtex e interpretado, provocou a resposta sobre a via motora, de saída do ato reflexo; sem utilizar a respectiva via de entrada, portanto; como que em regime de enxertia. (Ler também [3], n.º 257).

O ato de alimentar-se é hábito já adquirido pela espécie em processo evolucionista, através das sucessivas reencarnações, atitude espontânea, automática, enquanto que o hábito de preferir carne é uma aquisição presente, nova, pela qual há criação de "... impressões novas sobre um campo de sensações já consolidadas", ([4], Cap. XII). E, como este, muitos outros fatos aparecem em que o mundo sensorial do animal é enriquecido por impressões novas que os vários estímulos podem provocar.

6 — REFLEXOS CONDICIONADOS PSÍQUICOS

De forma análoga, podemos falar de reflexos condicionados psíquicos.

Pensar é uma faculdade do Espírito: processo automático, espontâneo (o análogo do reflexo congênito).

Preferir deter-se nesta ou naquela ordem de idéias, é uma condição que instituímos presentemente, e que podemos alterar a qualquer momento. (O interesse pela ordem de idéias é o análogo do interesse pela carne). É esta preferência que denominaríamos de reflexo condicionado específico.

A leitura de um jornal por diversas pessoas pode despertar, em cada um, a atenção para assuntos diversos. Sempre que a nossa atenção é atraída para um motivo que acalentamos, desencadeia em nós uma resposta mental (o análogo da resposta ao estímulo captado não pelos sensores, mas pelo olfato ou a visão), uma reflexão que foi provocada não pela produção natural das idéias no ato de pensar, mas por fator externo que as induziu provocando a resposta, porque nos encontrou receptivos pelo interesse.

Acresce que, retendo alguém, a mente, em determinada ordem de pensamentos, emite "... onda de idéias que lhe são próprias, ao redor dos temas que lhe sejam afins, exterioriza na direção dos outros as imagens e estímulos que acalenta consigo, recebendo, depois, sobre si mesmo os princípios mentais que exteriorizou, enriquecidos de outros agentes que se lhe sintonizam com as criações mentais." ([4], Cap. XII).

7 — SUGESTÃO

Os conceitos espíritas, acerca do psiquismo humano, fundamentam-se essencialmente, sobre a noção de pensamento nele admitida, pela qual o reter-se alguém em determinada ordem de idéias, faz com que ele estabeleça comunicação com mentes afins e se lhe enriqueça o teor das próprias, com os elementos que, por isto, se agreguem aos seus.

É a luz desta conceituação que a sugestão e a auto-sugestão passam a ter nova explicação.

Geralmente se acredita que o simples pensar, faculdade que possuímos com caráter de absoluta liber-

dade, não acarreta qualquer conseqüência; que é isento de qualquer responsabilidade. Entretanto, o deter-se em determinada ordem de pensamento, desenvolve quadros mentais que, primeiramente, fixam o teor das vibrações, o nível de impulsos, com os quais a pessoa comanda o próprio cosmo biológico.

Numa comparação grosseira, exercem papel semelhante ao de uma tensão de alimentação de uma televisão: se adequada, temos bom funcionamento; se não, aparecem deficiências que se traduzem em imagem distorcida, insegura, enfraquecida, reduzida. Secundariamente, tais quadros motivam nosso comportamento que, com o persistir dos mesmos, reforçados pela contribuição daqueles que se põem em sintonia conosco, desenvolve hábitos ou desperta tendências adormecidas que nos alteram o caráter e a personalidade.

É por este mecanismo que, freqüentemente, somos conduzidos a procedimentos dos quais, a seguir, podemos nos arrepender. É o que sucede, por exemplo, quando, em nossa maneira de ser, obedecemos a preceitos que entendemos como meras regras instituídas e não como princípios de convicção. Por exemplo, pode-se ser honesto, não porque se aceite a honestidade como um valor; mas sim porque ela é entendida pura e simplesmente como regra no pressuposto jogo das relações sociais. É-se honesto na medida em que outros o são; caso contrário, está-se sempre pronto a defender aquilo que se reputa ser o próprio interesse; é-se manso até que não se seja provocado; é-se justo, enquanto convenha.

Em grande número nos mantemos em estado de acomodação, com a perceptividade sempre aberta a todo estímulo e com a mente sempre pronta a acolher os temas que eles induzem.

Acalentamos, muitas vezes, anseios que não podemos revelar. Uma conversa, uma leitura, uma referência, uma imagem, atuam como elementos indutores — sugestões — (o equivalente do estímulo que não utiliza os sensores) e são o suficiente para que nos fixemos em elocubrações mentais que crescem, se agigantam em nós, com o fortalecimento aportado pelas mentes que estão em sintonia conosco, e nos fazem praticar, às escondidas, muitas vezes, aquilo que apregoamos ser atentatório às boas regras de conduta. Aliás esta é uma das razões pelas quais não devemos julgar. Pois, ao fazê-lo, entramos na faixa daqueles que condenamos e acabamos por incorrer nos mesmos atos.

8 — A TIRANIA DOS FRACOS

Assim sendo, se nos torna evidente a necessidade de um constante ajuízamento de nossos íntimos interesses, dado que somos livres no pensamento, de nos comprazermos no bem ou no mal. Diz André Luiz, em ([4], Cap. XII): “O discernimento deve ser, assim, usado por nós outros à feição de leme que a razão não pode esquecer à matroca, de vez que se a vida física está cercada de correntes eletrônicas por todos os lados; a vida espiritual, da mesma sorte, jaz imersa em longo oceano de correntes mentais, e dentro delas, é imprescindível que saibamos procurar a companhia dos espíritos nobres, capazes de auxiliar a nossa sustentação no bem, para que o bem, como aplicação das leis de Deus, nos eleve à vida superior.”

Resulta claro, em conseqüência, o significado da observação evangélica, em que o pecado é apontado já no ato de pensar, ([5], Cap. VIII).

O pensamento de natureza inferior, uma vez acalentado por nós, se amplia, se fortalece, se desenvolve, se enriquece de dados e elementos que nos compelem à ação, disfarçada ou não. Por ele nos associamos a criaturas e mergulhamos em ambientes do plano espiritual que nos causam quedas e nos precipitam em situações que nos denigrem. Nisto está a razão de porque pessoas, em certas instâncias, agem contrariamente ao que apregoam; ou porque certas outras, que se propõem auxiliar criaturas falidas, podem deixar-se envolver pelas malhas de suas fraquezas. É o que se denomina de TIRANIA DOS FRACOS, em Psicologia.

Dado que a conjugação de ondas mentais é o imprescindível para o estabelecimento da influenciação, aquele que está em posição de socorrer, necessita baixar o nível mental a fim de transmitir. Mas se, inadvertidamente, não se mantém com os recursos suficientes para sustentar-se e conduzir, acaba por se comprometer. O próprio médium que se dispõe a auxiliar necessitados, pode sofrer-lhes a influência e, se não tiver suficiente estatura moral para impedir o desenvolvimento das sugestões, pode cair em estados de perturbação. O mesmo aconteceria a um pregador, a um psiquiatra, a um psicólogo, a uma esposa, ou mesmo a um amigo.

A perturbação pode nascer de uma invigilância de nossa parte, de uma abertura que fazemos em momentos de passividade, de relaxamento do espírito, ou de transigência mental, pelas quais permitimos a sustentação de motivos menos edificantes e damos acesso a elementos indutivos que os fazem crescer até o ponto de nos fazer agir.

a — **Bibliografia:**

- [1] André Luiz: **Evolução em Dois Mundos.**
[2] André Luiz: **Missionários da Luz.**

- [3] Allan Kardec: **O Livro dos Espíritos.**
[4] André Luiz: **Mecanismos da Mediunidade.**
[5] Allan Kardec: **O Evangelho Segundo o Espiritismo.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos dos textos citados.

c — **Perguntas:**

- 1.º) O que entende por "o espírito plasma o seu próprio veículo de exteriorização"?
- 2.º) Como, pelas atividades reflexas, incorpora os patrimônios relativos à inteligência?
- 3.º) Como se relacionam o reflexo, o instinto e a atividade refletida?
- 4.º) Como se constitui, evolutivamente, a inteligência?
- 5.º) O que são reflexos congênitos?
- 6.º) O que é reflexo condicionado?
- 7.º) De que maneira o mundo sensório do animal é enriquecido?
- 8.º) O que são reflexos condicionados psíquicos?
- 9.º) De que forma a mente se enriquece de princípios ou agentes outros que os seus?
- 10.º) O que é a sugestão?
- 11.º) Não julgueis! Interprete.
- 12.º) O que é a tirania dos fracos?

d — **Prática de Renovação Intima:**

André Luiz — **Respostas da Vida.**
Estudar e pôr em prática o Cap. 26.

e — **AULA PRÁTICA:**

TÍTULO: DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO.

1.ª Parte: Abertura (20 min.).

A1: Recomendações para a aula (2 min.).

Verdadeira pureza e mãos não lavadas (Ev. Seg. o Esp., Cap. VIII, n.º 8 e 9).

A2, A3, A4, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min).

Os hábitos de alimentação dos homens são como o de suas idéias: ultrapassadas e pertencentes a um passado que denuncia ainda infância espiritual.

Embora não se possa pretender uma mudança radical de costumes e comportamento, a hora da maioridade espiritual já soou com a revelação do Evangelho.

O homem, que já se ergueu com o levantamento dos dois membros anteriores, hoje precisa alterar sua participação e seus objetivos em relação à vida.

Violência, luxúria, agressividade, gula, depredação, extermínio, espurcícia, já não podem figurar na conduta de cada um. Há que emoldurá-los

de mansuetude, naturalidade, delicadeza, simplicidade, cooperação, respeito, gratidão e bondade.

O fim dos tempos que se aguarda é o fim da grosseria, da brutalidade, para ingressar na era do culto da educação e da virtuosidade, da obediência à Lei de auxílios mútuos...

O que é necessário entender, acima de tudo, é que o vampirismo é sempre devido ao nosso estado mental. Assim como o desleixo físico é causa de abertura às infecções, assim o desleixo mental é porta de acesso às infecções fluídicas.

Assim como a um atleta que queira alcançar resultados, a primeira coisa que se lhe pede é vida regrada, assim para o médium antes do desenvolvimento se lhe requer "armar o coração com a luz do amor e da sabedoria", os órgãos em harmonia. E lembrar que, como maior antídoto contra todos os males, o primeiro passo é a oração.

CAPÍTULO VI

SUGESTÃO E PASSIVIDADE

1 — EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O que denominamos indução, em termos de pensamentos, é o que mais comumente se denomina de sugestão. Grande é o número de criaturas que não têm capacidade de conduzir seus próprios pensamentos, de nortear sua vida mental segundo suas legítimas determinações. Têm a mente abandonada à matroca, sempre influenciável, constantemente guiada a fixar-se nos assuntos que os estímulos externos lhes sugerem. Daí a inconveniência da revelação indiscriminada das mazelas humanas, pelos meios de comunicação com caráter meramente expositivo, dirigida à curiosidade, destituída de senso educativo, para um público indiferente, em grande parte despreparado, nada interessado no estudo e na aquisição de conhecimentos. E o que é pior, muitas vezes apenas feita, visando fins menos dignos.

A exposição de um fato sempre reproduz, na mente dos que a ouvem, os quadros relativos à capacidade receptiva e conceptual de cada um, estabelecendo ressonância nos motivos que a pessoa acalenta.

Assim sendo, a apresentação da violência, mesmo se efetuada visando a exaltação da justiça, pode produzir efeito contrário; pode desencadear, em certas mentes, processos que conduzem à sua prática. O espetáculo de libertinagem, apresentado com os requintes de detalhes que o realismo reclama, pode induzir ao desenvolvimento de cargas emotivas, que terminam na sujeição aos mais variados vícios. A propaganda que apresenta as delícias do saboreamento das mais diversas beberagens, a fim de vender produtos, desperta a propensão para o alcoolismo superando, com muito mais força, todos os esforços dirigidos a combatê-lo.

O delírio "tremens" é este fenômeno tornado patente pelo descontrole emocional do alcoólatra que, diante de uma bebida, passa a tremer, só se aquietando depois que a tenha ingerido ou tenha saciado a apetência que a simples visão lhe desperta.

É o mesmo fenômeno apontado, em ([1], Cap. VII), em relação ao medo criado pelas idéias de bruxaria e demonismo. A pessoa tem a disposição mental; a sugestão a excita, e as entidades malfazejas lhe imprimem maior amplitude, a fim de se aproveitarem da situação. No caso do alcoólatra, ela fica incapaz de dominar-se e torna-se "caneco vivo" de desencarnados.

É imensa a quantidade de pessoas que trazem, em seu íntimo, o estigma de quedas e fracassos dos mais variados gêneros, tidos em reencarnações progressas e que se encontram, nesta, em condição reeducativa. À guisa de doentes em recuperação, não dispõem de fortes recursos próprios de sustentação, sendo muito vulneráveis às sugestões que lhe possam reacender, qual vento a soprar, a fogueira latente nas brasas ainda acensas da inferioridade. Mas, mesmo espíritos de escol po-

dem, em certas ocasiões, ter antigos impulsos, vividos em um estágio de desenvolvimento inferior, redespertados e a provocar-lhes estados de angústia e desesperação.

A liberalidade com que certos assuntos são tratados por alguns dos mais variados meios de comunicação, com evidente intuito de auferir lucros, é também, em grande parte, responsável pelo recrudescimento das chagas sociais. Argumenta-se que tal atitude é feita em apoio ao movimento que pretende reestabelecer a verdade perdida pelos desvios do dogmatismo que, enveredando além dos limites da experiência e da observação, termina por impor regras e sistemas, muitas vezes contrários às próprias leis naturais.

Mesmo reconhecendo que o dogmatismo é sistema ultrapassado, com um conteúdo que está a exigir uma revisão total, nem por isto torna-se válido entronizar de novo a "opinião"; como no sistema dos sofistas, muito ao gosto de alguns que hoje têm acesso aos meios de comunicação.

O Espiritismo demonstra que mesmo o conhecimento das leis que governam o espírito, deve ser feito de forma teórico-experimental, segundo o modelo da física moderna, ao contrário do Dogmatismo, cujo modelo é a geometria euclidiana.

O levantamento de todas as opiniões acerca de um fenômeno, não conduz a qualquer conhecimento. Isto é resultado já definitivamente alcançado por Sócrates, seu descobridor, quando com seu método, definiu as diferenças entre conhecimento científico e opinião. O que mudou foi o modelo: para ele era a Geometria; para nós, é a Física. Não foi o conceito que mudou. O conhecimento não se efetua sobre o levantamento da

opinião pública, mas na abordagem dos fatos com método científico e por parte daqueles que, para isto, estejam devidamente preparados.

A teoria atômica, a fissão nuclear, o desenvolvimento tecnológico, para a fabricação de automóveis, mísseis ou computadores, não é produto de enquete pública.

Certamente que a ninguém, hoje, ocorrerá teoreti-
zar sobre o evolucionismo das espécies, acerca do desenvolvimento da vida, desde a ameba até o homem, relativamente às eras geológicas, sobre a Bíblia; também não o fará colocando-se numa esquina indagando de todos os transeuntes. Fa-lo-á porém procedendo ao estudo, ao levantamento, e à elaboração de dados e de fatos, com método apropriado, capaz de conduzi-lo à descoberta do verdadeiro conhecimento, que é o que atende aos fins da Educação.

O mundo é regido por leis finalistas e a ninguém é permitido derrogá-las. Há valores e normas de conduta que se impõem para a ordem e equilíbrio da criatura, seja em relação a si, seja em relação à Sociedade. Descobri-las é um dever, mas é tarefa que exige preparação e responsabilidade, porque a verdade só se apresenta àqueles que têm a disposição de colocá-la para o bem de todos e a serviço do bem geral.

2 — O HIPNOTISMO

Como já vimos, fenômenos subjetivos são aqueles fenômenos espíritas de natureza puramente mental. Em ([2], Cap. XIII a XVI), André Luiz relaciona todos os

fenômenos da indução mental, com base no reflexo condicionado psíquico, anteriormente explicado. Sugestão, mediunismo, hipnotismo, letargia, catalepsia, sonambulismo, relativamente ao aspecto comum de influência de um espírito por outro, difeririam tão somente pelos diferentes graus de passividade do influenciado. Entretanto, explica ele, a influência não se dá somente nestes estados; ela é grandemente presente em todos os fatos de nossa vida e de uma forma por nós geralmente insuspeitada.

Já estudamos que, pelo reflexo condicionado psíquico, sintonizamos com determinada ordem de idéias, pura e simplesmente pelo toque indutor de um estímulo adventício. Uma vez que abriguemos certas idéias em nosso íntimo e nos tenhamos afeiçoado a elas, um simples estímulo ou sugestão desencadeia sua manifestação, enriquecendo-se-lhe o conteúdo pela sintonia com outras mentes que também as têm.

Vimos também que, no circuito mediúnico, a mente receptora deve poder estabelecer sintonia com a mente emissora e colocar-se em posição de adesão ou aceitação. Nisto permite-se o estabelecimento da corrente mental, em circuito fechado, entre ambos, e o recebimento da comunicação. Pois bem, o fenômeno hipnótico liga-se a este mecanismo, e ele mesmo pode ser explicado em termos de sintonia, adesão e estabelecimento de circuito fechado.

Em primeiro lugar, para um hipnotizador há pessoas que são mais suscetíveis de aceitar-lhe a influência e outras que o são menos. Para determiná-las, o hipnotizador solicitar-lhes-á fixarem um ponto ou um local, proibindo a perturbação ou o gracejo. Com aquelas com as quais ele pode por-se em sintonia,

estabelece-se o circuito fechado; e, desde que estas se predisponham a manter a sintonia provocada pelo toque do hipnotizador, passam "...a absorver-lhe os agentes mentais, predispondo-se a executar-lhe as ordens".

Tal influenciação independe da distância: pode-se dar através do rádio, de gravações e da televisão. Desde que as pessoas "...se rendam profundamente à sugestão inicial recebida, começam a emitir certo tipo de onda mental com todas as potencialidades criadoras da ideação comum, e ficam habilitadas a plasmar formas-pensamentos que lhes sejam sugeridas, formas essas que, estruturadas pelos movimentos de ação dos princípios mentais exteriorizados, reagem sobre elas próprias, determinando os efeitos ou alucinações que lhes imprima a vontade a que se submetem.

Temos aí a perfeita conjugação de forças ondulatórias."

Isto é, "...Induzidos pelo impacto do comando do hipnotizador, os hipnotizados produzem oscilações mentais com frequência peculiar a cada um...", que entrando em contacto com a onda do magnetizador voltam "...com a sugestão que lhes é desfechada, estabelecendo para si mesmos o campo alucinatório em que lhe responderão aos apelos". ([2], Cap. XIII)

Quando pensamos em certa ordem de idéias, criamos ondas mentais — ideações em que as forças mentais são produzidas por nós — forças estas que nos compelem nesta ou naquela direção; quando hipnotizados, as ideações têm as forças mentais induzidas pelo hipnotizador e agimos de conformidade com o comando dele e não nosso.

3 — IDÉIA-TIPO E REFLEXOS INDIVIDUAIS

Na conjugação mental a onda emitida pelo passivo é neutra. Excitada pela idéia emitida pelo hipnotizador, atua sobre o psiquismo de cada um, excitando-lhes os reflexos próprios.

Por exemplo, explica André Luiz: se houver várias pessoas sob o comando de um hipnotizador e este sugerir a idéia de frio, esta idéia é única para todos. É uma IDÉIA-TIPO, segundo ele diz. Tal idéia atua como estímulo: estabelece o desencadeamento de um reflexo condicionado, semelhante àquele da salivação, provocado pela visão da carne em cães; o congênito seria provocado pela sensações de frio provocada por uma baixa temperatura; o condicionado é aquele provocado pela idéia tipo do hipnotizador. A esta idéia, entretanto, cada um responderá com reflexos próprios e distintos.

Assim, se a idéia sugerida for a de sentir frio, como diz André Luiz: "Aqui, um deles abotoará fortemente o casaco; ali, outro se encolherá, vergando a cabeça para a frente; acolá, outro fará gestos de quem toma agasalho, utilizando objetos em desacordo com os que imagina e além, ainda outras tremerão, impacientes, como que desamparadas à ventania de um temporal". ([2], Cap. XIII)

Analogamente, se a idéia sugerida for a de tocar violino, cada hipnotizado passará a agir como se o estivesse fazendo. Somente que aqueles que porventura sejam possuidores dessa arte, tomarão postura e atitudes corretas, como realmente se estivessem tocando; os outros exibirão "gestos grotescos, manobrando a forma-pensamento quais se fossem crianças injuriando a arte musical".

4 — HIPNOSE E TELEMENTAÇÃO

Referindo-se à telementação efetuada no estado hipnótico, explica André Luiz que “em determinados estágios de ocorrência hipnótica, verifica-se o desprendimento parcial da personalidade, com o deslocamento de centros sensoriais”, embora continue ela controlada pela onda do hipnotismo. Nesta condição, este poderá sugerir que o passivo se considere determinada pessoa do conhecimento de ambos. A imitação dar-se-á de forma mais ou menos imediata. Entretanto, se a pessoa sugerida não for do conhecimento do segundo, a resposta não será tão fácil e ela poderá estabelecer-se só após longos exercícios de telementação especializada, entre ambos.

Isto ocorre porque faltam, ao passivo, ao **sujet**, recursos imaginativos para poder responder ao comando. Na linguagem já citada, na analogia do cérebro com o gerador **shunt**, diríamos que falta, no caso, magnetismo residual. Em ambos os casos, seja no de tocar violino ou no de assumir determinada personalidade, a melhor resposta depende dos recursos imaginativos, do conhecimento que o **sujet** tenha a respeito.

5 — SUGESTÃO E AFINIDADE

Outro elemento muito importante, para a resposta é a afinidade entre ambos. Diz André Luiz, em ([2], Cap. XIII): “Estabelecida a sugestão mais profunda, o hipnotizador pode traçar ao **sujet**, com pleno êxito, essa ou aquela incumbência, de somenos importância, para ser executada após que desperte do sono provocado, seja oferecer um lápis ou um copo d’água a certa pessoa,

sugestão essa que, por seu caráter elementar é absorvida pela onda mental do passivo, em seu movimento de refluxo, incorporando-se-lhe automaticamente, ao centro de atenção, para que a vontade lhe dê curso no instante preciso”.

Isto não se processaria “de modo tão simples se a sugestão envolvesse processo de mais alta responsabilidade na esfera da consciência”.

Se o hipnotizador sugerir, por exemplo, um ato que, em estado de vigília o passivo repeliria, algo contrário aos seus princípios morais: matar, por exemplo; ou assumir atitude indecorosa; cometer ato para ele imoral, a resposta não se realizaria, “. . . porquanto, nos atos mais complexos do Espírito, para que haja sintonia nas ações que envolvam compromisso moral — continua André Luiz —, é imprescindível que a onda do hipnotizador se case perfeitamente à onda do hipnotizado, com plena identidade de tendências ou opiniões, qual se estivessem jungidos, moralmente, um ao outro nos recessos da afinidade profunda”.

É de se notar que estes fatos relativos ao hipnotismo, são aqui descritos porque o fenômeno está ao nosso alcance e nós podemos efetuar-lo em laboratório, de forma repetitiva, tantas vezes, quando e onde quisermos. E assim como aqui se apresenta a problemática, no fenômeno mediúnico o processo se realiza de forma análoga.

O médium procede, em estado de transe, em ligação mental e em circuito fechado com o espírito comunicante, segundo excitação provocada pelas idéias-tipo que lhe são sugeridas, em concordância não somente com seus reflexos típicos, mas também em função do

tipo de sensibilidade que ele tiver: auditiva, vidente, de escrita mecânica, etc..

Na psicografia, não há a tomada do braço propriamente dita, por parte do espírito comunicante; há apenas a ordem de escrever tais ou quais idéias, da mesma maneira que é sugerida a idéia de representar esta ou aquela pessoa a um hipnotizador, com a diferença de que maior é o grau de passividade, maior é o número de recursos exigidos para o ato de escrever, governados pelo comando da mente comunicante.

Numa linguagem pouco precisa, poderíamos dizer que este comanda os recursos que o médium abandona ao seu comando, o que depende do grau de passividade, que nunca é feito de maneira integral. A resposta será melhor ou pior, mais ou menos fiel, segundo o conhecimento do médium e segundo a afinidade entre ambos.

A resposta se estabelece pela conjugação mental, na qual o passivo passa a agir de conformidade com seus próprios reflexos, condicionadamente ao seu conhecimento e à afinidade com o atuante.

Este é o motivo pelo qual, mesmo comunicações autênticas são tidas por manifestações anímicas pelos ouvintes menos avisados porque, em virtude da afinidade, quando os espíritos pretendem comunicar-se, antes de fazê-lo, estudam a possibilidade do médium, cingindo sua manifestação a ela. Isto faz com que a comunicação resulte limitada à faixa do médium em termos de expressão, embora não o seja em termos de conteúdo.

Mas isto é assim com qualquer talento humano. Um artista, embora recorra às mesmas fontes de estudo, ao mesmo rol de informações, e empregue o mesmo

tempo de esforço e burilamento, se exprime sempre com as características que lhe são próprias. Apresenta um estilo, uma sensibilidade, uma forma de se expressar inconfundíveis, pessoais, que o situam em um certo grau de escala do estrelato.

Na esfera mediúnica é o mesmo: "...cada servidor se reveste de características próprias.

O conteúdo sofrerá sempre a influência da forma e da condição do recipiente.

Essa é a lei do intercâmbio.

Uma taça não guardará a mesma quantidade de água, suscetível de ser sustentada numa caixa com capacidade para centenas de litros.

O perfume conservado no frasco de cristal puro não será o mesmo, quando transportado num vaso guardado de lodo.

O sábio não poderá tomar uma criança para confidente", ([3], Cap. 28).

Entretanto, à maneira do homem, que revelando um talento, pode fazê-lo através do estudo, do exercício, do burilamento continuado, semelhantemente a "Mediunidade... para o serviço da revelação divina; reclama estudo constante e devotamento ao bem para o indispensável enriquecimento de ciência e virtude." ([3], Cap. 28).

Enfim: "Não há bom médium, sem homem bom".

Não há manifestação de grandeza no Céu, no mundo, sem grandes almas encarnadas na Terra.

Em razão disso, acreditamos que só existe verdadeiro e proveitoso desenvolvimento psíquico, se estamos aprendendo a estudar e servir." ([3], Cap. 36).

a — **Bibliografia:**

- [1] FEESP: **Dor e Destino.**
- [2] André Luiz: **Mecanismos da Mediunidade.**
- [3] Emmanuel: **Roteiro.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — **Perguntas:**

- 1.º) O que pensa a respeito do apontamento indiscriminado das mazelas humanas pelos meios de comunicação?
- 2.º) Já viu alguém acometido de delírio "tremens", diante de uma bebida? Que acha da propaganda que apregoa os prazeres do álcool? Por que?
- 3.º) As razões das chagas sociais são muitas. Conhecê-las, demanda estudo sério e profundo. Apesar disso, poderia apontar algumas, com conhecimento de causa?
- 4.º) Novamente: Qual a diferença entre opinião e saber?
- 5.º) Quando uma sugestão pode desencadear em nosso íntimo a manifestação de idéias?
- 6.º) Explique o mecanismo da hipnotização.
- 7.º) Explique como atua, sobre vários hipnotizados, uma idéia tipo.
- 8.º) Pode o hipnotizador fazer qualquer sugestão ao *sujet* e ser sempre obedecido?
- 9.º) Qual a semelhança entre o fenômeno hipnótico e o mediúnico?
- 10.º) Por que a resposta do médium nem sempre é fiel à emissão do comunicante?
- 11.º) O que entende por Lei do intercâmbio? Explique.

d — **Prática de Renovação Íntima:**

André Luiz — **Respostas da Vida.**
Estudar e pôr em prática o Cap. 26.

e — **AULA PRÁTICA:**

TÍTULO: REFLEXOS.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A₁: Recomendações para a aula (2 min.).

Injúrias e violências (O Ev. Seg. o Esp., Cap. IX, n.º 1 a 5).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

O ser evolue incorporando em si mesmo os valores que a experiência lhe proporciona. Isto ele o faz através dos automatismos, das atividades reflexas que, pela repetição do comportamento corrigido pela atividade reflexa, determina as conquistas.

Reflexo congênito e reflexo condicionado distinguem-se pelas causas que os produzem. Ambos nascem de uma excitação ou entrada. No congênito, ela é constituída pelos sensores, nervos e elementos do sistema ner-

voso que veiculam o estímulo provocador e a resposta, automaticamente, sem chegar ao córtex, de forma automática inconsciente. No condicionado, a excitação é feita por uma entrada diferente: um sentido leva o estímulo ao córtex que, interpretando-o, o desencadeia pela mesma via de resposta do reflexo congênito correspondente.

Assumindo os reflexos condicionados, como referência para a analogia, explica-se o surgimento de idéias em nossa mente, provocadas por outras que nos são sugeridas de fora, com o nome de reflexos condicionados psíquicos. Isto se torna possível, porque acalentamos idéias afins. Estando elas dentro de nós em estado de excitabilidade, podem sê-lo por um estímulo externo e, a partir disso, desencadeia-se o processo mental e a ação correspondente.

É desta maneira que a mente se enriquece de valores, e esta é a forma pela qual se realiza a sugestão.

CAPÍTULO VII

O MÉDIUM E SUAS DIFICULDADES

1 — CAPACIDADE RECEPTIVA

Estudando o fenômeno do reflexo condicionado, André Luiz faz a pergunta que surge espontânea: — Se as idéias, na comunicação, são oferecidas pela entidade comunicante, neste caso elas não poderiam atuar como estímulos provocando o reflexo psíquico condicionado? Sendo assim, não teríamos o médium a externar suas próprias idéias e mistificar a comunicação inconscientemente?

“Sob a evocação de certas imagens, o pensamento do médium não se tornaria sujeito a determinadas associações, interferindo automaticamente no intercâmbio entre os homens da Terra e os habitantes do Além? ([1], Cap. IX).

— Não há dúvida — respondia Calderaro — “...os reflexos condicionados enquadram-se, efetivamente no assunto...”, embora tenhamos de convir que o fenômeno é bem mais complexo que o dos simples reflexos condicionados dos cães. Entre um comunican-

te e um médium há bem mais que reflexos: “há emissões de outra mente em sintonia com a dele”.

Mas é preciso não confundir entre “associação de idéias” e o que se denomina de Animismo.

Por exemplo, verificando o que ocorria em determinada sessão de desenvolvimento, podia-se observar onze pessoas das quais, “com exceção de três pessoas, os demais... guardam atitude favorável... a irmã Eulália... com o estado mais receptivo; dos oito cooperadores prováveis, é a que mais se aproxima do tipo necessário”. No entanto, o comunicante, médico, entendendo fazer algum bem além-túmulo, propôs-se “efetuar certo plano de socorro aos enfermos desamparados. O intercâmbio com os desencarnados não poderia ajudá-los a ser criaturas melhores. Impossível seria instalar o paraíso na Crosta do mundo em algumas semanas; entretanto, era lícito cooperar no aprimoramento da sociedade terrestre, incentivando-se a prática do bem e a devoção à fraternidade.”

Mas não se dispõe de médiuns que tenham perfeita afinidade com todos os espíritos e em todas as situações. E a mediunidade não é uma disposição que se utilize como uma lâmpada num circuito elétrico, em que apenas se liga e desliga, deixando passar a corrente.

A mediunidade é uma sensibilidade semelhante a um talento, (Cap. 3), possibilitando intermediação e para a qual concorrem todos os recursos da personalidade.

Eulália apresentava muito boa vontade, mas o médico “não encontra em sua organização psicofísica elementos afins perfeitos: nossa colaboradora não se liga a ele através de todos os seus centros espirituais; não é capaz de elevar-se à mesma frequência de vibra-

ção em que se acha o comunicante; não possui suficiente “espaço interior” para comungar-lhe as idéias e conhecimentos; não lhe absorve o entusiasmo pela ciência, por ainda não trazer de outras existências, nem haver construído, na experiência atual, as necessárias teclas evolucionárias, que só o trabalho sentido e vivido lhe pode conferir”.

Mas o médico, em virtude da boa vontade da médium poderá realizar o nobre desejo de ajudar. Entretanto, “em face das circunstâncias terá de pôr de lado a nomenclatura oficial, a técnica científica, o patrimônio de palavras que lhe é peculiar, as definições novas, a ficha de renome, que lhe coroa a memória no círculo dos conhecidos e dos clientes”. Terá de usar “a seu turno, a boa vontade...; é que em matéria de mediunismo há tipos idênticos de faculdades, mas enorme desigualdade nos graus de capacidade receptiva, os quais variam infinitamente com as pessoas”.

2 — O TRATAR COM MÉDIUNS

Pois bem, dispondo-se à comunicação, “os companheiros em posição receptiva” absorviam “... a emissão mental do comunicante, cada qual a seu modo”. Cada um “...recebia o influxo sugestivo que de logo lhes provocava a ...livre associação dos psicanalistas...”, isto é o fluxo espontâneo de idéias a que os psicanalistas deixam entregues os pacientes a fim de localizar elementos emocionais perturbadores.

Um “...recordou comovente paisagem de hospital;

outro... enfermeira bondosa que com ele travara relações;

outro... pensamentos de simpatia para com os doentes desamparados;

duas senhoras lembraram da caridosa missão de Vicente de Paula;

a uma velhinha acudiu a idéia de visitar algumas pessoas acamadas... queridas;

um jovem reportara-se a notáveis páginas... sobre piedade fraternal...

Somente Eulália recebia o apelo comunicante com maior nitidez... envolvia-se em seus pensamentos; possuía-se, não só de receptividade, mas também de boa disposição para servi-lo."

Deu-se enfim a comunicação pela psicografia.

"O comunicado era vazado em forma singela, como um apelo fraternal."

Findos os trabalhos, foi posta em dúvida a identificação do comunicante; as características não condiziam com o que se pensava dele. E aí levantou-se a hipótese animista: mistificação inconsciente do médium, em lugar do intercâmbio com o habitante do Além. Observação leviana, que se revelava desconhecimento do fenômeno, só servia para criar hesitação no médium em desenvolvimento. Por causa disto muitos médiuns se esquivam dele, recusam o exercício mediúnico, porque passam a duvidar de si mesmos; se a manifestação é deles ou de entidades.

O assédio aos médiuns, as solicitações descabidas, a sofreguidão pelas orientações que se buscam como se fossem manifestações de oráculos infalíveis, colocam o mediano, mesmo um experiente, em situações incômodas que terminam por fazê-lo desertar da missão.

Além de que buscam-se resultados imediatos como se para o médium não valessem as leis que a tudo regem, como se ele estivesse dispensado de crescer e de aperfeiçoar-se com o tempo e com o esforço. (Leia [2], Cap. 13).

3 — ANIMISMO

As limitações mediúnicas e a associação de idéias ~~na~~ têm a ver com o "Animismo, ou conjunto de fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação." ([3], Cap. XXII). Nele temos "ocorrências... nos fenômenos mediúnicos... com a própria Inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência..."

Certos sensitivos, por exemplo, em algumas situações, tais como o ambiente espírita, uma mesa de concentração, a sugestão em estado hipnótico, podem ter o ~~ac~~ da memória em faixas diversas. Há casos em que tal afloramento está ligado a um estado obsessivo. Entidades obsessoras, vingativas provocam o ~~re~~ dos fatos em outras épocas, o lembrar de situações passadas angustiantes e podem tornar o sensitivo vítima destas idéias.

Também pode-se dar o caso de defrontar-se ele com situações idênticas às vividas em outras existências, que lhe produzem o reavivamento de todas as emoções já vividas; ou então cair em tal estado com a presença de antigos inimigos, entrando em perturbação ou desajuste.

Também poderá ter lembranças provocadas sem qualquer processo obsessivo, nas quais a pessoa se vê

Ceder? Mas ceder é entregar-se a outrem e, isto jamais o fazemos integralmente. Somos uma personalidade com bagagem moral, intelectual, própria. Nem no estado hipnótico isto acontece. E quem comanda dá uma ordem que colida com os princípios morais do comandado, este não obedecerá, mesmo em transe.

O médium, por mais que se predisponha a ceder, sente, que é ele a expor-se diante de uma assistência; que é julgado, criticado, desacreditado. Muitas vezes é ridicularizado ou exposto à desconfiança pelos incrédulos. Sua capacidade de ceder fica tolhida por um número de impressões negativas que o tornam temeroso de expor-se. Sente a mesma dificuldade que qualquer um sente ao enfrentar um público e ao fazer uma exposição. Mas mesmo que ele supere tais impressões, é preciso que aprenda a confiar, a dedicar-se à felicidade do próximo, a dar de si; alcançar "elevada compreensão do bem coletivo, avançado espírito de concurso fraterno e de serena superioridade nos atritos com a opinião alheia".

Saber ouvir! Mas para isso é preciso silenciar as próprias idéias. E, em geral, nós somos imodestos, sabemos sempre mais que os outros. Temos uma opinião sobre tudo, um ponto de vista, não facilmente removível. E se algum conceito nos atinge faceta menos ajustada da personalidade, já constitui uma ofensa.

Aprender a ouvir é crescer em humildade, não ser vaidoso, revoltado, colérico. E, após termos aprendido a ouvir, é preciso entender, caso contrário nos sentiremos tolhidos em transmitir, o que é natural, inevitável e impossível de conter.

Para isto "...faz-se mister o refúgio freqüente à moradia dos princípios superiores...". A mente do servidor há de fixar-se nas zonas mais altas do ser (o

superconsciente), onde aprenderá o valor das concepções sublimes, renovando-se e quintessenciando-se para constituir elemento padrão dos que lhe seguem a trajetória." ([1], Cap. IX).

É preciso elevar-se em conhecimento, desenvolver entusiasmo pelo saber, pelo bom, pelo belo, caso contrário não ecoará em nós mensagem que os revele. E isto como não é atitude normal dos homens, cria mais um obstáculo para que assim procedamos; nos isola, nos afasta dos outros, nos cria incompreensão que, por vezes, poderá tornar-se bastante dolorosa. "...todavia essa condição representa artigo da Lei que nos estatui adquirir para podermos dar. Ninguém pode ensinar caminhos que não haja percorrido... No mediunismo comum... o colaborador servirá com a matéria mental que lhe é própria, sofrendo-lhe as imprecisões naturais diante da investigação terrestre; e, após adaptar-se aos imperativos mais nobres da renúncia pessoal, edificará, não de improviso, mas à custa de trabalho incessante, o templo interior de serviço, no qual reconhecerá a superioridade do programa divino de seus caprichos humanos. Atingida essa realização, estará preparado para sintetizar-se com o maior número de encarnados e desencarnados, oferecendo-lhes... oportunidade de se encontrarem uns com os outros...

... todos nós (encarnados e desencarnados), que nos contamos por centenas de milhões, não prescindimos de medianeiros iluminados, aptos a colocar-nos em comunicação com as fontes do Suprimento Superior... Amor e Sabedoria são substâncias divinas que nos mantêm a vitalidade.

... mediunidade é elevação de nossas qualidades receptoras para alcançarem a necessária sintonia com os planos da vida superior..." ([1], Cap. IX).

em outras existências, sem reconhecer-se a si mesma. Neste caso a pessoa se vê qual outra entidade e passará a exprimir-se como tal, sem que suspeite estar a revelar seu próprio subconsciente.

Outra faixa poderá ser aquela em que ele construiu impressões, imagens acerca de fatos, personagens totalmente inexistentes e tão somente criadas por sua própria imaginação. Ao ler, ao estudar, ao tomar conhecimento de certas personalidades, ou fatos históricos, associamos, às imagens colhidas, idéias próprias, impressões de pura fantasia falseando-as de noções e conceitos, revestindo-as de inverdades ou deformações, totalmente alheias a elas. A libertação de tais imagens, retidas na memória, de maneira descontrolada, sem a distinção entre o aprendido e o acrescido, fazem aflorar ao consciente as lembranças, com a força de verdadeiras imagens presentes, e levam o sensitivo a confundí-las com entidades presentes ou com fatos que se verificam ou que se verificarão. Daí ser inclinado a afirmar que tal ou qual personagem se lhe apresenta.

Todo excesso de imaginação pode criar acervo de idéias que podem aflorar como fatos que se apresentam como comunicações mediúnicas. Um sonho, uma fantasia, uma mentira, podem alojar-se no espírito e aflorar como fatos verídicos. Um mentiroso pode acabar acreditando nas próprias mentiras.

Mas isto diz respeito à anormalidade, à obsessão, à provação, muito comum nos fenômenos de alienação mental, ou em fases iniciais de desenvolvimento, em que o candidato a médium, permanece em fase de profunda conturbação, exigindo esclarecimento e socorro.

Excetuam-se os fenômenos físicos em que, em estado de letargia, o espírito, ao desdobrar-se, pode pro-

vocar, como no faquirismo, “em relativo estado de consciência, certos fenômenos...”

4 — EMBARAÇOS DA TAREFA MEDIÚNICA

No fenômeno mediúnico há a manifestação de uma entidade quando o médium sintoniza, em comunhão e adesão de boa vontade, com ela, para a recepção.

A limitação reside na afinidade. Na psicografia, por exemplo, o espírito emite radiações, impulsos que ~~atuam~~ nos recursos do médium suscitando-lhe associação de idéias, sobre as quais se estrutura uma ação, à ~~semelhança~~ do que acontece com o reflexo condicionado. Com as limitações e as características do intermediário, sem precisão absoluta, de forma inevitável, ~~sem~~ que isto constitua manifestação anímica. Dá-se algo como se houvesse uma tradução, limitada a servir-se dos recursos postos à sua disposição. E estes meios podem ser acrescidos pelo médium, pelo esforço, pelo auto-burilamento, a exemplo do atleta que pode melhorar suas “performances” pelo treinamento, dedicação, disciplina, conduta regrada.

“Nenhuma árvore nasce produzindo, e qualquer faculdade nobre requer burilamento. A mediunidade ~~tem~~, pois, sua evolução, seu campo, sua rota.

... é imperioso que o intermediário cresça em valor próprio... Ninguém receberá as bênçãos da colheita, sem o suor da sementeira.” ([1], Cap. IX).

Para que o médium possa dar uma comunicação ~~final~~ é preciso tenha aprendido primeiro a ceder; segundo a silenciar o próprio pensamento; terceiro, a ouvir ~~sem~~ interpor suas próprias idéias.

5 — OS FATORES DO SUCESSO NA TAREFA MEDIÚNICA

A tese animista invocada pelos dirigentes do trabalho encheu de amargura a médium, cuja mente se lhe turvara “empanada por densos véus de dúvida. Auxiliada por Calderaro, refez-se e voltou à serenidade. “Trabalharia até ao fim, consciente de que o serviço da verdade pertence ao Senhor e não aos homens”. Fixa-se “mentalmente na região mais alta que lhe é possível. Recolhe-se calma, no santuário mais íntimo de modo a compreender e desculpar com proveito”.

E aos médiuns em geral, há que endereçar as recomendações que Néio Lúcio coloca em ([4], Cap. XVI).

Conta-se que o Senhor vinha freqüentemente entender-se com as criaturas. Encontrando um homem irado, mau e impiedoso, convenceu-o a ser bom.

Passados alguns anos reencontrou-o numa choça a lamentar-se e dizendo que, após ter-se tornado bom, foi desrespeitado, escarnecido, ridicularizado, apedregado, dilacerado.

Jesus esclareceu-lhe que não basta ser bom. É preciso discernir para ajudar. Se a muitos “devemos ternura fraterna” a outros “...devemos esclarecimento enérgico. Estimularemos os bons a serem melhores e cooperaremos a benefício dos maus para que se retifiquem.

Assim faz o pomicultor: a algumas árvores irriga e aduba; a outras ele poda, a fim de serem convenientemente amparadas”.

O aprendiz dispôs-se, então, a conquistar o conhecimento, e o fez até receber a palma da ciência.

Regressando o Cristo, reencontrou-o com novos motivos de lamentação. Por bondade, enfrentou injustiças; agora, que entesourava a ciência, havia aprendido a comungar com os planos mais elevados, distinguia melhor “...a ingratidão, a discórdia, a dureza e a indiferença”, sabendo o que muitos ignoravam. A vida, por isto, era agora fardo mais pesado.

Ele assim se sentia, considerou-lhe o Mestre, porque ainda não estava completo. Precisava agora ser forte. Acaso “...a árvore... conseguiria produzir se não soubesse tolerar a tempestade?

— Aprende a dizer adeus a tudo que te prejudica na caminhada em direção da luz divina e distribuirás a bondade, sem preocupações de recompensa, guardando o conhecimento sem surpresas amargas. Sê inquebrantável em tua fé e segue adiante”.

E assim o é para o médium. Haverá de animar-se de boa vontade, enriquecendo-se “de amor para contribuir à sementeira da luz”. Haverá de precaver-se contra as solicitações descabidas dos que, incôscios da Lei buscam facilidades sem esforço ou merecimento, firmando-se sempre “...nas zonas mais altas do ser onde aprenderá o valor das concepções sublimes...”, adquirindo para dar. Mas haverá de sustentar-se na fé, salvaguardando-se do desânimo frente aos percalços do crescimento e imbuído de compreensão perante aqueles que possam ferir, amando e perdando sem desfalecer.

A vida ensina. Onde a conquista de qualquer meta, sem ânimo forte determinação e perseverança, sopestando-se à crítica, à desvalia e à desconsideração.

Enfática ao refazer-se refugiava-se no superconsciente, com o que apresentava os lobos mentais iluminados.

“Nos lobos frontais... exteriorização fisiológica de centros perispiríticos importantes, repousam milhões de células à espera, para funcionar, do esforço humano no setor da espiritualização”.

Ninguém, até hoje, utilizou-os na décima parte.

“São forças... que a alma conquistará... em continuidade evolutiva... e a golpes de auto-educação, de aprimoramento moral e de elevação sublime; tal serviço... só a fé vigorosa e reveladora pode encetar, como indispensável lâmpada vanguardeira do progresso individual.” ([1], Cap. IX).

a — Bibliografia:

- [1] André Luiz: No Mundo Maior.
- [2] Irmão X: Luz Acima.
- [3] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
- [4] Néio Lúcio: Alvorada Cristã.

b — Leituras Complementares:

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — Perguntas:

- 1.º) O reflexo condicionado psíquico pode ser a causa de Animismo?
- 2.º) Por que Eulália não apresentava elementos afins perfeitos ao médico comunicante?
- 3.º) O que significa dizer que a médium não tinha suficiente “espaço interior”?
- 4.º) Qual a diferença entre faculdade mediúnica e capacidade receptiva? Exemplifique.
- 5.º) O que é Animismo?
- 6.º) Cite algumas causas do Animismo.
- 7.º) O Animismo é fenômeno ligado à mediunidade de provação e não à de edificação. Explique.
- 8.º) O que limita a comunicação mediúnica?
- 9.º) Como o intermediário pode melhorar as possibilidades de comunicação?
- 10.º) Quais fatores influem para que o médium se iniba?
- 11.º) Como pode o médium superar as dificuldades?
- 12.º) O que representam os lobos frontais para o perispírito?

d — Prática de Renovação Íntima:

André Luiz — Respostas da Vida.
Estudar e pôr em prática o Cap. 27.

e — AULA PRÁTICA.

TÍTULO: Sugestão e Passividade.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A: Recomendações para a aula (2 min.).

Perdoai para que Deus vos perdoe (Ev. Seg. o Esp., Cap. X, n.º 1 a 4).

A., A., A., permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

A indução de idéias efetuada por objetos, quadros, imagens; notícias, ~~comunicações, etc.~~, é o que comumente se denomina de sugestão. Ela ~~tem sua fonte que encontra em nós as disposições criadas pelo que~~ ~~induzem imediatamente.~~

E o ~~despertamento~~ pode ser tão forte que nos conduz à ação quase que de uma maneira irresistível. É a razão pela qual lutamos muito para ~~nos libertar de tendências viciosas.~~

E este é o motivo pelo qual devemos evitar de criar imagens que possam ~~induzir mentes enraquecidas, porque em assim fazendo as induzi-~~ ~~remos ao desequilíbrio.~~

E não há porque pensar ao contrário. Não são poucas as pessoas “~~sugestionáveis~~”, neste ou naquele sentido.

O mecanismo pelo qual se realiza a sugestão é posto em evidência pela ~~hipnose~~, segundo a qual “uma idéia tipo” pode conduzir a comportamentos, embora não idênticos, as diversas pessoas hipnotizadas.

Nem sempre ~~distintamente~~, o fenômeno mediúnico pode ser assimilado ao fenômeno hipnótico. O médium, submetido à vontade do comunicante, ~~deve manter as influências~~, as idéias, e as reproduz em si mesmo, porém, ~~sempre limitadamente aos seus recursos, segundo a lei do intercâmbio.~~

de [2] e já abordada em ([3], Cap. V). No momento atende-se a um "...desventurado obsessivo..." espírito doente, que havia desencarnado em plena vitalidade orgânica, após extenuação em "festiva loucura".

Aliás, todos os excessos provocam estados perigosos: excesso de bebidas alcoólicas, de alimentação, de fadiga, de prazer... "Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía sinal de habilitação para aconchegar-se às verdades do espírito".

Apresentava-se como "...alucinado em estado grave... o pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada, enferma, que sintonizou com ele... passou a vampirizar-lhe o corpo".

É muito difícil, para alguns, entenderem como as pessoas podem sintonizar-se em simbiose prejudicial. Mas isto até é muito comum. É o caso, por exemplo descrito no Cap. IV, no qual a senhora em questão permanecia ligada ao espírito do marido. Guardava as lembranças e se aprazia em rememorar-las. Nos momentos de solidão, de isolamento, de ensimesmamento, recolhia-se a sós com suas lembranças, que lhe constituíam patrimônio. Cultivava-as como relíquias, um tesouro encerrado no escrínio da própria consciência, às quais se abandonava morbidamente, sempre que podia. Mas isso era o que estabelecia a ligação com o marido desencarnado, um vampiro. E era por isso que os desencarnados envolvidos em sua assistência não podiam retirá-lo, pois ela não os deixaria: declarar-se-ia saudosa, solicitar-lhe-ia a presença através da rememoração.

E o que acontecia com ela, acontece com todas as pessoas que cultivam lembranças de fatos vividos e guardam, para os momentos de recolhimento, o reverter-lhes as emoções. Frequentemente arranjam compa-

nhias infelizes, que se não lhe acarretam prejuízos no momento, podem acarretar-lhe desagradáveis surpresas depois que desencarnam.

Pois era o que acontecia com esta irmã enferma que, sintonizando com o obsessivo, o reteve "...junto de si com aflições e lágrimas..."

O infeliz, sem veículo físico ficou "...integralmente desarvorado. Adaptando-se ao organismo da mulher amada, que passou a obsessar, nela encontrou novo instrumento de sensação... Nessa simbiose vivem... há quase cinco anos... a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios de vulto".

Solicitando socorro espiritual, a moça estava sendo atendida e submetida a tratamento psíquico a fim de fortalecer-se e preparar-se para a libertação do espírito que a ela havia-se ligado como a planta parasita que se sustenta a custa de outra.

2 — MÉDIUM CONSCIENTE

Pois bem, o fenômeno em foco era o do atendimento do infeliz por meio da manifestação através de médium consciente, muito bem preparado que, ao prestar auxílio, sabia manter-se na elevação de propósitos que o momento requeria, com perfeito controle da situação, como a de um enfermeiro competente, que sabe atender a um doente pelo que ele necessita e não pelo que ele possa querer.

Tratava-se da médium Eugênia. Ela, após atuação magnética do mentor em seu córtex cerebral (a zona do consciente) e influência revelada por "...vários

feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote...”, afastou-se em espírito do corpo permanecendo perto, enquanto o sofredor, auxiliado, justapunha-se ao “...equipamento mediúnico, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela...”, um quadro que lembrava a enxertia vegetal, na qual “...uma planta se desenvolve a custa de outra...”

...Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia... ao cérebro da entidade comunicante.

...Aulus explicou: ...Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se irmana por corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensorio, conseguindo enxergar, ouvir, e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme... qual enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado... reserva-se o direito de conduzi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode assim, frustrar-lhe qualquer abuso... O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio... o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas se essa socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente.”

Torna-se compreensível, a esta altura, porque o médium consciente é quem melhor se presta ao trabalho mediúnico. Justamente porque ele, captando a manifestação do espírito ainda em pensamento, antes que este possa traduzir-se em palavras, tem condição de exercer ação moderadora, dosar a expressão, fiscalizar os propósitos e expressões, contribuindo para o trabalho de controle. A ele, conseqüentemente, compete a responsabilidade de sustentar o equilíbrio da manifestação. E, nisto, ele terá de empregar seus valores, seu discernimento, sua estrutura moral. Cumpre-lhe, enfim, o papel de conduzir uma tarefa de assistência, de auxílio, de amor, em que os requisitos necessários são a solidariedade, a compreensão, o espírito fraterno, a disposição de curar, ensinar, servir. “...Tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade... permitindo a manifestação... até o ponto em que... não colida com a harmonia... e com a dignidade imprescindível...”

No fenômeno “...o comunicante é a ação, mas... a médium... a vontade. Em todos os campos de trabalho, é natural que o superior seja responsável pela direção do inferior”.

A entidade passou a manifestar-se “...como um doente controlado...” sob a autoridade da médium, queixando-se, lamentando-se, reclamando da situação em que se encontrava.

Afinal, o que queriam dele? Quem o conservava assim impedido de expandir-se, quase enjaulado? O que aquilo representava: um julgamento? Quem ou sava ofendê-lo?

E as lamentações prosseguiram. A médium, ocupada na “...preservação das próprias energias e o inte-

resse na prestação de auxílio. . .”, não se capacitava de tudo que ocorria, mesmo porque “. . .reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.”

3 — OBSERVAÇÃO

Tudo isso constitui uma série de fenômenos que ocorrem com o médium. Ele próprio necessitando compreender o que se passa com ele; caso contrário, ele termina por confundir-se, receiar a situação, procurando evitá-la.

E tal compreensão não se alcança num dia. Nem será somente a experiência repetida do fenômeno que o esclarecerá. Faz-se necessário que ele penetre o mecanismo da ocorrência e a finalidade pela qual lhe é solicitada a participação, a fim de que possa cooperar com entusiasmo e devotamento, senão não verá motivos para envolver-se. Permanecerá na dúvida e, diante dos primeiros percalços, preferirá por-se à parte. Não são poucos os médiuns que lamentam possuir mediunidade e a entendem como algo que lhes foi imposto, sem que a tivessem pedido, afirmam. Nem são poucos aqueles que a desperdiçam e a perdem com consequências desagradáveis.

Compreende-se, também, porque um médium em desenvolvimento, não deve receber espírito sofredor. Ele não reunirá condições para um atendimento especializado, como é o caso, por se tratar de prestar auxílio a um espírito desequilibrado, doente, o que requer do intermediário, segurança e perfeito entendimento do fenômeno.

4 — DOCTRINAÇÃO

Outra observação importante que se relaciona principalmente com a doutrinação é a que se segue.

O sofredor continuava lamentando-se. Sentia-se acusado de ter expoliado a própria mãe, lançando-a ao desamparo, contra o que se revoltava, dizendo-se doente. Era o padecimento moral a refletir-se-lhe “. . . no veículo de manifestação. O beneficiário desta hora tem o cérebro perispirítico dilacerado e a flagelação que lhe invade o corpo fluídico é tão autêntica quanto a de um homem comum, supliciado por tumor intracraniano”.

Pergunta André Luiz se os encarnados poderiam interrogá-lo, submetê-lo a inquérito minucioso, no afã de buscar maiores conhecimentos da vida espiritual.

Responde-lhe Aulus que “. . . não seria viável. . . conseguiríamos somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros de raciocínio. . .” Não podemos “. . . esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal. . .” no estado em que se encontra.

Queixava-se o sofredor do controle a que se sentia submetido. E é justamente nestes momentos que se faz mais do que necessário o preparo, a compreensão, o domínio da situação por parte do médium. Porque, se ele se deixar envolver pela dúvida, não saberá distinguir se o que sente é dele ou lhe é induzido. Sente as emoções suscitarem-se-lhe como se fossem as próprias; capta as palavras na sua formação, da mesma maneira que se lhes formam as próprias, de modo que, pela menor sombra de dúvida, passaria a oferecer resistência, a vacilar, passando à “. . . recusa, expulsando o comu-

nicante e anulando a preciosa oportunidade de serviço”.

Mas esse não era o caso. A médium percebia bem que “...as emoções e as palavras desta hora...” não lhe diziam respeito.

Silva, o dirigente do trabalho, sob a influência de Clementino, passou a dirigir-se “...ao comunicante com bondade”. Não o inquiria, acolhia-o fraternalmente, com o aconchego de quem se predispõe a amparar.

“Meu amigo — dizia-lhe —, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!” — com uma paciência que sensibilizava. Sustentou o diálogo com “...sincera compaixão de mistura com inequívoco interesse fraternal... sem estranheza ou irritação... ([2], Cap. VII)

Vencida a resistência do infortunado manifestante, passou a ouvir-lhe as lamentações, que terminou com o embargo do “...pranto que lhe subia do âmago”.

Raul, comovido, impondo-lhe as mãos, convidou-o a orar.

“Ó visitante chorava.

... — Ó Deus, que se passa comigo?!” — gritou em lágrimas.

Conta André Luiz que o irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que parecia uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro, um metro quadrado, aproximadamente.

5 — PROJEÇÃO DA LEMBRANÇA

O mentor espiritual da reunião, influenciando Silva induziu-o a sugerir a Libório, o sofredor, que recordasse. A seqüência de imagens mostrava a mãe de Libório doente, acamada, solicitando-lhe que a acudisse e não se ausentasse.

Lá fora, entretanto, o grito de carnaval excitava-o, convidando-o à folia. O lamentável Carnaval!

Conta Humberto de Campos, em ([4], Carnaval no Rio), acerca da festa de 1939 que, como sempre “...produz o temporário esquecimento das mais nobres responsabilidades da vida”.

Uma explosão orgíaca, subvencionada pelo próprio governo, para atrair turistas, com os comerciantes em busca de lucros polpudos, as revistas regurgitando imagens que testemunham e açulam o desencadeamento das paixões, num convite prolongado à folia. De resultado vantajoso para eles, mas com outras conseqüências, pouco ventiladas: desaparecimento de crianças, acidentes, agressões, crimes, desastres, tentativas de suicídio, intoxicações, sem falar dos dramas que permanecem ocultos, todos largamente intensificados, pelos excessos praticados nos três dias de Momo.

Tecendo comparação com uma maçã podre, Humberto de Campos, classifica o Carnaval como a “maçã podre do Rio”.

Pois Libório havia vivido um destes casos escabrosos que a crônica não registra. Prometendo ir buscar o remédio, apossa-se das poucas economias que a genitora retinha e ganha a rua em busca das falsas alegrias, surdo aos apelos da moribunda e dos amigos espirituais do seu lar.

resse na prestação de auxílio . . .”, não se capacitava de tudo que ocorria, mesmo porque “ . . .reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.”

3 — OBSERVAÇÃO

Tudo isso constitui uma série de fenômenos que ocorrem com o médium. Ele próprio necessitando compreender o que se passa com ele; caso contrário, ele termina por confundir-se, receiar a situação, procurando evitá-la.

E tal compreensão não se alcança num dia. Nem será somente a experiência repetida do fenômeno que o esclarecerá. Faz-se necessário que ele penetre o mecanismo da ocorrência e a finalidade pela qual lhe é solicitada a participação, a fim de que possa cooperar com entusiasmo e devotamento, senão não verá motivos para envolver-se. Permanecerá na dúvida e, diante dos primeiros percalços, preferirá por-se à parte. Não são poucos os médiuns que lamentam possuir mediunidade e a entendem como algo que lhes foi imposto, sem que a tivessem pedido, afirmam. Nem são poucos aqueles que a desperdiçam e a perdem com conseqüências desagradáveis.

Compreende-se, também, porque um médium em desenvolvimento, não deve receber espírito sofredor. Ele não reunirá condições para um atendimento especializado, como é o caso, por se tratar de prestar auxílio a um espírito desequilibrado, doente, o que requer do intermediário, segurança e perfeito entendimento do fenômeno.

4 — DOCTRINAÇÃO

Outra observação importante que se relaciona principalmente com a doutrinação é a que se segue.

O sofredor continuava lamentando-se. Sentia-se acusado de ter expoliado a própria mãe, lançando-a ao desamparo, contra o que se revoltava, dizendo-se doente. Era o padecimento moral a refletir-se-lhe “ . . . no veículo de manifestação. O beneficiário desta hora tem o cérebro perispiritico dilacerado e a flagelação que lhe invade o corpo fluídico é tão autêntica quanto a de um homem comum, supliciado por tumor intracraniano”.

Pergunta André Luiz se os encarnados poderiam interrogá-lo, submetê-lo a inquérito minucioso, no afã de buscar maiores conhecimentos da vida espiritual.

Responde-lhe Aulus que “ . . . não seria viável . . . conseguiríamos somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros de raciocínio . . .” Não podemos “ . . . esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal . . .” no estado em que se encontra.

Queixava-se o sofredor do controle a que se sentia submetido. E é justamente nestes momentos que se faz mais do que necessário o preparo, a compreensão, o domínio da situação por parte do médium. Porque, se ele se deixar envolver pela dúvida, não saberá distinguir se o que sente é dele ou lhe é induzido. Sente as emoções suscitarem-se-lhe como se fossem as próprias; capta as palavras na sua formação, da mesma maneira que se lhes formam as próprias, de modo que, pela menor sombra de dúvida, passaria a oferecer resistência, a vacilar, passando à “ . . . recusa, expulsando o comu-

nicante e anulando a preciosa oportunidade de serviço”.

Mas esse não era o caso. A médium percebia bem que “...as emoções e as palavras desta hora...” não lhe diziam respeito.

Silva, o dirigente do trabalho, sob a influência de Clementino, passou a dirigir-se “...ao comunicante com bondade”. Não o inquiria, acolhia-o fraternalmente, com o aconchego de quem se predispõe a amparar.

“Meu amigo — dizia-lhe —, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!” — com uma paciência que sensibilizava. Sustentou o diálogo com “...sincera compaixão de mistura com inequívoco interesse fraternal... sem estranheza ou irritação... ([2], Cap. VII)

Vencida a resistência do infortunado manifestante, passou a ouvir-lhe as lamentações, que terminou com o embargo do “...pranto que lhe subia do âmago”.

Raul, comovido, impondo-lhe as mãos, convidou-o a orar.

“O visitante chorava.

... — Ó Deus, que se passa comigo?!” — gritou em lágrimas.

Conta André Luiz que o irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que parecia uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro, um metro quadrado, aproximadamente.

5 — PROJEÇÃO DA LEMBRANÇA

O mentor espiritual da reunião, influenciando Silva induziu-o a sugerir a Libório, o sofredor, que recordasse. A seqüência de imagens mostrava a mãe de Libório doente, acamada, solicitando-lhe que a acudisse e não se ausentasse.

Lá fora, entretanto, o grito de carnaval excitava-o, convidando-o à folia. O lamentável Carnaval!

Conta Humberto de Campos, em ([4], Carnaval no Rio), acerca da festa de 1939 que, como sempre “...produz o temporário esquecimento das mais nobres responsabilidades da vida”.

Uma explosão orgíaca, subvencionada pelo próprio governo, para atrair turistas, com os comerciantes em busca de lucros polpudos, as revistas regurgitando imagens que testemunham e açulam o desencadeamento das paixões, num convite prolongado à folia. De resultado vantajoso para eles, mas com outras seqüências, pouco ventiladas: desaparecimento de crianças, acidentes, agressões, crimes, desastres, tentativas de suicídio, intoxicações, sem falar dos dramas que permanecem ocultos, todos largamente intensificados, pelos excessos praticados nos três dias de Momo.

Tecendo comparação com uma maçã podre, Humberto de Campos, classifica o Carnaval como a “maçã podre do Rio”.

Pois Libório havia vivido um destes casos escabrosos que a crônica não registra. Prometendo ir buscar o remédio, apossa-se das poucas economias que a genitora retinha e ganha a rua em busca das falsas alegrias, surdo aos apelos da moribunda e dos amigos espirituais do seu lar.

Na rua imanta-se aos companheiros espirituais desencarnados "...hipnotizados pelo vício..." com os quais se afinava; entrega-se à loucura por três dias e quatro noites", voltando "...estafado e semi-inconsciente..." ao lar onde a mãe já inconsciente aguardava resignadamente a morte.

Com a intenção de tomar um banho, "...abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimentando a cabeça entontecida... O corpo exige descanso depois de longa folia... a fadiga surge insopitável... Despercebe-se de si mesmo e dorme semi-embriagado, perdendo a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo..."

Era verdade. Onde estava a mãe dele? Queria-a com desespero. "...vencido, caiu em lágrimas".

Tão grande lhe surgiu a crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou em desligá-lo do equipamento mediúnico... "tornando Eugênia à sua posição normal".

Enfim, perguntou André Luiz, que tela era aquela e de que imagem se tratava.

"...é um condensador ectoplásmico. Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante... para a análise"... cujo escrito "...depende da colaboração de todos os componentes do grupo".

Não há trabalho, ou tarefa que possa dispensar a colaboração. Tudo na vida é assim. O camponês colabora com a plantação para que floresça, colabora com o seu semelhante para que a prosperidade cresça. No trabalho mediúnico não há exceção.

"...as energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados em favor dos irmãos que ainda se encontram semi-materializados nas faixas vibratórias da experiência física..."

Pessoas que exteriorizam sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados, nascidos das viciações de variada espécie, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículo, prejudicando a eficiência da assembléia e impedindo a visão perfeita da tela por parte da entidade necessitada de compreensão e de luz." ([2], Cap. VII).

a — **Bibliografia:**

- [1] FEESP: **Dor e Destino.**
- [2] André Luiz: **Nos Domínios da Mediunidade.**
- [3] FEESP: **Mediunato.**
- [4] Humberto de Campos: **Novas Mensagens.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — **Perguntas:**

- 1.º) É conceito do Dogmatismo que a alma não adoee? Por que?
- 2.º) De que maneira, freqüentemente, estabelecemos ligações com espíritos em sofrimento?
- 3.º) Podem os espíritos retirar companhias infelizes, quando nos enredamos com elas? Por que?
- 4.º) Como o médium consciente oferece seus recursos para a manifestação da entidade sofredora?
- 5.º) Por que é importante que o médium participe do controle da comunicação?
- 6.º) Qual o papel do médium na comunicação?
- 7.º) É importante que o médium compreenda o que se passa com ele. Explique.
- 8.º) Como encarar a doutrinação? Uma inquisição? Uma admoestação? ou apenas uma acolhida fraternal, apoiada nos mentores?
- 9.º) Na doutrinação, o encarnado não investiga; sugere ao desencarnado apenas que se lembre. O restante se desenvolve no plano espiritual. Não acha que isto sugere que o doutrinador se limite apenas a criar condições de aconchego e nada mais?
- 10.º) Por que o carnaval é comparado a uma maçã podre?
- 11.º) O que é condensador ectoplásmico?

d — **Prática de Renovação Intima.**
André Luiz — **Respostas da Vida.**
Estudar e pôr em prática o Cap. 28.

e — **AULA PRÁTICA.**

TÍTULO: O MÉDIUM E SUAS DIFICULDADES.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A₁: **Recomendações para a aula (2 min.).**

Reconciliar-se com os adversários (O Ev. Seg. o Esp., Cap. X, n.º 5, 6).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

A comunicação mediúnica se ressentida da falta de sintonia entre o médium e o comunicante. Este não poderá retratar sequer a própria personalidade quando não exista. E a não identidade entre a comunicação e a entidade, freqüentemente, é levada à conta de mistificação, de Animismo por parte do médium.

Mas a presença de uma entidade e das idéias que ela suscita, difere de intermediário a intermediário. Isso é constatado todo dia nas reuniões. Enquanto um diz ver ou sentir uma determinada coisa, outro revela percepção diferente.

O Animismo é fenômeno produzido com a cooperação do médium quase sempre de forma inconsciente, relacionado à eclosão da memória e relacionado à mediunidade de provação, dificilmente à equilibrada.

Animismo e associação de idéias são coisas distintas, e esta é a que aparece nos médiuns desenvolvidos.

O levantamento de tais questões é prejudicial ao médium, provocando-lhe inibições e ímpetos de fuga à tarefa.

Duas coisas há a salientar:

1.ª) A assistência deve aprender a lidar com o médium colocando acima de todos os seus interesses, o respeito à pessoa;

2.ª) Mas como estas situações são inevitáveis, o médium há que refugiar-se no superconsciente exercitando-se na bondade, no discernimento e, acima de tudo, na fortaleza de dar de si sem exigir recompensa.

CAPÍTULO IX

PSICOFONIA SONAMBÚLICA

1 — ATENDIMENTO ESPIRITUAL

No capítulo anterior estudamos a psicofonia consciente, capacitando-nos da importância do médium ter condições de exercer autoridade, na prestatividade de sua organização própria, a benefício dos atendidos e de si mesmo, sem que haja qualquer manifestação de desequilíbrio ou de desordem, pois, havendo-as, melhor será interromper a manifestação. Médium e assistência não estão preparados para possuirmos, e, assim como não estão preparados para esse trabalho. Em todas as situações somos responsáveis dos bens que possuimos, e, assim como não nos é dado, por exemplo, desprezar a posse do corpo pelo suicídio, nem pelo desleixo da saúde, analogamente não nos é dado deixá-lo entregue a quem quer que seja, no mediunismo, submetendo-o talvez a injúria que não faríamos.

Neste capítulo estudaremos a psicofonia sonambúlica ou inconsciente, abordada em ([1], Cap. VIII), distinguindo-a da anterior, avaliando-lhe os valores.

Como pode-se observar, no estudo desse capítulo, em [1], André Luiz procede sempre com a análise de

fatos, apoiando-se em observações, sobre as quais faz ilações, e obtém conclusões. Um procedimento idêntico ao do médico no ambulatório, científico, que, por sua vez, encerra a indicação de como observar e proceder. Atendimento a espíritos das mais variadas categorias, os fazemos inúmeros: poderíamos obter e registrar muito mais resultados, se nós mesmos nos déssemos ao trabalho de registrar e relacionar observações.

O caso estudado refere-se a entidade trazida à reunião mediúnica, pelos mentores da casa, visando oportunidade de socorro. Entidade cujo aspecto revelava-se o pior de quantos sofredores ali se encontravam: “horrenda facies... Naquele rosto, que parecia emergir de um lençol de lama, aliavam-se a frieza e a malignidade, a astúcia e o endurecimento...”, de causar receio.

Entrou violento, imprecando contra “...os abutres que lhe devoraram os olhos” “Ah! aquela malfadada revolução dos franceses. Não podia ter reflexos no Brasil”. “...Os privilégios dos nobres são invioláveis! Vêm dos reis que são, indiscutivelmente os escolhidos de Deus! Defenderemos essas prerrogativas, exterminando a propaganda dos rebeldes e regicidas! Venderei meus escravos alfabetizados, nada de panfletos e comentários de rebelião. Como produzir sem o chicote no lombo? Cativos são cativos, senhores são senhores. E todos os fujões e criminosos conhecerão o peso dos meus braços... Matarei sem piedade”.

Havia sido fazendeiro desumano, desencarnado no fim do século XVIII. “Nada percebe, por enquanto, senão os quadros interiores criados por ele mesmo, constando de escravos, dinheiro e lucros da antiga propriedade rural... convertendo-se hoje em vampiro inconsciente de almas reencarnadas que lhe foram queridas

no Brasil... fora desapiedado algoz dos infortunados cativos que lhe caíam sob o guante de ferro...”, tirano e perverso.

Tinha “...os olhos, embora móveis quanto os de um felino, ...vidrados, mortos...”

...Odiava os trabalhadores que... fugiam... quando conseguia arrebatá-los ao quilombo... os algemava... queimava-lhes os olhos...”. Os poucos que escapavam à morte eram “...sentenciados, depois de cegos, às mandíbulas de cães bravios... instalou o terror em derredor de seus passos, granjeando... fama e riqueza...”. Após a morte só encontrou “...desafetos... temíveis perseguidores... vingadores do passado a lhe cumularem o espírito de aflitivo pavor. Emaranhado nas teias da usura e fazendo do ouro o único poder em que acreditava, nem de leve... “se apercebeu da morte...”. Crê-se num cárcere de trevas, atormentado pelos escravos, prisioneiro das próprias vítimas. Vive, assim, entre a desesperação e o remorso. Martirizado pela reminiscência das flagelações que decretava e hipnotizado pelos algozes de agora... vê-se reduzido a extrema cegueira, por se lhe desequilibrarem, no corpo espiritual, as faculdades da visão”.

2 — A RIQUEZA

A esta altura cabe a pergunta do por que da diferença de riqueza entre as pessoas. Uma questão, aliás, de todas as filosofias e de todas as religiões, não satisfatoriamente respondidas até hoje.

O Cristianismo, com a crença no pecado original, da vida como um castigo e a crença de que os pobres

são os preferidos de Deus, enquanto que, para os ricos, muito difícil seria a salvação, desenvolveu acerca da riqueza uma conceituação que também necessita de reformulação. A esse respeito, alguns, ironizando, afirmam que de fato Deus deve gostar mesmo dos pobres, pois os fez tantos.

De qualquer modo é preciso considerar que muitas das mais belas páginas religiosas, foram descritas por pessoas que, entregando-se à profissão de fé, fizeram voto de pobreza, como São Francisco e os franciscanos, renunciando a todos os bens materiais.

No panteísmo, a tônica é semelhante. A riqueza, a posse dos bens materiais, está relacionada aos desejos da alma, em relação à matéria, causa das reencarnações, segundo a lei do Karma. A volta à fonte comum está relacionada ao apagamento destes desejos, conseqüentemente ao desprezo dos bens materiais.

A vida, entretanto, sempre evidenciou que o desprezo pelas riquezas é uma falácia das argumentações ascéticas, resultado de elocubrações divorciadas da realidade, incursões mentais próprias de uma época, discordantes com a experiência humana.

A compreensão da atitude, que se deve voltar às riquezas, só pode ser alcançada com o entendimento da evolução do espírito através das realizações das tarefas, que não podem ser realizadas, sem um acervo de recursos adequados a cada uma, e do desprendimento em relação a elas uma vez que constituem um meio e não um fim, sem constituírem, elas mesmas, um bem ou um mal.

Mas a idéia do mal que elas possam constituir, ainda ocupa a mente mesmo de criaturas espíritas, que,

mantendo-se ainda ligadas às noções anteriores, ficam a apontá-las como causa de todos os desequilíbrios, imitando a raposa da fábula, que não podendo alcançar as uvas, voltam-se com desprezo, dizendo-as ainda verdes.

Conta o Irmão X, em ([2], n.º 6), acerca do doutrinador que iniciava, num centro, uma série de trinta comentários sobre o dinheiro, apontando-o como a fonte de todos os males, envolvendo-se em caloroso debate. No meio da pregação, no auge da peroração e da discussão, recebe telefonema da esposa que lhe comunica, pressurosa, ter sido ele aquinhoado com herança vultosa, naquele momento.

Tinha que sair; problema urgente reclamava sua presença. Desculpou-se: — Mas, e a preleção? — Ah! Sim!

Bem, ele continuaria no dia seguinte. Nunca mais voltou.

Primeiramente, Jesus não veio enaltecer a pobreza, assim como não o fez para com a ignorância, a doença, a dor, o sofrimento. . .

Ele veio ensinar como resolvê-los, esclarecendo que este é o desafio que se apresenta a nós mesmos, para o término de todos os males.

Já temos consciência de como combater a doença. Antigamente, por exemplo, o leproso era destituído de seus bens, abandonado, conduzido ao vale dos imundos — o vale dos leprosos —, onde aguardaria a morte. ([3], Cap. VII, a declaração de Samônio). Hoje não ocorreria a ninguém semelhante absurdo: colocamos todo um acervo de recursos e equipamentos a benefício dos doentes, por nós ou pelo próprio governo, como

um dever ao qual nem a sociedade pode furtar-se. E assim deverá ser para com a penúria, a ignorância, a violência, a injustiça... erradicando-as do nosso viver. Jesus apregoava: "Ide, pregai, curai, ensinai..." exemplificando e mostrando que a chave da solução era o abandono do egoísmo, a prática do amor.

O dinheiro é meio, ferramenta. Nada se pode realizar, sem dispor dele. Mas nós estamos em um mundo organizado, com tarefas e funções hierarquizadas a cumprir, cada qual exigindo recursos distintos para as suas realizações, e ocupadas, geralmente, por homens de grau evolutivo compatível com elas.

"Por que todos os homens não são igualmente ricos? Por uma razão muito simples: é que não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdente para conservar". ([4], Cap. XVI).

Diz o Irmão X, em ([5], n.º 28) que, antes de tudo, riqueza e miséria são situações de caráter provisorio, efêmero; "...oportunidades que o Senhor de todas as coisas nos oferece, para que sejamos dignos d'Ele. O crédito exige a virtude da ponderação com a bondade esclarecida, e o débito reclama a virtude da paciência com o amor ao trabalho.

— ...O capital não é um erro — diz Pedro Richard...

— ...podemos assinalar a dedo os raríssimos homens da Terra que conseguem trabalhar sem o auxílio. O capital será esse equilíbrio, até que as criaturas entendam o divino prazer de servir. Para os mais abastados, ele tem constituído a preocupação bendita da responsabilidade e para a generalidade dos homens, o estímulo ao trabalho. O capital é um recurso de sofri-

mento purificador, não somente para os que o possuem, mas para quantos se esforcem pelo obter. É o meio através do qual o amor de Deus opera sobre toda a estruturação da vida material no globo; sem essa influência, as expressões evolutivas do mundo deixariam a desejar, mesmo porque os espíritos encarnados estariam longe de compreender os valores legítimos da vida, sem a verdadeira concepção da dignidade do trabalho".

O espírito encarna, diversamente como homem ou como mulher. Como homem, para desenvolver aptidões e virtudes ativas; como mulher, para desenvolver as passivas. Ao longo de sua caminhada termina por efetuar o desenvolvimento integral.

Analogamente, encarnar em funções que requerem poucos recursos, convém ao desenvolvimento de certos aspectos da personalidade; encarnar em funções que requerem o uso de muitos recursos, desenvolve outras além de que, do ponto de vista evolutivo, os homens não são iguais, existindo desde aqueles que, primitivos, ainda não aprenderam a trabalhar; e outros, mais adiantados, capazes de várias tarefas simultâneas de alta expressão utilitária.

É por isso que Emmanuel diz que quando se necessita realizar alguma coisa, devemos procurar alguém muito ocupado.

O que sucede é que, num mundo de provação, a ignorância é generalizada. Poucos conhecem as realizações do espírito e as ambições ainda sobrepujam a disposição de ser útil.

Galbraith, em ([6], Cap. 2), ao tratar da moral do Alto Capitalismo, primeiramente diz que os ricos se consideram casta superior, produto de uma seleção na-

tural, como mais fortes e mais aptos; mais ricos porque melhores, um conceito filiado à crença da origem divina dos reis, que existia no Absolutismo. Portanto, pensavam interferir na formação da riqueza, o que seria ir contra o processo do aperfeiçoamento da raça humana. Ajudar os pobres seria interferir desastrosamente na melhoria da raça. E ainda eliminando os pobres, a Natureza garantiria o aparecimento de uma raça que entenderia as condições de existência e ao mesmo tempo, saberia enfrentá-las. A caridade, segundo alguns, servia de freio ao saudável processo de eliminação ou supressão dos menos dotados, no que Galbraith não deixa de fazer ironia.

Na vida, cada um se situa numa função, segundo suas possibilidades como numa empresa. E, como nesta, se alguém é dispensado, será sempre aquele que não apresenta bom desempenho em seu posto de responsabilidade, não importa seja ele diretor. Como numa empresa, o que há a obedecer é a lei de cooperação, do auxílio mútuo, superior e inferior reciprocamente apoiados, cada um cumprindo o seu dever. (Vide [7], n.º 5).

3 — A COMUNICAÇÃO

O problema do sofredor de que estamos tratando, não era o de ter sido rico, mas sim o de ter sido impiedoso, malévolos, tirano, criminoso. Daí o estado em que se encontrava.

Mas — perguntava André Luiz, diante das lastimáveis condições que ele apresentava — justamente o melhor médium do grupo é que teria de servir-lhe de instrumento? Por que? “... não seria o mesmo que entregar uma harpa delicada às patas de uma fera?”

Áulus explicou que “... o amigo dementado penetrou o templo com a supervisão e o consentimento dos mentores da Casa. Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos temê-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga ou desintegra. É por isso que cada médium possui ambiente próprio e cada assembléia se caracteriza por uma corrente magnética particular de preservação e defesa. Nuvens infecciosas da Terra são diariamente extintas ou combatidas pelas irradiações solares... e formações fluídicas... são aniquiladas ou varridas do planeta pelas energias superiores do Espírito”.

É a limpeza dos ambientes a que muito se referem os espíritos, nos trabalhos, limpeza esta exigida pela quantidade de fluidos infecciosos que os freqüentadores carregam consigo, para as reuniões.

“Os raios luminosos da mente orientada para o bem incidem sobre as construções do mal, à feição de descargas elétricas. E compreendendo-se que mais ajuda aquele que mais pode, nossa irmã Celina é a companheira ideal para o auxílio desta hora”.

Mas convidava principalmente a observar, buscando construir as ilações sobre a observação, com critério científico.

Com a aproximação da entidade, o espírito da médium afastou-se do corpo como se ingressasse num sono profundo conduzindo “... consigo a aura brilhante de que se coroava”, naturalmente, como que “... afeita àquele gênero de tarefa.”

Em seguida, acolheu o desventurado com amor, com a devoção de mãe afetuosa. “Dela partiam fios brilhantes a envolvê-la inteiramente, e o recém-chegado,

não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado”.

A médium era, aparentemente, um instrumento passivo. Entretanto, no âmago do ser, revelava “as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável”, diante das quais o infortunado se sentia curvado, impedido de qualquer manifestação menos digna.

Imprecava, revoltava-se, mas não usava palavras semelhantes às que havia proferido. “Achava-se como que manietado, vencido, rude e áspero “. . . Aparecia tão . . . implantado na organização fisiológica da medianeira, tão espontâneo e tão natural, que não sopitei as perguntas a me escorrerem céleres do pensamento”.

Qual a diferença entre as mediunidades de Celina e Eugênia? Ambas haviam-se desligado do corpo. Mas por que a preocupação de enfermeira nesta, e a confiança e o cuidado maternos daquela?

“. . . Enquanto Clementino e Raul Silva amparavam o comunicante, através de orações e frases renovadoras de incentivo ao bem. . .”, Aulus esclarecia: “. . . Celina é sonâmbula perfeita. A psicofonia em seu caso se processa sem necessidade da ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico, como no caso de Eugênia, que só concede a ligação até ela; enquanto que Celina já cede os próprios recursos de modo a ficarem subordinados com mais liberdade à corrente mental da entidade e com espontaneidade. Desliga-se do comando automaticamente, sem dificuldade, “. . . perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral”. É extremamente passiva. “. . . Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade”.

Mas isso não significa ausência ou falta de responsabilidade por parte dela. Apenas age com confiança sem receio. Assim como há pessoas que não são capazes de acariciar a cabeça de um cachorro grande, por medo, enquanto outros o fazem com segurança, assim Celina entrega seus recursos, segura de si, confiante, como uma mãe “. . . auxiliando o sofredor, que por ela se exprime, qual se fora frágil protegido de sua bondade. Atraiu-o a si, exercendo um sacrifício voluntário, que lhe é doce ao coração fraterno, e José Maria, desvairado e desditoso, imensamente inferior a ela, não lhe pôde resistir”.

Ele continua a ser o que é, revoltado, agressivo, mas sente-se subjugado pela superioridade dela, subordinando a expressão ao respeito que lhe sente, “. . . porque a mente superior subordina as que se lhe situam à retaguarda, nos domínios do espírito”.

No comenos, Silva progredia na doutrinação.

A pergunta que surgia espontânea era de se Celina iria lembrar das palavras proferidas pelo visitante. E a resposta foi que, se ela quisesse, o poderia, com esforço. Mas que não o faria por não julgar isso de interesse.

Outra questão que se punha era a de que, no caso de Celina, podia haver cessão de recursos, dada a segurança de “. . . trabalhadora hábil, capaz de intervir a tempo, em qualquer circunstância menos agradável. . .”. Mas não estava livre de incorrer em perigo, caso se tratasse de “. . . uma entidade intelectualmente superior senhoreando mentalmente a médium. . .”

Sem dúvida isso poderia ocorrer. “. . . O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não pos-

suem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes”.

No caso em questão, se se tratasse de “... inteligência degenerada e perversa, a fiscalização correria por conta dos mentores da casa, e em se tratando de um mensageiro com elevado patrimônio de conhecimento e virtude, a médium apassivar-se-ia com satisfação, porquanto lhe aproveitaria as vantagens da presença, tal como o rio se beneficia com as chuvas que caem do alto”.

Enfim, José Maria foi removido, pois, “. . . algo renovado, principiava a aceitar o serviço da prece, chegando mesmo a atingir a felicidade de chorar...” ([1], Cap. VIII).

a — Bibliografia:

- [1] André Luiz: *Nos Domínios da Mediunidade*.
- [2] Irmão X: *Contos Desta e Doutra Vida*.
- [3] Emmanuel: *Paulo e Estevão*.
- [4] Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.
- [5] Irmão X: *Pontos e Contos Desta Vida*.
- [6] John Kenneth Galbraith: *A Era da Incerteza*.
- [7] Emmanuel: *Pão Nosso*.

b — Leituras Complementares:

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — Perguntas:

- 1.º) O corpo é patrimônio que não podemos deixar à matroca, nem desprezar. Explique.
- 2.º) Como é o procedimento de André Luiz no estudo dos casos? Explique.
- 3.º) A entidade manifestante refere-se ao privilégio dos nobres. De onde provêm esta idéia?
- 4.º) Nas várias religiões, os bens materiais sempre foram considerados fonte de todos os males. Há certamente um engano. Qual é?
- 5.º) A virtude evangélica, em relação à riqueza é o desprendimento em relação aos bens materiais. Explique.

- 6.º) Jesus veio enaltecer a pobreza, ou veio indicar os caminhos para eliminá-la? Veio enaltecer a ignorância? A doença? Ou veio apontá-los como os problemas que nos cabe resolver, indicando que a solução está na prática do amor?
- 7.º) Como numa empresa, as pessoas ocupam cargos e executam funções. Será reprimido aquele que não cumprir a contento suas tarefas não aquele que exerce uma menor. Explique.
- 8.º) Por que os homens encarnam em funções diferentes, ora de destaque, ora de pouca expressão social?
- 9.º) Emmanuel diz que quando necessitássemos de algo, deveríamos buscar pessoa muito ocupada. Explique.
- 10.º) A teoria da seleção natural levou alguns a afirmarem que a caridade impedia a supressão dos menos dotados. Inconveniente, portanto. Comente.
- 11.º) O que é “Lei de Cooperação”?
- 12.º) Como se processa a limpeza dos ambientes?
- 13.º) Dissemos que a mediunidade consciente era o melhor. Entretanto temos o caso aqui da mediunidade inconsciente bem sucedida. Por que?
- 14.º) Por que a entidade sofredora se sentia subjugada pelo médium?
- 15.º) Celina iria lembrar das palavras do visitante? Por que?
- 16.º) O que diria acerca do sonambulismo puro?

d — Prática de Renovação Íntima:

André Luiz — *Respostas da Vida*.
Estudar e pôr em prática o Cap. 29.

e — AULA PRÁTICA.

TÍTULO: PSICOFONIA CONSCIENTE.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A₁: Recomendações para a aula (2 min.).

Parábola do mau rico (Ev. Seg. o Esp., Cap. XVI, n.º 5).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

Uma das idéias mais comuns, no Dogmatismo, é a de que a alma não adoce, nem é sede de sensações. Entretanto o Espiritismo mostra que a sede das sensações é o espírito, sendo quem adoce com estados doentios bem mais penosos, no plano espiritual.

Em certas reuniões especializadas, é permitida a manifestação de espíritos sofredores, com o intuito de auxiliá-los e com finalidades de estudo. Nunca por curiosidade, pois seria desrespeito. Da mesma maneira que não adentraríamos num hospital para ver doentes, só por curiosidade.

A manifestação nestes casos, é feita por médiuns desenvolvidos, equilibrados, conscientes do que se passa e do papel que lhes cabe, preferivelmente conscientes. Embora permitam a utilização de seus recursos, permanecem atentos, com atitude responsável, como a de um enfermeiro que, permitindo certa liberdade ao doente, vigia, entretanto, sem permitir que a manifestação descambe para o alvoroço.

E o papel do médium, neste caso, é muito importante, pois ele sente as emoções, as palavras a se formarem em seu íntimo, no momento em que o espírito as forma, antes delas veicularem-se pelo organismo do médium e se externem. Em tempo, portanto, para freiar a manifestação.

O médium equilibrado, a assistência preparada, impedem que as manifestações descambem para o indesejável. Não há necessidade de outras medidas, muito menos repressões com o uso da energia física.

Em termos de doutrinação, assim como não é lícita a curiosidade, assim não são permissíveis as inquirições e as discussões; nem a exposição de mazelas do espírito. Trata-se de doente. Quando não se tenha a condição de auxiliar como o faria um médico, deve-se limitar a participação à palavra de conforto, de estímulo, de encorajamento fraterno, emitindo vibrações de otimismo e confiança, lembrando que o poder de cura da alma, o maior, é o amor.

CAPÍTULO X

A PASSIVIDADE EM PROCESSOS REEDUCATIVOS

1 — DIFERENTES GRAUS DE PASSIVIDADE

A letargia, a catalepsia e o sonambulismo, são citados em ([1], Livro 2.º, Cap. VIII).

Característica comum aos letárgicos, diz-se na perg. 422 a 424, é que eles ouvem e vêem, sem podê-lo manifestar. O espírito permanece consciente. Na letargia e catalepsia há um mesmo princípio: "... a perda momentânea da sensibilidade e do movimento...". Na primeira "... a suspensão das forças vitais é geral, dando ao corpo a aparência da morte..."; na segunda, "... é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de maneira a deixar a inteligência livre para se manifestar...".

Já o sonambulismo "... é um estado de independência da alma, mais completo que o do sonho... A alma tem percepções que não atinge no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse total de si mesmo; os órgãos materiais, estando de qualquer

forma em catalepsia, não recebem mais as impressões exteriores...”. Por isto “...os sonâmbulos não se lembram de nada... e porque os sonhos de que se conserva a lembrança na maioria das vezes, não têm sentido”.

No sonambulismo, a alma vê (perg. 428); e vê através dos corpos opacos, porque para o Espírito, a matéria não oferece obstáculo (perg. 429). Mas não vê tudo, nem conhece tudo: primeiro porque o conhecimento não depende de estar encarnado ou desencarnado; segundo, porque, estando ligado à matéria, não tem toda a percepção de um desencarnado, (perg. 430).

Mas ele pode falar de coisas que parece ignorar quando em vigília, porque já tendo uma experiência anterior e conhecimentos adquiridos, nem sempre pode externá-los em vigília pela imperfeição do instrumento de que dispõe, que faz com que não se lembre, (perg. 431).

Além disso, muitas vezes, em transe, diz o que muitas vezes lhe é sugerido pelos espíritos que o assistem.

Ainda, tem uma vidência que depende das disposições físicas que lhe são próprias, (perg. 433), e nem sempre muito clara, mesmo porque freqüentemente não sabe distinguir a visão sonambúlica de uma corporal, (perg. 435). Nem sempre sabe o que ocorre com ele.

Quanto às sensações que ele possa ter são da alma; e se algumas se refletem no corpo, isto se dá porque a alma permanece ligada ao corpo por um laço fluídico, como no sonho, (perg. 437).

Relacionado a estes fenômenos, Kardec cita ainda o Êxtase, uma forma de sonambulismo mais apurado,

(perg. 439). Nele o Espírito penetra mundos superiores, embora limitadamente ao seu grau de depuração, (perg. 440). E o conhecimento de um mundo melhor pode fazê-lo querer abandonar este plano, (perg. 442). Quanto ao que ele vê, o vê segundo seu entendimento, (perg. 443). O que relata é sempre algo que deve ser levado em conta das impressões que ele teve.

Outro fenômeno que não deixa de ser a mesma coisa é o denominado da dupla vista. Trata-se da vista da alma, sempre que o Espírito se desprenda do corpo, (perg. 447, 448). É espontânea, mas pode ser ampliada com o esforço de vontade, pelo exercício, (perg. 450).

Certas situações podem desenvolvê-la: a doença, a proximidade de um perigo, uma grande comoção (perg. 452), que, em certos casos, pode até dar a presciência das coisas, (perg. 454). (Vide [1], Livro 2.º, Cap. VIII, Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista).

André Luiz também caracteriza a hipnose, a letargia, a catalepsia e o sonambulismo como um mesmo fenômeno, apenas com diferentes graus de passividade.

Diz ele: — “Na hipnose e letargia as pessoas... liberam aglutininas mentais que facultam o sono comum, obscurecendo os núcleos de controle do espírito, nos diversos departamentos cerebrais. Além disso correlacionam-se com a onda motora da vontade a que se sujeitam substancializando, na conduta que lhes é imposta, os quadros que se lhe apresentam.

Na catalepsia e no sonambulismo, as oscilações mentais dos hipnotizados, a reagirem sobre eles mesmos, determinam o desprendimento parcial ou total do perispírito que, não obstante mais ou menos liberto das células físicas, se mantém sobre o domínio direto do

magnetizador, atendendo-lhe as ordenações”. ([22], Cap. XIII).

2 — RELIGIÃO: CURA E DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO

O vampirismo, o adoecimento do espírito, a cura da alma e seus processos, praticados no plano extrafísico, a existência de uma medicina espiritual que, em nosso plano ainda permanece nos domínios da moral religiosa, constituem o conhecimento que a altera profundamente todas as noções ainda sustentadas pela crença dogmática concernentes a alma, sua existência após a morte, o castigo divino, as penas eternas, etc. . . . É toda uma montagem feita de mitos, que rue como um castelo de cartas, ao sopro renovador trazido pelas aberturas que a mediunidade descerra para o mundo espiritual.

É em Kardec que, pela primeira vez ([3]), os fatos do mundo espiritual são colocados como base de toda especulação, como os entes de observação sobre os quais edificamos o conhecimento do mundo espiritual. André Luiz e outros lhe secundam a iniciativa, ampliando nossas possibilidades de informação e discernimento.

As noções de atividades reflexas, congênitas e condicionadas, de influenciação, sonambulismo e diferentes graus de passividade, são as chaves da compreensão de muitas doenças da alma, a loucura, a epilepsia, e outras, até hoje ainda incompreendidas.

Conta André Luiz, em ([4], Cap. VII e VIII), dois casos de reencarnação de entidades em processo reeducativo, com problemas semelhantes: um, ainda em

fase inicial de reajuste — (Cap. VII), outro, em situação quase vencida — (Cap. VIII).

No primeiro, trata-se de situação resultante dos “...dramas íntimos da personalidade prisioneira da introversão, do desequilíbrio, dos fenômenos de involução, das tragédias passionais, episódios esses que deflagram no mundo, aos milhares por semana”.

Uma situação que demanda dos desencarnados esforços ingentes de assistência na prevenção contra a loucura, especialmente nos dias de hoje, em que as condições humanas estão a merecer, por parte deles, maiores cuidados.

E, isto, principalmente devido ao enfraquecimento das crenças religiosas, em crise, por terem estacionado no tempo, aparecendo, frente à Ciência que se apresenta qual “...árvore gigantesca... ramos repletos de teorias e raciocínios...”, semelhante a “...erva raquítica, a definhando no solo”.

O homem, no seu crescimento, teve a orientá-lo, desde os primórdios, a Religião, em cujo âmbito se encerravam os germens de toda atividade cultural. Com o tempo, a Arte, a Técnica, a Filosofia, a Ciência, adquiriram personalidade própria e deslocaram-se com finalidade bem definida.

A Ciência desenvolveu-se como descobridora das leis naturais que nos governam; a Filosofia acompanhou-a para enriquecer-lhe os valores intelectuais, desenvolvendo ambos procedimentos e métodos, que garantem a aquisição da sabedoria. Mas elas ainda não descobriram o Espírito, as leis que o regem. E o superintender do desenvolvimento harmonioso da alma é tarefa que ainda cabe à Religião efetuar. Mas hoje, ela, nas diferentes formas dogmáticas e existentes, tem-

se revelado incapaz de efetuar-lo por falta de pessoal adequado, no império do aperfeiçoamento dos sentimentos, da edificação do amor, um campo que requer "...vocaçao para a renúncia".

Por isto, o Plano Espiritual tem que desdobrar-se no socorro dos "...que sofrem, incentivando os que esperam firmemente no bem, melhorando sempre", atendendo às rogativas daqueles que, pela prece, assinalem onde se faz necessário aduzir forças ao bem.

3 — O PROBLEMA DA EUTANÁSIA

O caso em estudo era o de uma criatura encarnada em dolorosas condições, em horrível provação, "...um fenômeno de desequilíbrio espiritual absoluto...", dificilmente contestável por "causas substancialmente fisiológicas..." ou atribuíveis ao corpo físico.

Menino de oito anos, paralítico, quase que impedido de qualquer comunicação com o mundo carnal: sem falar, ouvir, ver, quase vivia psiquicamente como um condenado a cumprir penosa pena.

Fôra criatura que, dois séculos antes, abusara do poder, decretando a morte de vários companheiros que, além-túmulo, passaram a cobrar-lhe os desmandos. Em processo final de resgate, havia sido recebido, na reencarnação, por piedosa irmã que, diante do sofrimento que tinha de suportar, não raras vezes sentia-se sucumbir-lhe ao peso. Aquele era um momento em que, sentindo desfalecerem-lhe as forças, suplicava por amparo que lhe estava sendo oferecido.

O quadro era desolador. Aquela figura destrembelhada, mais semelhante a um símio do que a um

ser humano, como poderia ser explicada? Regressão do Espírito?

Não há regressão do Espírito. O que há é a fixação monoideísta da criatura nos próprios erros que a situam mentalmente na zona dos automatismos inferiores, despertando forças primitivas. O estado mental sustentado pela atuação dos obsessores, impede à criatura de situar-se na zona do consciente, isto é, na zona motora das realizações atuais, o que impossibilita de governar o crescimento, os centros da fala, da audição, da visão, da manutenção do equilíbrio, fazendo com que a forma sofresse degenerescência. A obliteração dos canais que dificultam a mente a operar nos recursos do consciente causa atrofia de órgãos, impede a orientação organizada do refazimento físico, e perdura até que não se esgotem as causas que originaram a perturbação.

Sobravam ainda dois desafetos. Outros infelizes, para os quais, a mesma criatura despreendida, oferecia oportunidade de reencarnação. Seriam irmãos daquele infortunado, que hoje ainda atormentavam e, na carne, entrelaçando "...as mãos com ele, consumindo energias por ajudá-lo, assistidos pela ternura de abnegada mãe... beijarão o inimigo com imenso afeto... transmutarão o ódio em... amor... e a força do perdão restituirá nosso doente à liberdade".

Por enquanto, sustentavam o desequilíbrio. Um deles, tocando-lhe o cérebro com a mão inoculava-lhe "...estrias negras de substância semelhante ao piche, as quais atingiam o encéfalo do pequenino, acentuando-lhe as impressões de pavor".

Tratava-se de energias destrutivas de ódio que, atuando no consciente, isto é "...em suas capacidades de crescimento, realização e trabalho nos dias que cor-

sem . . .” compeliam-no a “. . .descer mentalmente para a zona de reminiscências do passado . . .” no qual se manifestava em estado próximo ao sub-humano.

A genitora, jovem senhora, que momentos antes clamava aos céus por misericórdia, foi amparada por Calderaro, que passou a influenciá-la com idéias e sugestões superiores, alteando-lhe as disposições.

Vendo-a refeita e reconciliadora com a sua missão sacrificial, Calderaro dera por findo o trabalho de assistência, obtemperando: “Examinando essa criança sofredora com enigma sem solução, alguns médicos insensatos da Terra se lembrarão talvez da “morte suave”; ignoram que, entre as paredes deste lar modesto, o Médico Divino, utilizando um corpo incurável e o amor, até o sacrifício, de um coração materno, restitui o equilíbrio a espíritos eternos, a fim de que sobre as ruínas do passado, possam irmanar-se para gloriosos destinos”. (Ver em [6], n.º 106, a eutanásia).

4 — EPILEPSIA

Marcelo, o segundo caso, entretanto, já se encontrava em situação quase vencida. Já ultrapassara a fase das perseguições e estava em reencarnação de refazimento. “. . .mas perseveram ainda as recordações, os remanescentes dos dramas vividos no passado afluindo sob forma de fenômenos epileptóides, as ações reflexas da alma, que emergem de vasto e intrincado túnel de sombra e que tornam em definitivo ao império da luz. Se o mal demanda tempo para fixar-se é óbvio que a restauração do bem não pode ser instantânea”.

Hoje integrava-se tanto a reduto familiar esclarecido, que se distinguia pela harmonização de relaciona-

mento, integrado no aprendizado do Evangelho redi-vivo.

Esclarecia Calderaro que “. . .A família é um santuário . . . quando dois ou três de seus membros apreendem a grandeza das suas probabilidades de elevação, congregando-se intimamente para as realizações do espírito eterno, são de esperar maravilhosas edificações”.

Esforçando-se na aquisição dos ensinamentos evangélicos, o rapaz declarava sentir melhoras enquanto aprendia e se esforçava por praticar as lições recebidas, mas que piorava, sempre que se desinteressava. As convulsões o atormentavam com mais freqüência.

Raramente, explicava Calderaro, o fenômeno epileptóide deve-se a alterações no encéfalo providas de golpes na cabeça. “. . .geralmente é enfermidade da alma . . . o corpo físico . . . apenas registra . . . as ações reflexas . . . céu e inferno são estados conscienciais; se alguém agir contra a Lei, ver-se-á dentro de si mesmo em processo retificador”.

Marcelo passou por longos anos de sofrimento, obsidiado pelas vítimas que lhe aduziram padecimentos inomináveis, abalando-o com tremendas convulsões.

Desde menino está revelando as disposições de reajuste moral pela bondade, obediência e docilidade, que se havia proposto. Mas, durante o sono, quando to-pava com algum inimigo, sofria com as recordações.

Ultrapassando os catorze anos “. . .com a organização perispiritual plenamente identificada com o involúcro fisiológico, passou a rememorar os fenômenos vividos, e surgiram-lhe as chamadas convulsões epilép-ticas com certa intensidade”.

Encontrou, entretanto, "...os antídotos necessários..." no refúgio do superconsciente, "...pelo hábito da oração, pelo entendimento fraterno, pela prática do bem e pela espiritualidade superior...", pela vontade, reconquistando, dia a dia, o próprio equilíbrio.

Aproveitou a colaboração da esfera espiritual, dispondo-se à prática do bem. Adquirindo, pela luta e necessidade, "...valiosas qualidades receptivas..." favoreceu-lhe o concurso, evitando com isto o ter de submeter-se à terapêutica dos hipnóticos ou dos choques, a qual, provocando estados anormais no organismo perispirítico, quase sempre nada consegue senão deslocar os males sem os combater nas origens".

Em certo momento, quando desprendido do corpo, durante o sono, com a aproximação de dois vultos "...empalideceu qual se fora tocado por forças perturbadoras... e correu desabalado retomando o corpo..."

Embora os espíritos tivessem abandonado o recinto, o jovem ficou tomado de contorções, sem que tivesse tido contacto com as entidades inferiores. E, ainda, perguntava-se André Luiz, por que a perturbação, se todos se mantinham com santificantes pensamentos?

Aliás, este é um fenómeno bastante comum. Justamente no meio de uma atividade intensa, ou envolvidos em pensamentos edificantes, repentinamente se institui uma perturbação, sem que a possamos explicar ou justificar.

É que a causa reside nos princípios do reflexo condicionado.

No caso do rapaz, tendo errado antes e caído em estado monoideístico, teve os centros perispirituais de-

sorganizados e em desequilíbrio por muito tempo. Hoje, embora em posição de cura avançada, tinha "as zonas motoras, simbolizando a moradia das forças conscientes em sua atualidade de trabalho... em convalescença, quais cicatrizes sensíveis do corpo.

A simples aproximação dos velhos desafetos desencadeia violentos choques psíquicos em que a mente se turva, dispensando energias com radiação de frequência igual à do pensamento de suas vítimas.

Essas emissões momentaneamente perdem o poder de conduzir a matéria do corte encefálico, assim como a queda de tensão provoca distorsão da imagem numa televisão, desarticulando os centros corticais que regem "...a memória, a fala, a audição, a sensibilidade, a visão e inúmeras outras sedes do governo de outros estímulos".

Tudo isto redundava no "grande mal", as convulsões.

Mas o mecanismo dos reflexos condicionados não se restringiu tão somente a este fenómeno, aliás apenas um dos múltiplos aspectos do fenómeno epileptóide.

A irascibilidade vicia "...os centros nervosos fundamentais pelos excessos da mente sem disciplina...", que se tornam "...portadores do pequeno mal... em neurastênicos de diversos tipos... submetidos à hipoglicemia insulínica...". A educação mental "...para a correção das próprias atitudes internas... lhes seria tratamento mais eficiente e adequado... O homem, pela sua conduta, pode vigorar a própria alma, ou lesá-la... O carácter altruísta, que aprendeu a sacrificar-se para o bem de todos estará engrandecendo os celeiros de si mesmo, em plena eternidade;

o homicida, esparzindo a morte e a sombra em sua cercania, estabelece o império do sofrimento e da treva no próprio íntimo.

O rapaz, refeito e reerguendo-se, lamentava-se pela queda. Mas não era o caso, pois ainda se encontrava em tratamento.

Talvez devesse recorrer aos hipnóticos — indagava.

Não — esclarecia Calderado. Estes são úteis “... só na áspera fase de absoluta ignorância mental.” Mas para quem já “... acordou na espiritualidade superior, o remédio mais eficaz consiste na fé positiva, na auto-confiança, no trabalho digno, em pensamentos enobrecedores.

... Os elementos medicamentosos podem exercer tutela despótica sobre o cosmo orgânico, sempre que a mente não se disponha a controlá-lo, recorrendo aos fatores educativos”.

Não há quem não tenha mazelas a corrigir, despontando vez por outra à tona, na consciência, pela ação do reflexo condicionado, de caráter egoísta, violento, indiferente, sensual, possessivo.

Não nos faltam meios de atenuá-las, corrigí-las, saná-las com os recursos benditos da medicina terrena e do auxílio espiritual. Mas o maior meio ainda reside no abandono do mal, conforme a recomendação daquele que, perguntando aonde estavam nossos acusadores, completava bondoso “— Nem eu te condeno; vai-te e não peques mais, para que te não suceda coisa pior.”

a — Bibliografia:

- [1] Allan Kardec: O Livro dos Espíritos.
- [2] André Luiz: Mecanismos da Mediunidade.
- [3] Allan Kardec: O Céu e o Inferno.

[4] André Luiz: No Mundo Maior.

[5] Emmanuel: O Consolador.

b — Leituras Complementares:

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — Perguntas:

- 1.º) Qual a diferença essencial entre hipnose e letargia de um lado e catalepsia e sonambulismo de outro, segundo André Luiz.
- 2.º) Qual o conhecimento que altera profundamente todas as noções religiosas dogmáticas?
- 3.º) Qual a causa principal dos desvios da época atual?
- 4.º) Por que cabe ainda à Religião superintender o desenvolvimento harmônico da alma?
- 5.º) Há regressão do espírito?
- 6.º) O que produz as deformações físicas?
- 7.º) É a eutanásia permissível?
- 8.º) Qual a importância da família nos casos de cura?
- 9.º) O que é a epilepsia? Quais os antídotos?
- 10.º) Como se explicava o fenômeno epileptóide em Marcelo?
- 11.º) Qual o remédio mais eficaz para a cura?

d — Prática de Renovação Íntima.

André Luiz — Respostas da Vida.

Estudar e pôr em prática o Cap. 30.

e — AULA PRÁTICA:

TÍTULO: PSICOFONIA SONAMBÓLICA.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A₁: Recomendações para a aula (2 min.).

Reconciliar-se com os adversários (O Ev. Seg. o Esp., Cap. X, n.º 5, 6).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

O médium, através de suas faculdades psíquicas cede sua organização própria a outrem. E isto não pode ser feito sem limitações, sem o acordo tácito de que se está envolvido numa tarefa que exige responsabilidade. Por isto a mediunidade consciente é a mais eficiente, porque nela o intermediário sustenta a vigilância, prevenindo qualquer desaviso.

Mas a tarefa do mediano é prestar-se ao intercâmbio, no sentido de colaborar na erradicação dos males que afligem a humanidade, segundo a orientação evangélica, em obediência à lei, que não faz privilegiados nem distinção entre pequenos e grandes, mas que reconhece somente em cada posto o bom trabalhador pelo bem geral que produz, dentro do estágio em que se situa, em função das obras, que realiza.

No caso em estudo, de sonambulismo puro, vemos o médium a ceder confiante suas possibilidades, não por uma passividade irresponsável, mas

por aquela segurança de quem se sente tranqüilo, forte, com capacidade de prevenir. Com a mesma segurança pela qual Francisco de Assis estendeu a mão a um lobo, cõscio de que, por sua fortaleza moral, não poderia ser atacado. Ou então com a mesma confiança com a qual um domador entra dentro de uma jaula de leões, confiante de que sabe como conduzir-se e como enfrentá-los. Não com a incoseqüência do irresponsável, mas com a tranqüilidade do que se reconhece forte o suficiente para não temer qualquer imprevisto.

CAPÍTULO XI

MEDIUNIDADE DE PROVAÇÃO

1 — SUSTENTAÇÃO NA TAREFA

Estudamos, até agora, fenômenos e características mediúnicas em que o medianeiro se encontra equilibrado, com a personalidade ajustada aos imperativos da missão: altaneiro, fortemente estribado em aquisições morais, consciente, seguro.

Mas há, também, os casos de condições mediúnicas, as mais variadas, em que o medianeiro, por ter-se onerado perante a Lei, se encontra em posição de desajuste, de teor purgativo, não em missão, mas em trabalho expiatório.

E, entre os dois extremos, temos as situações as mais variadas, sendo possível ainda, que mesmo os mais ajustados possam sofrer quedas ou desajustes penosos.

Por exemplo, Celina, que, no grupo em estudo se apresentava como o médium de personalidade mais afinada com os propósitos superiores, mesmo ela "... quanto qualquer de nós, se abandonar a disciplina a que somos constrangidos para manter a boa forma

na recepção da luz, rendendo-se às sugestões da vaidade ou do desânimo, que costumamos fantasiar como sendo direitos adquiridos ou injustificável desencanto, decerto sofrerá o assédio de elementos destrutivos que lhe perturbarão a nobre experiência atual de subida”. ([1], Cap. III).

Em última análise, voltando à analogia do atleta, mesmo um campeão, se não se mantiver sempre dentro da disciplina e em treinamento, “perde a forma”.

“Muitos médiuns se arrojam a prejuízos dessa ordem. Depois de ensaios promissores e começo brilhantes, acreditam-se donos de recursos espirituais que lhes não pertencem ou temem as aflições prolongadas da marcha e recolhem-se à inutilidade, descendo de nível moral ou conchegando-se a improdutivo repouso, porquanto retomam inevitavelmente a cultura dos impulsos primitivos que o trabalho incessante no bem os induziria a olvidar.

... a tarefa mediúnica não é tão fácil de ser conduzida a bom termo...” ([1], Cap. III).

2 — POSSESSÃO

O fenômeno que queremos estudar neste capítulo, é o da possessão, isto é, o da subjugação do médium pelas forças vampirizantes.

É o caso analisado por André Luiz em ([1], Cap. IX).

Voltando ao grupo em estudo, a atenção foi dirigida a “...cavalheiro doente... à cata de socorro.” Por tratar-se de estudo e uma vez que o orientador se

propunha efetuar alguma “...demonstração importante...”, permitiu-se a passagem de “...entidade evidentemente aloucada...” que, ao lançar-se sobre a doente, faz com que “...este, de súbito, desfeche um grito agudo e caia desamparado”.

O rapaz foi “...transferido para um leito de câmara próxima, isolando-o da assembléia...”

Pedro e o obsessor que o jugulava pareciam agora fundidos um ao outro... engalfinhados em luta feroz...”

No encarnado podia-se observar que “...o ataque epiléptico, surgia claramente reconhecível...”

Descreve André Luiz o quadro e, enquanto isso, Celina “...permanecia alerta de modo a manter-se valorosa, em condições de auxiliá-lo.

Anotei-lhe a cautela para não se apassivar”.

A entidade, possessa, investia contra a vítima, totalmente dominada, bradando por vingança.

“É a possessão completa ou a epilepsia essencial...”, com a perda súbita e completa da consciência, esclarecia Átilus, “...sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios... Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra, de modo a enriquecer

o patrimônio das próprias experiências. (Para a conceituação científica, vide [2], Seção 3, Cap. XVI).

— Mas poder-se-ia encarar o fenômeno como o de um transe mediúnico? — inquiria André Luiz.

— Certamente — esclarecia Áulus. “— Um ataque epiléptico, segundo a medicina terrestre, entretanto... um transe mediúnico de baixo teor... a associação de duas mentes desequilibradas, que se prendem às teias do ódio recíproco.”

E, a seguir, esclarece que antes da reencarnação, essa era a posição do doente “...nas regiões inferiores... Por muitos anos, ele e o adversário rolaram nas zonas purgatoriais, em franco duelo”.

A situação, agora, era de melhora: os encontros entre ambos eram mais raros e o fenômeno observado, era devido ao fato do “...rapaz ainda trazer o corpo perispirítico provisoriamente lesado em centros importantes”.

No comenos, Celina, auxiliada pelo orientador, conseguiu proferir vibrante prece libertando “...jactos de força luminescente...”, que atingindo o perseguidor, “...qual se houvesse aspirado... substância anestésica, se desprende automaticamente da vítima, que repousou, enfim, num sono profundo e reparador”.

Tratava-se de fenômeno, certamente, a ser qualificado de mediúnico “...pela passividade com que reflete o inimigo desencarnado...”, mas não no sentido comum do termo, porquanto trata-se de um “...Espírito endividado a redimir-se”.

E este é um esclarecimento importante. Se permanecermos adstritos a tão somente o sentido comum

do termo, ficamos na superfície do conhecimento do fenômeno mediúnico e não compreenderemos outra acepção... Mas se penetrarmos no âmago do mecanismo do fenômeno, então a mediunidade apresentar-se-á com um conceito muito mais amplo, abrangendo formas que não estão contidas no sentido comum do termo.

Mas se é uma forma de mediunidade, poder-se-á, neste caso, falar em desenvolvimento? Se lembrarmos a analogia com o talento, seria o mesmo que perguntar se um atleta, machucado, poderia dedicar-se aos treinos. Antes de tudo necessita curar-se, isto é, refazer ou recompor os recursos pessoais.

E, no caso do doente psíquico, a recomposição dos recursos pessoais estava justamente na frequência aos trabalhos do grupo, em contato com o Evangelho, nos quais, ambos, perseguido e perseguidor, restaurariam as próprias forças mentais.

Assim como a restauração dos músculos, reabilitará o atleta para o treinamento, assim os valores incorporados por ambos em matéria de compreensão e serviço acarretarão “aperfeiçoamento de individualidades...” e surgimento da fonte mediúnica como desejado.

“...O Assistente ponderou: — Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio”.

Áulus ainda esclarece que a situação do amigo se deve a “...montante de débitos com o passado e nin-

guém pode avançar livremente para o amanhã sem sol-
ver os compromissos de ontem. Por esse motivo, Pedro
traz consigo aflitiva mediunidade de provação”.

E aqui está esclarecido um conceito do qual co-
mumente se faz muita confusão — a **mediunidade de
prova**.

Esta situação de passividade de uma mente a ou-
tra, involuntária, de teor expiatório, forma que não é
mediunidade no sentido comum da palavra, mas so-
mente na essência, sem que possa servir de medianeira
para manifestações equilibradas ou de ordem superior,
esta é a mediunidade de prova. Nela o medianeiro está
em posição de desajuste em situação de teor purgativo.

É, principalmente, uma enfermidade. O que suce-
dia tinha suas raízes no passado. Pedro havia sido
“...um médico que abusava da missão de curar...”,
tendo seduzido a esposa do irmão, o atual verdugo.
Não bastasse, prejudicou-o economicamente até inter-
nã-lo num hospício, onde permaneceu até à morte. A
companheira, menos onerada, recebeu Pedro como fi-
lho, enquanto o irmão ainda não se havia modificado
continuando a vampirizá-lo.

Nós próprios criamos o nosso inferno e “...as
reparações são sempre fatais”.

Por enquanto, no grupo, Pedro podia beneficiar-
se. Talvez curar-se.

“— Isso dependerá muito dele e da vítima com
que se encontra individualo. A assimilação de princí-
pios mentais renovadores determina mais altas visões
da vida... caso persevere no campo de nossa Conso-
ladora Doutrina, sem dúvida abreviará o tempo de ex-
piação... e em se convertendo ao bem, modificará o

tonus mental do adversário que se verá arrastado à
própria renovação pelos seus exemplos de compreensão
e renúncia, humildade e fé”.

Uma vez passada a possessão, Pedro ainda “...so-
frerá os reflexos do desequilíbrio... nos fenômenos
da epilepsia secundária...”, como no caso de Marce-
lo, do capítulo anterior, “...ante as simples recorda-
ções...”. Aliás, as formas da epilepsia são várias entre
“o grande mal” e o “pequeno mal”, como pode ser
lido em [2].

Quanto à duração pouco se pode afirmar. A re-
cuperação é trabalho íntimo de refazimento, no qual
intervém a vontade e pela qual “...é possível apressar
a solução de muitos enigmas e reduzir muitas dores”.
Mas certamente “...os médiuns que hoje se enlaçam
a tremendas provas, se persistirem na plantação de me-
lhores destinos, transformar-se-ão em valiosos traba-
lhadores no futuro que a todos aguarda em abençoadas
reencarnações de engrandecimento e progresso... Tra-
ta-se de aprender sem desanimar e de servir ao bem
sem esmorecer”.

3 — SONAMBULISMO TORTURADO

Outro fenômeno de particular interesse é o estu-
dado por André Luiz, em ([1], Cap. X), sob o título
acima.

Tratava-se de casal “...em enlace de provação
redentora...”, a senhora doente. Com a intenção de
socorrê-la, deram passagem a entidade infeliz que a
vampirizava, aproveitando o ensejo para o estudo do
sonambulismo, como provação.

A entidade, "...um louco desencarnado. Perispírito denso, trazia todos os estigmas da alienação mental, indiscutível.

Olhar turvo, fisionomia congesta, indisfarçável inquietação...

A presença dele inspirava repugnância e terror aos menos afeitos à enfermagem.

Além da cabeça ferida, mostrava extensa úlcera na garganta.

Precipitou-se para a jovem doente, à maneira de um grande felino sobre a presa.

A senhora começou a gritar transfigurada.

Não se afastara espiritualmente do corpo..."

Não reconhecia o que se passara nos casos de Eugênia e Celina, citadas anteriormente, em que as médiuns cediam seus recursos.

"Era ela própria a contorcer-se em pranto convulsivo, envolta, porém no amplexo fluídico da entidade que lhe empolgava o campo fisiológico, integralmente.

Lágrimas quentes... o organismo relaxara-se... a respiração... sibilante e opressa... a voz um assobio desagradável..."

Com a ajuda de Raul, sob o comando de Clementino, os dirigentes, encarnado e desencarnado, respectivamente, "a médium... conseguiu expressar-se em clamores roufenhos..."

Era a entidade a expressar-se acusando a senhora de filha desnaturada, criminosa, a quem não perdoaria. Bradava por desforra.

Raul, inspirado, passou a doutriná-lo.

Aulus explicava que, como constatava, quem falava era a médium; mas imantada à entidade cérebro a cérebro, "...as cédulas do córtex totalmente destrembe-lhadas... em profunda hipnose..." retratando-lhe os desequilíbrios.

A dificuldade em falar era devida à transmissão das sensações do visitante, "...compelindo-o a copiar-lhe o modo de ser. Tão forte era a junção que mesmo na vida vulgar a influenciação, fora do transe, existia profunda.

— Nossa amiga — dizia — é um enigma para os familiares...". Embora possuidora de belos dotes, "...sempre se comporta de modo chocante, evidenciando desequilíbrios ocultos..."

Chegou a ser operada da tireóide, sem que se lhe alterasse o quadro. O casamento, que parecia salutar, agravou-lhe a situação. A maternidade, previamente traçada, antes de reencarnar, a fim de receber o perseguidor, foi evitada pelo aborto, o que "...favoreceu mais ampla influência do adversário invisível, no círculo conjugal".

Passou a ter aversão pelo marido e a sofrer crises de variados tipos, que terminaram por conduzi-la a casa de saúde em estado de demência, com uma pausa que agora se estabelecia, com o concurso do Espiritismo.

Uma possibilidade de recuperação poderia ser a maternidade, mas "...a crueldade meditada com que se afastou dos compromissos assumidos, imprimiu certo desequilíbrio ao centro genésico".

Nossas faltas prejudicam o perispírito e se refletem no corpo. "...A vida corpórea é a síntese das irradiações da alma. Não há órgãos em harmonia sem pensamentos equilibrados, como não há ordem sem inteligência".

A doutrinação continuava, enquanto a entidade lutava contra os próprios sentimentos, chorando.

Enquanto isso, Áulus esclarecia que as razões do sofrimento que envolvia a todos, era consequência de acontecimentos passados.

O marido daquela senhora havia induzido, no pretérito, a atual esposa a envenenar o pai adotivo para apossar-se da fortuna. Conseguindo-o, também infelicitou a pobre criatura, inveterado jogador que era, e libertino confesso, "...relegando-a a profunda miséria moral e física". Isso não bastasse, viu-se perseguida pelo tutor desencarnado que passou a infligir-lhe tormentos que duram até hoje.

De modo que a própria situação do marido era a do devedor em resgate de débito.

"...O Poder Divino não nos aproxima uns dos outros sem fins justos. No matrimônio, no lar ou no círculo de serviço, somos procurados por nossas afinidades, de modo a satisfazer aos imperativos de nossas dívidas, resultantes do nosso deliberado contacto com o mal..."

Muitas vezes nos perguntamos como certos consórcios se realizam, para, em seguida, verificar desacertos ou incompatibilidades. E aqui vemos mais uma observação que esclarece: "...Recapitulando a antiga forma de sensações, abeirou-se da mulher que despo-

sou, procurando instintivamente a sócia de aventura passional do pretérito, mas encontrou a irmã doente que o obriga a meditar e a sofrer..."

É isto! Nós, a partir dos 14 anos, passamos a relembrar nossas experiências passadas, redespertando-se-nos as emoções correspondentes e, nisto, instintivamente, ou em obediência a nossos impulsos, se não freiados ou corrigidos pela aquisição de novos valores ou interesses, nos enredamos nos efeitos que eles suscitam.

E, novamente, a noção de mediunidade. Certamente a senhora em observação é "...médium, em aflitivo processo de reajustamento. ...Encerrada nas teias fluidicas do adversário demente, purifica-se através das complicações do sonambulismo torturado..."

Por enquanto em refazimento, sem possibilidade de prestar qualquer concurso no campo do auxílio direto. Indiretamente ela e o esposo "...constituem valioso núcleo de trabalho em que nossos companheiros de serviço (os desencarnados) podem adestrar suas qualidades de semeadores da luz". Além disso, a doutrinação induzirá os três a renovar-se.

O exame da questão, enfim, quer salientar "...os imperativos de trabalho e tolerância, compreensão e bondade para construirmos a mediunidade completa no mundo. Médiuns repontam em toda a parte, entretanto, raros já se desvencilharam do passado sombrio para servir no presente à causa comum da Humanidade sem os enigmas do caminho que lhes é particular. E como ninguém avança para diante, com a serenidade possível, sem pagar os tributos que deve à retaguarda, saibamos tolerar e ajudar, edificando com o bem..."

a — **Bibliografia:**

- [1] André Luiz: **Nos Domínios da Mediunidade.**
[2] A.L. Nobre de Melo: **Psiquiatria.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — **Perguntas:**

- 1.º) Por que mesmo uma pessoa de elevada personalidade moral, pode cair em perturbação e deter-se na marcha?
- 2.º) Por que Celina permanecia em condição de auxiliar, na situação do obsessor sobre Pedro, mas cautelosa para não se apassivar?
- 3.º) O que acontecia com Pedro, no ataque da entidade?
- 4.º) Podia o fenômeno ser considerado de transe mediúnico?
- 5.º) Qual o efeito da prece de Celina?
- 6.º) A que tipo de mediunidade se aplica o conceito de desenvolvimento mediúnico?
- 7.º) De que depende o desenvolvimento?
- 8.º) O que é mediunidade de prova, enfim?
- 9.º) Por que o caso da jovem era de sonambulismo?
- 10.º) Por que a influência subsistia mesmo na vida particular?
- 11.º) Qual a causa do sofrimento que envolvia a todos?
- 12.º) Como puderam realizar-se certos consórcios dominados pela desarmonia?

d — **Prática de Renovação Íntima:**

André Luiz — **Respostas da Vida.**

Estudar e pôr em prática o Cap. 31.

e — **AULA PRÁTICA:**

TÍTULO: A PASSIVIDADE EM PROCESSOS EDUCATIVOS.

1.ª **PARTE:** Abertura (20 min.).

A1: Recomendações para a aula (2 min.).

Os laços de família... (Ev. Seg. o Esp., Cap. IV, n.º 18).

A2, A3, A4, permanecem os mesmos.

2.ª **PARTE:** O TRABALHO (30 min.).

O grau de passividade que a pessoa oferecer a outra, inicia na atenção, concentração, passa pela hipnose e letargia e termina na catalepsia e sonambulismo.

Em qualquer um deles podemos apassivar-nos em estado de desequilíbrio, ou de integração em tarefas de elevado teor. O compromisso com o bem, ou com o mal, é de natureza íntima; nada tem a ver com o grau de passividade com o qual nos enredamos.

No primeiro caso temos a mediunidade de provação, de teor purgativo; no segundo, temos a mediunidade construtiva de teor edificante.

No primeiro, temos os estados que vão desde os distúrbios que desajustam, até os estados de idiotia, envolvidos com deformações físicas, uma vez que o desequilíbrio mental não permite o controle sobre o consciente na formação do físico. Mais ainda, os próprios estados irritadiços, de violência, depressivos, viciosos, acarretam profundas lesões, das quais se aproveitam os credores desequilibrados para influir e subjugar.

E assim como o desequilíbrio se instala aos poucos, também a cura é lenta; mas é sempre constituída de esforço, evangelização, prática do bem, segundo os preceitos evangélicos, as regras preventivas para a saúde da alma.

CAPÍTULO XII

HIPNOSE E MEDIUNIDADE

1 — AS DIVERSAS PASSIVIDADES

Estudamos, nos capítulos anteriores, aspectos diversos do fenômeno mediúnico, na mediunidade equilibrada e na de provação, nos quais a característica essencial é a subordinação de uma mente a outra. As mentes têm o poder de atuar umas sobre as outras. O primeiro nível de atuação é a indução mental, no qual a atenção e a concentração constituem o primeiro grau de passividade. Nele, denominamos de intuição à capacidade receptiva, resultado de nosso estágio evolutivo, nossas conquistas, a súpula de nossos valores consolidados, sobre os quais o espírito tem a faixa de sintonia determinada. Em seqüência e em escala crescente, temos os outros graus de passividade: a hipnose, a letargia, a catalepsia, e o sonambulismo.

Na hipnose e na letargia “... as pessoas apassivadas... terão libertado... certa classe de aglutininas mentais que facultam o sono comum, obscurecendo os núcleos do espírito, nos diversos departamentos mentais”.

A passividade, nestes dois casos, estabelece somente esse obscurecimento de núcleos de controle do

Espírito, em grau menor no primeiro, em grau maior no segundo.

“...Além disso correlacionam-se com a **onda-motor** da vontade a que se sujeitam, substancializando, na conduta que lhes é imposta, os quadros que se lhes apresentem”.

Esta expressão, **onda-motor**, deverá ser entendida analogamente ao que se denomina de excitação num sistema. Este, excitado, produz, uma resposta. Estabelecendo a analogia, a onda motora, seria o equivalente à excitação; a resposta, o comportamento do apassivado, segundo os quadros sugeridos por ela.

“Na catalepsia e no sonambulismo provocado, as oscilações mentais dos hipnotizados, a reagirem sobre eles mesmos (portanto, a resposta provocada), determinam o desprendimento parcial ou total do perispírito ou psicossoma, que, não obstante mais ou menos libertado das células físicas, se mantém sob o domínio direto do magnetizador, atendendo-lhe as ordenações.” ([1], Cap.XIII).

2 — O FENÔMENO HIPNÓTICO

A mediunidade, entendida como esta faculdade receptora da comunicação entre mentes, pode apresentar, no transe, os vários graus de passividade, seja na recepção de elevado intercâmbio, como na conjugação infeliz.

Já estudamos alguns casos de maior apassivação. Veremos agora como os diferentes graus se relacionam entre si, como explicado por André Luiz, em ([1], Cap. XIV).

Para isso estudemos primeiro o fenômeno hipnótico.

A fim de produzi-lo há várias técnicas e, sua ocorrência é dividida em fases: a primeira, dita a **introdução**; a segunda, a **hipnoidal**; ambas com vários passos.

Na primeira estabelece-se a aceitação, por parte do passivo, da orientação do hipnotizador.

Suponha-se, por exemplo, que o primeiro seja portador de doença nervosa e tenha conhecido o segundo, de modo a entender tratar-se de pessoa idônea, digna de respeito, a quem poderia confiar-se, para a cura pela hipnose.

Já no primeiro contato, feito com simpatia, o simples contato das mãos, faz com que o operador entre de imediato na aura ou halo do paciente, endereçando-lhe algumas inquirições.

Num toque direto, inocula-lhe vasta corrente revitalizadora, em lhe falando de bom ânimo e esperança e o doente se lhe rende, satisfeito, aos apelos silenciosos de relaxamento de tensão que o castiga.

O consulente prestará ligeiros informes acerca dos sintomas... e o anfitrião... fá-lo-á sentar-se em... poltrona que lhe faculte... amplo repouso. ([1], Cap. XIV).

Na segunda fase, estabelece-se a hipnose propriamente dita. Nela os processos são diversos, alguns lentos, outros rápidos.

Numa primeira etapa, o que se busca, é a provocação da fadiga, mediante colocação da mão esquerda na cabeça do paciente, e dois dedos da mão direita à

distância de trinta centímetros, obrigando-o à atenção forçada.

Nisto "...o magnetizador estará projetando o seu próprio fluxo energético sobre a epífise do hipnotizado..." cuja importância nos processos mediúnicos é a de "...favorecer a passividade dos núcleos receptivos do cérebro, provocando, ao mesmo tempo, a atenção ou o **circuito fechado** no campo magnético do paciente, cuja onda mental, projetada para além da própria aura, é imediatamente atraída pelas oscilações do magnetizador que, a seu turno, lhe transmite a essência das suas próprias ordens...

Libertando as aglutininas mentais do sono, o passivo, na hipnose estimulada, se vê influenciado pela vontade que lhe comanda transitoriamente os sentidos, vontade essa que, de maneira habitual, adere de "moto-próprio" quase que alegremente".

Esse estado é consolidado pela continuidade da ação do hipnotizador que em tom quase grave e calmo comanda-o a dormir, descansar, repousar, com sugestões tranquilizadoras e de bom ânimo, para despertar somente quando lhe aprouver, certo de que nada lhe acontecerá de incômodo.

3 — HIPNOTERAPIA

O estado hipnótico, assim conduzido até o sono aumentado, é mantido por algum tempo, e é durante este período que o doente se beneficiará com as sugestões recebidas.

"Enquanto adormecido, a própria onda mental do paciente, em movimento renovador e guardando consi-

go as sugestões benéficas recebidas, atua sobre as células do veículo psicossomático, anulando, tanto quanto possível, as inibições funcionais existentes."

A atuação da **onda-motora** estabelecida pelo hipnotizador, comando eivado de princípios revigoradores, "...é fator desencadeante da recuperação que passa a ser efetuada pelo próprio paciente...", pela onda resposta do passivo, que é a que realiza a atuação.

A ação do hipnotizador tem analogia com a telepatia: envia a onda mental que absorvida, se traduz na onda mental induzida do receptor que é a que se exprime. E isto "...em todos os casos de hipnoterapia ou reflexoterapia".

Na hipnoterapia, o sono prolongado pode estender-se por horas. No caso, André Luiz supõe um sono de um quarto de hora, após o qual, voltando à vigília "...enfermo, desperto, acusa por vezes grandes melhoras..."

4 — OBJETOS E REFLEXOS ESPECÍFICOS

Nas vezes subseqüentes, o paciente submete-se com mais facilidade à apassivação. Somente o reencontro com o apassivador já desencadeia "...o reflexo condicionado, pelo qual começa a automatizar o ato de arrojá-lo de si mesmo as próprias forças mentais, impregnadas das imagens de saúde e coragem que ele mesmo recorporifica, recordando os apelos recebidos na véspera..."

Esse condicionamento progride até o ponto em que a simples "...contemplação de um... objeto do mag-

netizador... será o suficiente para que se entregue à hipnose de recuperação por sua própria conta”.

Isto “...explica o suposto poder curativo de certas relíquias materiais ou dos chamados talismãs da magia...” Eles de “per si” nada significam ou produzem. São objetos sem qualquer poder. O que eles podem provocar é “...um reflexo condicionado específico...” previamente desenvolvido sugestivamente, produzido por esse mecanismo em que, primeiro, houve o sugestionador e, em seguida, se manifesta mesmo por estímulos não advindos dele, mas de objetos que a ele se relacionam.

A esta altura cabe uma observação.

A hipnose cria uma dependência em relação ao hipnotizador que exige alguns cuidados. Se praticada por um médico e para fins terapêuticos, ela pode constituir-se num processo de cura benéfico. Pode apresentar inconvenientes, entretanto, quando efetuada para exibição em espetáculos ou quando utilizada por amadores despreparados, especialmente se estes se dispõem a efetuar determinadas curas de males cujo quadro desconhecem. Neste caso, ela se constitui num perigo, semelhante, por exemplo, àquele da indicação de um remédio a um doente por um leigo.

Aliás, nada deve ser realizado por pessoas incapacitadas; e a hipnose não escapa a esta regra.

Mas não se creia que se pode pela hipnose conduzir uma pessoa a realizar algo que ela repudiaria fazer em vigília. Pois, não só a pessoa não poderá ser induzida a isso, mas inclusive a hipnose se lhe reforça o sentido moral.

5 — O TRANSE MEDIÚNICO

No processo de cura, o que se realiza é a reeducação da onda mental do paciente. O hipnotizador desencadeia o processo induzindo fatores reequilibrantes; mas é a onda do hipnotizado que, refazendo-se, recompondo-se com valores estimulantes, reestabelece o equilíbrio da região afetada que, após a cura, volta a apresentar-se sadia e harmônica.

Após a cura, “... se o paciente prossegue submisso ao hipnotizador, sustentando-se entre eles o intercâmbio seguro, dentro de algum tempo ambos se encontrarão em circuito mediúnico perfeito”.

A onda mental do magnetizado “...devidamente ajustada ao cérebro em que se apoia... passará a refletir a onda mental a que livremente se submete, absorvendo-lhe as inclinações e os desígnios.” E aí, segundo o grau de passividade, que poderá atingir até o do sonambulismo “...sob a indução do hipnotizador...” o passivo “...verá e ouvirá de acordo com a orientação particular a que se sujeita. Mas o transe poderá ser alcançado mesmo sem a presença do hipnotizador, desde que o *sujet* prossiga “...interessado no progresso de suas conquistas espirituais...”. Basta que se consagre às lembranças dos fenômenos vividos, para que isto sirva de estímulo à produção do reflexo condicionado específico e caia em hipnose, letargia, catalepsia ou sonambulismo, nos quais entrará “...em contato com entidades encarnadas ou desencarnadas de sua condição...”, uma vez que o intercâmbio é feito em regime de sintonia. Um hotentote nada teria a dizer a um sábio, nem este poderia oferecer-lhe algo acima dos interesses mentais daquele. ([2], Cap. 1)

Além disso, poderia "... provocar, por si mesmo, certa categoria de fenômenos físicos, mediante a aplicação de energia acumulada, com o que se explicam as ocorrências do faquirismo oriental, nas quais a própria vontade do operador, parcial ou integralmente separado do corpo somático, exerce determinada ação sobre as células físicas e extrafísicas estabelecendo acontecimentos inabituais para o mundo rotineiro dos cinco sentidos". ([1], Cap. XIV).

6 — QUEM SÃO OS MÉDIUNS

A esta altura já podemos acrescentar mais alguns esclarecimentos acerca dos médiuns.

Primeiramente a mediunidade é uma faculdade do espírito; a de, apassivando-se, permitir o comando alheio de recursos pessoais. Uma faculdade que se desenvolve como todas as outras, ao longo do tempo, pelo exercício, pela experiência repetida nos fenômenos de apassivação ao longo das reencarnações.

É uma faculdade comum a todos e se inicia já nos primórdios das reencarnações com o fenômeno intuitivo; na meditação, inerente ao próprio pensar, pelo qual uma corrente mental induz sua ordem de idéias em outras mentes, desenvolvendo-se ainda nos fenômenos da simbiose, da obsessão e do vampirismo.

É de se crer que a maior fonte dos diferentes aspectos mediúnicos são a dor e o sofrimento, nos processos obsessivos, embora certamente não a única... Quando nos enredamos em compromissos, o próprio remorso e arrependimento criam campos de passividade que, se de um lado nos obrigam a reconstruir o equi-

líbrio, submetendo-nos aos processos de resgate, de outro estilhaçam envoltórios, estruturam esta faculdade de apassivação. E esta, em se desenvolvendo, nos aguçam a sensibilidade que, se de certa forma poderia parecer uma faceta de nossa personalidade capaz de nos tornar juguete de outras mentes, ao contrário se transforma em equisição de defesa, pois, em captando forças mentais, tornamo-nos capazes de avaliá-las com antecedência e dominá-las com nossos valores, antes que elas nos tragam algum prejuízo.

Um dos processos então poderia ser esse semelhante ao estudado neste fenômeno hipnótico e na hipnoterapia.

O remorso e o arrependimento nos abrem para a passividade pela qual penetram as influências vingadoras, ampliando nossas características de apassivação. Com a cura, reerguemos nosso tonus vibratório fortalecendo a onda mental que se reeduca, até rearmônizar-se. Isto conseguido, a faculdade de apassivação aumentou, permitindo que melhorem nossas possibilidades de intercâmbio com outras mentes, encarnadas e desencarnadas, e se nos afetem cada vez mais os poderes mediúnicos.

Suposto que o exercício mediúnico seja exercitado a partir daí, em regime de atividade equilibrada posta a serviço do bem geral, em encarnações várias, o desenvolvimento da faculdade se efetua pelo uso, pelo exercício continuado residindo aí o aparecimento de grandes médiuns, de grandes profetas, os grandes intermediários para a edificação do progresso humano.

Claro está que esse clímax mediúnico é raro, pois estamos num mundo de expiação e ainda o grande contingente de médiuns se debate nos círculos da pro-

vação. Mas estamos adentrando a maioria espiritual, e isto faz com que o número de médiuns equilibrados, capazes de se prestarem ao trabalho da renovação e do bem, comece a crescer em nossa época.

Por isto diz Emmanuel, em ([3], Cap. XI) que: — “Os médiuns, em sua generalidade... são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas... O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre são Espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência... almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as facilidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram no seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia”.

E este é o motivo pelo qual muitos médiuns não se desenvolvem ou perdem a qualificação para a tarefa.

Nós vimos no Capítulo II a dificuldade dos médiuns em desenvolvimento para a intermediação com o Plano Maior dentro da reunião, uns para a psicografia, outra para a incorporação; entretanto a sintonização espontânea e automática, com as entidades de ordem inferior com que se afinavam.

O que sucede é que, nesse interregno, entre a passagem do desequilíbrio ao equilíbrio, os médiuns para a manifestação mediúnica, oscilam entre a provação e a tarefa, qual o convalescente inseguro que ainda desperta cuidados e o receio de uma decaída.

É como se eles estivesse ainda em tratamento por hipnoterapia, em vias de finalização de reajuste, fase esta em que, por si mesmos, assumem o controle das

próprias forças mentais, completando a recuperação por sua própria conta.

E este controle próprio consiste na adoção voluntária do desprendimento, da caridade, “. . . Devendo evitar, na sociedade, os ambientes nocivos e viciosos. . . cumprir seus deveres em qualquer posição social a que for conduzido, sendo uma de suas obrigações melhorar o seu meio ambiente com o exemplo mais puro de verdadeira assimilação da Doutrina de que são pregoeiros. . .” ([3], Cap. XI).

Ser médium, possivelmente, é desfrutar de um dom capaz de conduzir a tarefas de elevada expressão. Quase sempre, porém, é estágio de recuperação final em processo de cura, “. . . bendita possibilidade de reparar seus erros de antanho. . .” ([3], Cap. XI), em que se requerem “. . . esforço e boa vontade, vigilância e compreensão. . . a fim de que a tarefa espiritual se sustente em vôo ascensional para os cimos da vida. Bondade e entendimento para com todos representam o roteiro único para crescermos em aprimoramento dos dons psíquicos. . .” ([4], n.º 36).

a — **Bibliografia:**

- [1] André Luiz: **Mecanismos da Mediunidade.**
- [2] André Luiz: **Nos Domínios da Mediunidade.**
- [3] Emmanuel: **Emmanuel.**
- [4] Emmanuel: **Roteiro.**

b — **Leituras Complementares:**

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c — **Perguntas:**

- 1.ª) Qual é o primeiro nível de passividade que podemos oferecer?
- 2.ª) O que é a intuição?
- 3.ª) Qual o tipo de passividade na hipnose e na letargia?
- 4.ª) Qual a característica da apassivação na epilepsia e no sonambulismo?
- 5.ª) Descreve como se pode produzir o estado hipnótico.

LEIA TAMBÉM:

- 6.º) O que é a Hipnoterapia?
- 7.º) Quando o paciente se entrega à hipnose de recuperação por sua própria conta?
- 8.º) Que poder curativo é esse de certas relíquias?
- 9.º) O que é reflexo condicionado específico?
- 10.º) Quais os perigos da hipnose?
- 11.º) Pode o hipnotizador conduzir o hipnotizado a seu bel prazer?
- 12.º) Como o paciente alcança a cura?
- 13.º) Como se explica o faquirismo?
- 14.º) Como se desenvolve ao longo da evolução a faculdade de apassivação.
- 15.º) Qual poderá ser a maior fonte de dotes mediúnicos?
- 16.º) Como aparece o clímax mediúnico?
- 17.º) Quem são os médiuns em geral?

d — Prática de Renovação Íntima:

André Luiz — **Respostas da Vida.**
Estudar e pôr em prática o Cap. n.º 32.

e — AULA PRÁTICA:

TÍTULO: MEDIUNIDADE DE PROVAÇÃO.

1.ª PARTE: Abertura (20 min.).

A₁: Recomendações para a aula (2 min.).

A lei do amor (O Ev. Seg. o Esp., Cap. XI, n.º 8).

A₂, A₃, A₄, permanecem os mesmos.

2.ª PARTE: O TRABALHO (30 min.).

Os casos de perturbação podem ocorrer pelos mais variados motivos, mas também por invigilância ou desânimo. Mesmo espíritos de escol, como a história registra em muitos casos, podem resvalar pelos despenhadeiros da inconseqüência.

É nestes casos que a capacidade de apassivação das pessoas passa a denominar-se de mediunidade de prova. Trata-se da passividade relacionada a doença do espírito, e portanto incapaz de se prestar ao intercâmbio com o Plano Condutor. Para que ele se preste a isso, há que primeiro curar o espírito, sanar os males. Após isso, em seguida, pode o médium edificar aqueles valores que o habilitarão à intermediação. E isto é o que se denomina de desenvolvimento mediúnico.

Não se pode querer fazer o desenvolvimento, antes de sanar os distúrbios. Seria o mesmo que quer submeter um atleta ao treinamento, quando envolvido com uma distensão muscular. Primeiro a cura, depois o treinamento.

As causas de nossos males atuais são sempre relacionadas a experiências infelizes passadas. E quando nos reencontramos com os parceiros de passagem, pelo mecanismo semelhante ao do reflexo condicionado, o reflexo específico, se nos reavivam as emoções já provadas, o que nos arrasta a retomar as experiências já vividas e a reformulá-las.

Isto explica também os enlaces de prova.

O PROFETA DA MONTANHA AZUL

Mário B. Tamassía

Um profeta surge na Montanha Azul e ninguém conhecia a sua origem. Mas todos das mais diversas classes sociais, culturais e religiosas e diferentes partes do mundo, se reuniram para ouvir Sua Palavra que era doce e consoladora para ouvidos de alguns, e a outros mais parecia um açoite. Assim também acontecerá ao leitor, uns se sentirão sacudidos, outros, inebriados de tanta luz, outros ainda, sentirão medo pela ameaça de perderem o falso conforto proporcionado por idéias e dogmas arcaicos.

O Profeta pulsando Amor, aborda temas fundamentais e perenes tais como: Os Caminhos, A Evolução e A Liberdade do Espírito, A Ciência, A Palingenesia, A Verdade, O Conhecimento, A Dor, O Medo etc.

Não importa quantas vezes caminharos na leitura desta obra pois novas portas se abrirão e lindas paisagens que antes não tínhamos notado, surgirão ao longo do caminho.

MARLY, A PEQUENA ESTAFETA

Mário B. Tamassía

Um dia, Priscila, a sensível e sonhadora menina que vive num pequeno sítio, na pequena Cotia, encontra a encantadora boneca Marly, que pode aparecer, desaparecer, ser terna, arteira, brincalhona e conselheira. Pode também ser Marly-Fadinha, Marly-Bruxinha e até mesmo Marly-inseto, e, ainda, cantar à moda do Tirol.

Marly é uma pequena estafeta que traz e leva mensagens e notícias para o Além Terra.

O livro mistura bom humor, imaginação, não-coerência e poesia bucólica, mas sempre com o objetivo de instruir com muitos ensinamentos belos, morais e espirituais.

O livro é "o Primeiro Caderno de Memórias de Priscila" e acontece entre carros de boi, monjolo, cabritos e galinhas. E é destinado ao aprendizado espiritual do leitor infantil, porém o adulto ficará fascinado e enternecido com o mágico enredo e seus personagens, tais como Nhonhô, Zefa Tagarela, as bonecas Sinhazinha e Ciza, Dr. Juan e a iluminada dona Hermínia.

LEIA TAMBÉM:

A GÔNDOLA PRATEADA

(MUITO ALÉM DO MURO)

Mário B. Tamassía

Continuação de "Marly, a Pequena Estafeta". Surge agora Priscila, já mais mocinha, com seus 15 anos de idade. Marly retorna a bordo de uma linda gôndola prateada que voa e está acompanhada das bonecas Ciza e Sinhazinha, dos meninos Oiranzinho, Vinícius, Roberta, o primo Carmelino e o mano Nhonhô. Mas a surpresa maior é a tripulação do Grupo dos Notáveis, tais como Léon Denis, Jasão, o piloto Marconi, assessor tecnológico. Confúcio, auxiliar de relações humanas, Marechal de Bréden, coadjutor de disciplina, Frei Tibúrcio, dispensador de amor, Leonardo da Vinci, crítico de arte e Hedon, prático de pilotagem. Todos eles junto com Priscila partem numa louca viagem e estes ilustres personagens darão oportunidade de entrar numa enorme gama de temas espirituais e éticos a serem discutidos, mas basicamente eles se resumem em os "Direitos dos Animais" e os "Direitos dos Homens".

Na trama encontramos muito surrealismo e magia, aventura e emoção e o livro é destinado a qualquer faixa etária e ao leitor que aprecie o exercício de imaginação aliado a Grandes Questões. A criança destacará a imaginação e a aventura e o adulto, os questionamentos.

TOINZINHO E O ANJO GALDINO

Mário B. Tamassía

Através dos sábios e edificantes conselhos do bondoso "Anjo da Guarda" Galdino ao seu protegido, o pequeno Toinzinho, mergulhamos de maneira agradável e delicada dentro de ensinamentos morais e principalmente na luz da filosofia maravilhosa de Allan Kardec. Este é o primeiro livro da Trilogia Instrutiva do autor, sendo principalmente dedicado à criança. Mostra-se muito útil aos adultos que buscam o início do aprendizado da Doutrina Espírita.

RELAÇÃO DE CENTROS ESPÍRITAS E LIVRARIAS

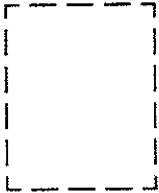
Para que a LAKE possa enviar lista de preços e material informativo, pedimos ao confrade preencher os dados abaixo dos Centros Espíritas e Livrarias de sua região ou cidade.

Nome
Rua Nº
Bairro
CEP Cidade UF
O Centro tem livreria? sim não

Nome
Rua Nº
Bairro
CEP Cidade UF
O Centro tem livreria? sim não

Nome
Rua Nº
Bairro
CEP Cidade UF
O Centro tem livreria? sim não

Nome
Rua Nº
Bairro
CEP Cidade UF
O Centro tem livreria? sim não



À
LAKE - LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA
(INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA)
rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
São Paulo - SP - BRASIL

.....
.....
.....
.....
.....
Remetente:

Dobre
Cole